

PEDRO HENRIQUE VICTORASSO

**A FOLIA DE REIS DA COMPANHIA DE REIS FERNANDES EM
OLÍMPIA/SÃO PAULO (1964-2014): entre o sagrado e o profano**

ASSIS

2015

PEDRO HENRIQUE VICTORASSO

**A FOLIA DE REIS DA COMPANHIA DE REIS FERNANDES EM
OLÍMPIA/SÃO PAULO (1964-2014): entre o sagrado e o profano**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade)

Orientadora: Prof^a Dr^a Zélia Lopes da Silva

ASSIS

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V645r

Victorasso, Pedro Henrique.

A folia de reis da Companhia de Reis Fernandes em
Olimpia/SP (1964-2014) : entre o sagrado e o profano/ Pedro
Henrique Victorasso. -- Assis, 2015

169f. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras de Assis
Orientadora: Zélia Lopes da Silva

1. História. 2. Cultura popular. 3. Folia de Reis - São Paulo
(Estado) - 1964-2014. 4. Festas populares - São Paulo (Estado)
5. História oral. I. Silva, Zélia Lopes da. II. Universidade Estadual
Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Faculdade de Ciências e Letras
de Assis. III. Título.

CDD – 394.26981

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP – Campus São José do Rio Preto

Em memória de meus queridos
avós Néllyde Baraldi Salmazo,
José Salmazo, Aparecida Nair
Polis Victorasso, Victalino
Victorasso.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo auxílio financeiro que possibilitou maior dedicação para a realização desta pesquisa.

A todos os foliões e ex-foliões da Companhia de Reis Fernandes que cederam entrevistas, em especial ao senhor Nilson Fernandes, que desde 2010 sempre me recebeu muito bem durante o giro e festejos do grupo e, também muito ajudou cedendo arquivos familiares para o desenvolvimento deste trabalho.

Sou muito grato à família Matos, Rubinho e Jael por toda ajuda e atenção, ao grande amigo Ronaldo, por me apresentar ao grupo e pelas longas conversas sobre Folias de Reis, discussões que enriqueceram esta dissertação.

Aos coordenadores do Museu de História e Folclore “Maria Olímpia” e à Associação Olimpense de Defesa do Folclore pela gentileza e disponibilidade de documentações.

Agradeço à professora Zélia Lopes da Silva pela orientação, mas sobretudo pelo exemplo de seriedade e trabalho. Professora, sou imensamente grato por toda atenção e disponibilidade, mesmo aos finais de semana e férias! A minha formação acadêmica muito se deve aos seus ensinamentos e paciência desde a graduação, muito do que aprendi devo a você! Muito obrigado!

Às professoras Sandra Pelegrini e Tânia Regina de Luca pelos importantes apontamentos durante o exame de qualificação.

Às boas amizades que fiz durante a graduação e mestrado, Alexandre Simão, Tiago Viotto, Lucas Mariani, Raphael Martins Ricardo, Luis Gustavo Botaro, Anelize Vergara, Felipe Bueno, Willian Martins, Leonardo Dallacqua, Eduardo Gomes, Euder Oliveira, Cesar Fernandes, Thiago Rodrigues de Paula, Lucas Lacerda, que desde então sempre me ajudaram de alguma maneira.

Aos amigos e companheiros da Arca de Noé, Caito, Thales, Tokuda, Bixo, Eric e Gustavo Japa, por aturarem minhas chatices e angústias durante este percurso.

Aos compadres Paulinho e Carol, por serem grandes amigos, conselheiros e ótimas companhias.

Aos bons e velhos amigos de Olímpia, Renato (timzão), Tiago (tim dr.), Murilo, Paulinho Cabral, Diego Fiorotto, Rodrigo (Chorão), Juninho, Leiliane, Lílian e Renatinho, por sempre participarem da minha vida.

Aos meus pais, Adileu e Denise, com profunda gratidão, pois se alcancei meus objetivos foi porque vocês sempre foram meu alicerce. Agradeço por sempre me ajudarem e me apoiarem nas horas difíceis. Amo vocês!

Ao meu irmão e amigo André, que sempre me ajudou nas minhas correrias, nas coisas deixadas para última hora, sempre pude contar com você!

À minha querida Camila, por ser minha companheira e minha amiga. Grande parte desta realização se deve a você, pois com carinho e dedicação sempre me motivou nos momentos mais difíceis, nos momentos em que batia o desânimo você estava ao meu lado para me escutar e aconselhar. Enfim poderemos comemorar!

Por fim, sou muito grato a todos que contribuíram de alguma maneira para o desenvolvimento desse trabalho.

Hoje é o dia de Santo Reis

Anda meio esquecido

Mas é o dia da festa

De Santo Reis

Hoje é o dia de Santo Reis

Anda meio esquisito

Mas é o dia da festa

De Santo Reis...

(Tim Maia)

VICTORASSO, Pedro Henrique. **A Folia de Reis da Companhia de Reis Fernandes em Olímpia/São Paulo (1964-2014): entre o sagrado e o profano**. 2015. 169 f. Dissertação (Mestrado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015.

RESUMO

A Folia de Reis, folguedo com características do sagrado e do profano, é um dos festejos religiosos mais populares no estado de São Paulo. O estudo ora realizado aborda essa prática cultural desenvolvida na cidade de Olímpia/SP pela Companhia de Reis Fernandes, fundada por Celso Fernandes que há mais de 50 anos participa das festividades devotas aos Santos Reis. Esta investigação se detém entre os anos de 1964-2014. A primeira data marca o início das atividades desse grupo, época na qual os foliões já residiam na cidade, mas desenvolviam a peregrinação integralmente na zona rural do município; com o período de deslocamento do giro, essa atividade passou a ocorrer na zona urbana. As variações nessa prática cultural reforçaram a necessidade de que essa análise se prolongasse até as atividades realizadas pelo grupo em 2014. Nesse sentido, o recorte temporal permitirá a concepção de uma análise sobre as transformações ocorridas nessas manifestações que podem ser distintas das práticas recorrentes. O objetivo da pesquisa é, pois, compreender as permanências e transformações nas práticas e representações culturais da Companhia, em decorrência das mudanças sociais e econômicas que marcaram a transição do espaço da festa, passando pelas relações entre os foliões e os devotos. Nesse esforço, foram pesquisados os anuários do Festival de Folclore de Olímpia e coletados relatos orais de membros da Companhia sobre as práticas e significações dessa manifestação, um levantamento que constitui importante fonte para esta pesquisa, abrindo assim também a possibilidade para abordagens de novas interpretações das realidades sociais inscritas nessa festividade do ciclo natalino.

Palavras-chave: Folia de Reis. Memória. História Oral.

VICTORASSO, Pedro Henrique. **The Folia de Reis of the Companhia de Reis Fernandes in Olímpia/São Paulo (1964-2014): between the sacred and the profane.** 2015. 169 pp. Dissertation (Masters in History). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015.

ABSTRACT

The *Folia de Reis*, a merrymaking which has sacred and profane characteristics, is one of the most popular religious festivities in the state of São Paulo. The study conducted herein approaches this cultural practice developed in the city of Olímpia, São Paulo, by *Companhia de Reis Fernandes*, founded by Celso Fernandes, that has been participating in the festivities devoted to the Holy Kings for more than 50 years. This research holds between the years 1964-2014. The first date marks the beginning of the activities of this group, time in which revelers were living in the city, but were fully developing the pilgrimage in its rural area; with the spin displacement period, this activity now occurs in the urban area. The variation in this cultural practice reinforces the need to analyze the activities of the group until 2014. Hence, the temporal cut will allow the conception of an analysis about the changes occurred in these demonstrations which may differ from recurrent practices. The objective of the research is therefore understand permanence and changes in practices and cultural representations of the *Companhia* as a result of social and economic changes that marked the transition of the celebration space, passing through the relations between revelers and devotees. In this effort, annuals of *Festival de Folclore de Olímpia* were researched and oral history about practices and meanings of this manifestation were collected from members of the *Companhia*, a survey that is an important source for this research; thus, it opens possibilities also to new interpretations of social realities in this festivity of the Christmas cycle.

Keywords: Folia de Reis. Memory. Oral History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 01 – Capa do Compacto-duplo “Olímpia e seu Folclore Musical”.....	35
IMAGEM 02 – Vista aérea da Praça de Atividades Folclóricas depois de concluída.....	37
IMAGEM 03 – Logotipo do Festival do Folclore de Olímpia.....	53
IMAGEM 04 – Entrega das chaves da cidade ao Curupira.....	57
IMAGEM 05 – Candidato a presidência da república presente no Festival do Folclore de Olímpia.....	61
IMAGEM 06 – As doações de novilhos.....	94
IMAGEM 07 – As carnes para a festa da Chegada da Bandeira.....	95
IMAGEM 08 – Bandeira da Companhia de Reis Fernandes.....	98
IMAGEM 09 – Pintura na bandeira que reproduz a visita dos Três Reis Magos.....	99
IMAGEM 10 – Fotografia pregada na bandeira.....	100
IMAGEM 11 – Cartão de empresa pregado na bandeira.....	101
IMAGEM 12 – Mecha de cabelo presa na bandeira.....	101
IMAGEM 13 – Os instrumentistas.....	113
IMAGEM 14 – Os instrumentistas.....	114
IMAGEM 15 – Os instrumentistas.....	114

IMAGEM 16 – O bandeireiro.....	119
IMAGEM 17 – A bandeira.....	119
IMAGEM 18 – Acrobacias do palhaço a caminho da festa de chegada de Reis.....	125
IMAGEM 19 – Simulação de luta com os facões.....	126
IMAGEM 20 – Cambalhotas dos palhaços.....	126
IMAGEM 21 – Situação na qual o palhaço retira a máscara em respeito ao presépio.....	129
IMAGEM 22 – A bandeira da Companhia de Reis Fernandes.....	132
IMAGEM 23 – A bandeira da Companhia de Reis Fernandes.....	133
IMAGEM 24 – Homenagem ao folião falecido antes do início da chegada da bandeira..	145
IMAGEM 25 – “Chegada da Bandeira”.....	147
IMAGEM 26 – Representações dos três Reis Magos na chegada da bandeira.....	147
IMAGEM 27 – Os três arcos de bambu.....	148
IMAGEM 28 – Diálogo do palhaço com o festeiro durante a chegada da bandeira.....	150
IMAGEM 29 – Momento em que os palhaços procuram balas e notas de dinheiro escondidas no arco.....	150
IMAGEM 30 – Presépio vivo durante a chegada da bandeira.....	151

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Censo da população rural e urbana do município de Olímpia – SP (1970-2000).....	31
QUADRO 2 – Companhias de Reis de Olímpia - SP, Julho de 2014.....	65

LISTA DE MAPAS

MAPA 01 – Localização do município de Olímpia, São Paulo.....	30
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1	
O ESPAÇO DO FESTEJO – A participação do município de Olímpia no Movimento Folclórico Brasileiro	
1.1 – O movimento folclórico em Olímpia	30
1.2 – Debates acerca do movimento folclórico no Brasil	39
1.2.1 - A criação de instituições e o reconhecimento Estadual e Federal	51
CAPÍTULO 2	
A FOLIA DE REIS: entre práticas profanas e o fervor religioso	
2.1 - Os Estudos sobre as Folias de Reis no Brasil	67
2.2 – Os festejos dos santos no catolicismo tradicional.....	75
2.2.1 – Catolicismo tradicional e Catolicismo Renovado.....	76
2.2.2 – As práticas religiosas tradicionais em Olímpia.....	81
2.2.3 – As relações de trocas entre homens e divindades.....	90
CAPÍTULO 3	
AS PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DA COMPANHIA DE REIS FERNANDES	
3.1 – Os foliões e suas apropriações.....	104
3. 2 – A peregrinação e seus rituais - A cultura material e imaterial da Companhia de Reis Fernandes.....	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	156
REFERÊNCIAS.....	160
FONTES.....	166

INTRODUÇÃO

A investigação proposta teve como objetivo perquirir a trajetória, as transformações e permanências nas práticas e representações da Folia de Reis desenvolvida pelo grupo Companhia de Reis Fernandes do município de Olímpia, localizado no interior do estado de São Paulo.

Sabe-se que em Olímpia já existiram e ainda existem vários grupos de Folias de Reis, então, deve-se perguntar, por que estudar a Companhia de Reis Fernandes? Qual seria sua importância no contexto local? Qual a sua origem? Pois bem, na cidade de Olímpia existem atualmente doze grupos de Folias de Reis, o grupo escolhido para a investigação detém grande representatividade para a comunidade local, além de ser o mais antigo em atividade e sem interrupção nessas práticas festivas. No início, o nome do grupo era Companhia de Reis Presépio de Jesus. Foi fundado pelo folião¹ Celso Fernandes, morador do bairro Jardim Paulista, que iniciou suas atividades no ano de 1964.

As peregrinações dessa Companhia começaram quando Celso Fernandes fez uma promessa para os Três Reis Santos. Ao alcançar a sua graça, por sete anos consecutivos ele saiu com a Folia de Reis sendo que todo dinheiro arrecadado durante o giro² era revertido para a festa de encerramento, aberta a toda a comunidade, nomeada pelo grupo como Chegada da Bandeira que, desde o início acontece no primeiro sábado após o dia 6 de janeiro (dia de Santos Reis). Depois de cumprir os sete anos, um fazendeiro promesseiro, interessado em pagar uma promessa, pediu que a família Fernandes continuasse a jornada em homenagem aos santos em seu nome. Desde então esse ciclo festivo repetiu por inúmeras vezes, isto já dura mais de cinquenta anos. Sendo assim, faz-se necessário a pergunta: Por que entre tantos grupos que já existiram em Olímpia, a Companhia de Reis Fernandes se destaca e consegue manter suas atividades há tanto tempo?

É nesse sentido que os estudos sobre a estrutura do grupo, assim como os mitos, símbolos e rituais compreendidos por essa Companhia servirão para esclarecer melhor sobre sua trajetória e traçar as transformações nessa festividade e seu impacto na comunidade local.

¹ Nas Folias de Reis, o folião é um devoto que desenvolve alguma função dentro do grupo que faz a peregrinação em nome dos Santos Reis.

² “Giro” é o nome dado pelos foliões para o período de peregrinação em que eles saem de casa em casa anunciando o nascimento de Jesus Cristo, representando a jornada dos Magos do Oriente.

O recorte temporal da pesquisa se dá entre os anos de 1964 e 2014. A primeira data marca o início das atividades desse grupo, passando nesse ínterim pelo deslocamento da peregrinação dessa Companhia do espaço rural para o urbano, até chegar às festividades do ano de 2014. O longo período de análise possibilitou uma melhor compreensão das transformações ocorridas nessa Folia de Reis, as quais podem ser distintas das práticas recorrentes.

O deslocamento na jornada do grupo ocorreu em fins dos anos 1990, porém, vale ressaltar que a análise documental não se encerra neste período. Embora esse recorte marque uma ruptura considerável na peregrinação dessa Companhia, as alterações nessa manifestação ocorreram gradualmente, tanto antes, quanto depois dessa mudança espacial do festejo.

Antes da transposição do festejo do espaço rural para o urbano os foliões, residentes em sua maioria na zona urbana, se deslocavam da cidade para participar integralmente do giro na zona rural. Eles partiam anualmente no dia 25 de dezembro e voltavam para suas residências apenas no 6 de janeiro, dia de Santos Reis. No entanto, em fins dos anos 1990, devido a fatores que serão discutidos no decorrer desta pesquisa, esse grupo modificou suas práticas, deixando de peregrinar por 11 dias de forma direta, para desenvolver uma jornada de forma fracionada. Também é um período em que o giro se desenvolve com maior frequência no espaço urbano, onde durante os dias da semana a peregrinação ocorre apenas à noite, após o expediente de trabalho e, durante todo o dia aos finais de semana. Como o tempo para desenvolver todo o ritual se tornou mais curto, a Folia por vezes inicia com antecedência suas atividades anuais. Sendo assim, os foliões passaram a voltar diariamente para suas casas.

É importante destacar que a discussão se alongará até as atividades realizadas pelo grupo em 2014 pelo fato desta pesquisa abordar uma história do tempo presente, cuja principal fonte são depoimentos de pessoas que ainda atuam de alguma maneira nesse festejo. Entende-se que essa manifestação, ano a ano sofre variações, portanto, um recorte temporal breve implicaria em deixar de lado mudanças recentes, capazes de serem compreendidas a partir das falas dos participantes, assim como, da participação do pesquisador nos rituais.

Para tanto, serão examinadas as variações nos símbolos e rituais da Folia de Reis do grupo abordado e também se analisará se, para os foliões houve mudanças significativas na receptividade dos devotos que os recebem durante o giro, após a transição do espaço do festejo.

Em visto do proposto, foi realizado um mapeamento dessa festividade do ciclo natalino e levantadas questões sobre as estruturas/relações da Companhia de Reis Fernandes nos diversos setores da comunidade na qual ela está inserida, visando detectar as redefinições

e permanências no caráter dessas encenações que foram objeto desta pesquisa. Isso significa dizer que a estrutura do grupo foi investigada para compreender se depois da mudança espacial do festejo, algumas práticas culturais dessa Folia de Reis foram readequadas ou até mesmo desapareceram nesse processo de transição.

Exposto isto, algumas perguntas evidenciaram-se: Na peregrinação, chamada de giro pelos foliões, quais foram as variações? Como os integrantes da Folia se articulavam nos empregos para seguir a peregrinação? Quais fatores determinavam o trajeto do grupo? Eram utilizados que tipos de transportes?

Outras questões da pesquisa se voltam para o papel de seus símbolos e personagens. Os pontos em questão eram: Qual a importância da bandeira para os seus integrantes? Nesse grupo sempre existiu a figura do palhaço? As mulheres podiam participar dos rituais? Qual é a influência do festeiro na realização da peregrinação?

A religiosidade que perpassa essa manifestação é um elemento fundamental em sua efetividade. Consta-se que as Folias de Reis inserem-se no denominado catolicismo popular ou tradicional brasileiro, que tem como característica a prática religiosa leiga, isto é sem contar com a intervenção do clero para sua realização. Esta prática, que se caracteriza pela adoração aos Três Reis Magos, transparece na cultura material que, historicamente, a partir do contato com povos ameríndios e africanos, absorveu alguns de seus elementos culturais, dessa forma pode-se constatar que as Companhias de Reis passaram por um processo de hibridização ao longo dos anos.

Sabe-se também que, devido ao seu caráter leigo, a partir de 1980, estes grupos que praticavam a Folia de Reis em diversas regiões do Brasil foram perseguidos pela Igreja Católica Brasileira em ações disciplinadoras, como uma tentativa de controlar o catolicismo popular. No que concerne a essa postura, cabe perguntar: Quais eram as relações da Igreja Católica de Olímpia com a Companhia estudada? Durante as visitas, quais eram as reações das pessoas que não eram devotas aos Santos Reis ou de outras religiões?

É importante também investigar se houve alguma dificuldade por parte da Companhia em manter os rituais da Folia de Reis na área urbana. Sendo assim, como eram recebidos pelos devotos? As doações para a festa da Chegada da Bandeira foram prejudicadas de alguma maneira? As pessoas continuaram fazendo promessas para os Santos Reis? Será observado se a manutenção dessa manifestação, que é passada de geração para geração, enfrentou dificuldades após a mudança no ambiente das festividades.

Vale ressaltar que o município de Olímpia é reconhecido nacionalmente por seu Festival do Folclore, que anualmente convida diversos grupos folclóricos, dentre eles as

Folias de Reis do município e da região, para a participação no festival realizado no mês de agosto (mês do Folclore). Entretanto, sabe-se que o ritual de peregrinação das Folias acontece apenas no fim de dezembro e começo de janeiro. Sendo assim, como é a aceitação dos integrantes da Folia estudada sobre a participação, ou não, no festival? Os componentes desse grupo estão preocupados com a propagação e preservação desse costume como propõem os folcloristas, ou apenas se preocupam com a fé e devoção nos Santos Reis?

Desse modo, a pesquisa teve como proposta investigar quais os tipos de modificações que aconteceram nas práticas e representações culturais da Folia de Reis mediante o seu deslocamento para o espaço urbano, fator que gerou transformações no festejo afetando, de certa maneira, todo o grupo e outros indivíduos envolvidos.

É recorrente que as informações acerca do festejo da Folia de Reis sejam provenientes de pesquisas elaboradas por folcloristas, sociólogos, etnógrafos, memorialistas, geógrafos e músicos, de acordo com os interesses e métodos específicos de cada área. Entretanto, apenas nas últimas décadas, as festas se tornaram alvo de estudos da História, como evidencia o historiador Durval de Albuquerque Júnior, em 2011, no artigo “Festas para que te quero”, no qual esclarece a postura dos historiadores, que marginalizavam temas sobre as manifestações festivas deixando esse assunto ao cargo principalmente dos folcloristas e etnógrafos, pois estes acreditavam que nos costumes e festejos do povo se encontraria a verdadeira identidade nacional.

O autor alerta, porém, que as festas estão longe de serem manifestações autênticas do povo, como também não se desenvolvem num mundo cultural à parte; elas seriam espaços de negociações, tensões, conflitos e alianças entre as diversas segmentações, definindo assim, as permissões, proibições, o que deve ser incluído ou excluído nas tradições (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 148).

Sendo assim, produzir uma análise sobre essa temática significa enfrentar as dificuldades teóricas e de interpretação em decorrência das discussões ferrenhas travadas por historiadores, sociólogos e folcloristas no âmbito da História Cultural. Nesse campo teórico existem alguns conceitos que frequentemente geram divergências, como *tradição* e a divisão da cultura em *popular* e *erudita*.

Segundo Martha Abreu e Rachel Soihet, apenas após a década de 1970 é que surge o interesse dos historiadores pela cultura popular. No entanto, *cultura popular e tradição* já eram discutidas por outros intelectuais há tempos (ABREU; SOIHET, 2003, p. 87-89). Embora recente na historiografia, esse debate tem gerado inúmeras divergências com relação às definições de conceitos.

Para alguns intelectuais, a cultura e os costumes de um povo são vistos como continuidade de antigas tradições. No entanto, para o historiador marxista Eric Hobsbawm, algumas “tradições” que parecem antigas são bastante recentes ou são inventadas, assim, o uso desse termo requer maior cuidado por parte do pesquisador. Hobsbawm sugere que os historiadores não devem focar no estudo da sobrevivência das tradições, mas em como elas surgiram e se estabeleceram (HOBSBAWM, 1997, p. 9-10). O autor define a tradição como um conjunto de práticas fixas de natureza ritual ou simbólica, incluindo novos valores a partir da repetição, mantendo assim, uma continuidade em relação ao passado histórico. A função da tradição é a de estabelecer mudança ou resistência do precedente ou dar continuidade histórica para um povo (HOBSBAWM, 1997, p. 9-10).

De acordo com o autor, também marxista E. P. Thompson, cabe aos historiadores analisar as culturas no seu contexto, focalizando o período, o lugar no qual está inserida e os grupos sociais e econômicos que a compõe (THOMPSON, 1998, p. 395). Em seus trabalhos, Thompson aponta que, ao contrário do que se supunha, a cultura popular não foi extinta com as transformações locais. Também analisa que a cultura plebeia interagiu e negociava com a cultura dos patrícios, mas estas não se confundiam; o autor defende que a cultura popular era um campo de conflitos e mudanças, todavia, o termo cultura popular só ganha significado quando se arraiga num contexto histórico.

Anteriormente a essas intervenções, o historiador inglês Peter Burke, ao analisar a cultura popular dos inícios da Idade Moderna, sugere que a cultura – vista como um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas – é dividida em classes subalternas (artesãos e camponeses) e classes altas (elite) (BURKE, 1995, p. 55). Burke afirma a existência de uma divisão cultural, porém, essas partes interagem sendo necessário, para um estudo aprofundado, estar atento para a interação dessas culturas, pois a fronteira entre as várias culturas do povo e as culturas das elites é tênue; por isso, ele afirma que a atenção do historiador deve concentrar-se na interação e não na divisão rígida entre elas.

Entretanto, Roger Chartier, historiador francês, entra nesse debate para desconstruir o conceito de cultura popular. O autor não entende a cultura dividida em um esquema binário de classe, ou seja, não se pode dividir o universo cultural em termos de classe social. De acordo com Chartier, todas as manifestações “populares” são compostas por negociações e conflitos com a participação da classe dominante (CHARTIER, 1995, p. 189). Segundo o autor, é uma operação inútil tentar identificar a cultura popular a partir de objetos ou modelos culturais, por mais complexo que pareça mais é preciso entender como se dá sua apropriação pelos grupos ou indivíduos. Nesse sentido, a cultura deve ser entendida como o estudo dos processos de

construção de sentidos para o grupo social (CHARTIER, 1995, p. 181-184). Dessa maneira, é possível compreender as práticas plurais que constroem o mundo como representação.

Em vista do exposto, este estudo insere-se no campo da História Cultural e trabalha com o conceito de *cultura como representação*, tendo como principal aporte teórico o trabalho de Roger Chartier, que afirma a necessidade de identificar todos os símbolos e considerar como simbólicos todos os signos, atos ou objetos que consolidam a organização do mundo social ou natural, assim o conceito de símbolo é a extensão máxima do conceito de representação.

Vale ressaltar que esta pesquisa foi elaborada em concordância com o discurso de Chartier de que não existe uma barreira fixa entre o erudito e o popular, mas sim uma dinâmica cultural. Portanto, não é possível compreender a “cultura popular” como algo concreto, único e pertencente a determinado grupo ou objeto. Deste modo, a Folia de Reis da Companhia de Reis Fernandes foi analisada em seu contexto e em suas singularidades, visando o período, a demarcação espacial, os grupos participantes e as questões sociais e econômicas que perpassam o festejo.

Sendo assim, nota-se que múltiplas leituras podem surgir de uma mesma prática cultural, de acordo com quem se apropria dela, em que época se dá essa apropriação e quais significados ela recebe. Chartier considera não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao seu mundo.

Para tanto, a coleta de depoimentos orais constitui-se como principal fonte histórica para o encaminhamento da pesquisa, visto que, o grupo abordado não produziu documentação escrita durante os mais de cinquenta anos de atividade. A História Oral consiste no método de pesquisa que utiliza técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana. Esse método foi importante para a produção de fontes, pois as manifestações das Foliás de Reis são detectadas em relatos de experiência dos membros da Companhia, abrindo assim, a possibilidade para a abordagem de novas interpretações de suas realidades sociais.

Contudo, a História Oral não pode ser vista apenas como uma técnica, pois ela tem contribuído muito para a sociedade local ou nacional, com a preservação da memória de indivíduos, grupos e instituições; sendo usada também em projetos de natureza social para a construção ou reconstrução da identidade individual e coletiva.

Na discussão sobre memória, Marieta de Moraes Ferreira, em seu artigo “História Oral, comemorações e ética”, tem como foco a preocupação das sociedades contemporâneas

com a perda do sentido do passado e com o aprofundamento da capacidade de esquecer. Assim, as comemorações surgem como elemento importante nesse processo de redefinição de identidade (FERREIRA, 1997, p. 157-164). Para a autora:

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade e de credibilidade, e que se estabelece por meio da negociação direta com os outros. Isto quer dizer que a memória e identidade podem ser perfeitamente negociadas e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo (FERREIRA, 1997, p. 157).

Ferreira argumenta que a memória constitui um elemento importante para o reconhecimento e valorização de indivíduos e grupos, então até mesmo uma memória constituída efetua um trabalho “de manutenção, de renovação, de coerência, de unidade, de continuidade, de organização” (FERREIRA, 1997, p. 157).

Outro aspecto relativo ao uso de depoimentos orais como fonte que vale ser destacado é a questão da subjetividade. Alessandro Portelli esclarece que excluir a subjetividade no testemunho de História Oral seria o mesmo que alterar os fatos narrados. O autor argumenta que as fontes orais, assim como qualquer outra é construída, portanto, é passível de influências de subjetividades tanto de quem produz a fonte, quanto de quem vai interpretá-la (PORTELLI, 1996, p. 59-72). Nesse sentido, não existe “depoimento errado”, mas sim, uma forma “narrativa do sonho de uma vida pessoal e de uma diferente história coletiva” (PORTELLI, 1993, p. 41-58)³.

Para Alessandro Portelli, a história oral e as memórias nos oferecem um “campo de possibilidades, compartilhadas, reais ou imaginárias”, mas o pesquisador deve estar ciente da dificuldade na organização desse campo, pois as mentes das pessoas apresentam diferentes destinos possíveis. Segundo o autor, essa “miríade de diferenças individuais” nos faz lembrar que a sociedade não é homogênea. Sendo assim, a subjetividade das fontes orais não surge como uma interferência na objetividade factual do testemunho, mas abre para o pesquisador um campo de possibilidades.

Portanto, a palavra chave aqui é *possibilidade*. No plano textual, a representatividade das fontes orais e das memórias se mede pela capacidade

³ Nesse artigo, o autor faz uma análise da veracidade nas fontes orais a partir de um trabalho de campo com operários comunistas da cidade de Terni, na Itália. Todos os relatos não se referem a como a história se desenrolou, mas como ela poderia ter ocorrido. Seu campo não incide na realidade, mas na possibilidade. PORTELLI, Alessandro. *Sonhos Ucrônicos. Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores*. Projeto História, São Paulo, (10), dez. 1993.

de abrir e delinear o campo das possibilidades expressivas. No plano dos conteúdos, mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pelo delinear da esfera subjetiva da experiência imaginável: não tanto o que acontece materialmente com as pessoas, mas o que as pessoas sabem ou imaginam que possa suceder. E é o complexo horizonte das possibilidades o que constrói o âmbito de uma subjetividade socialmente compartilhada (PORTELLI, 1996, p. 65-66).

No artigo “História Oral, Identidade e Sociedade: desafios e perspectivas”, Lígia Maria Leite Pereira analisa de forma complementar o que ela aponta como “dilema objetividade/subjetividade” em fontes orais. Segundo Pereira, no trabalho da História Oral apresenta-se uma dupla subjetividade: a do entrevistador e a do entrevistado, correspondendo a duas indagações: como o pesquisador lida com sua própria subjetividade e como pode dar conta da subjetividade alheia. De acordo com a autora, ao produzir um documento oral, o pesquisador não conseguirá se desvencilhar de sua subjetividade. Entretanto, Pereira afirma que esse tipo de trabalho diminui as fronteiras entre o meio acadêmico e a sociedade, pois desempenha projetos culturais e sociais com os indivíduos, comunidades e grupos das mais diversas naturezas (PEREIRA, 2002, p. 7-8).

Nesse sentido, o núcleo de entrevistados foi composto por pessoas de diferentes gerações, que participaram ativamente de alguma maneira da realização dos festejos dessa Companhia de Reis. As entrevistas não foram restritas apenas aos foliões que saem em peregrinação. Também foram ouvidos alguns dos filhos de Celso Fernandes, fundador do grupo, que vivenciaram muitas experiências e que muito contribuíram para os resultados da pesquisa.

Para a realização da pesquisa foi fundamental o contato com a Companhia de Reis Fernandes, principalmente com o dono/gerente da Folia, o senhor Nilson José Fernandes, que possibilitou a formulação de uma lista com os nomes de pessoas que fazem ou já fizeram parte do grupo entre os anos de 1964 e 2014, assim como, a indicação dos contatos dos filhos de Celso Fernandes. Muitos dos foliões que participavam do festejo antigamente já faleceram, contudo, como critério de análise, foram escolhidas pessoas cujo vínculo com a Companhia de Reis fosse mais antigo, para que assim fosse possível traçar uma análise de como eram as práticas e rituais do grupo antes e depois da transição do festejo. Vale ressaltar que, a maior parte dos entrevistados ainda participa das festividades aos Santos Reis, outro fator que foi determinante na escolha do núcleo.

Sendo assim, a lista de entrevistados é composta por: Nilson Fernandes (filho do fundador/gerente/contrato), Sebastião Togneri (genro do fundador/mestre/embaixador),

Rubens José de Carvalho (4ª voz), Roberto José de Carvalho (contramestre), Aparecida Donizete de Souza Fernandes (nora do fundador/tala), Dorival Ribeiro (palhaço), Nelson Fernandes (filho do fundador), Nadir Maria Fernandes (filha do fundador), Arnaldo Luís Nardelli (genro do fundador/palhaço). Nesse sentido, foi estabelecido um contato inicial com as pessoas selecionadas, explicando o teor da pesquisa e suas intenções, a fim de marcar entrevistas que foram gravadas em áudio.

Para o desenvolvimento da pesquisa, também foi realizada junto à Companhia de Reis a coleta de canções, fotografias, vídeos, assim como a participação ativa durante a peregrinação do grupo, pois a experiência de proximidade com a Folia de Reis foi fundamental para os resultados da investigação. Esses documentos serão analisados juntamente com as fontes orais, visando à reconstituição da memória desse grupo na perspectiva de conseguir respostas às questões levantadas no decurso desse estudo.

A produção de fotografias das encenações do grupo durante o percurso da Folia de Reis e sua análise foram importantes para o entendimento desses materiais que trazem a percepção e o olhar do receptor (o pesquisador) e não de seus protagonistas. Esse material imagético foi essencial por permitir, a partir desse registro, recuperar cena a cena o desenrolar do ritual, dando assim, condições a uma análise mais verticalizada do seu acontecer.

Por muito tempo o historiador destinou tratamento secundário a esses documentos e demonstrou preconceito quanto a sua utilização, pois prevaleciam os documentos escritos. Demorou, mas após a ampliação do universo das fontes na pesquisa histórica, os historiadores passaram a utilizar as fotografias como documentos históricos portadores de múltiplas significações (KOSSOY, 1989, p. 10-11).

Toda fotografia parte do desejo de um indivíduo. As fotografias, como todos os documentos monumentos, são objetos produzidos pelo homem e têm atrás de si uma história. Portanto, é necessário, segundo Kossoy, que se conheça sobre o autor da fotografia, que é considerado o filtro cultural, pois a foto carrega toda a bagagem cultural, sensibilidade e criatividade de seu autor, transparecendo suas ideologias. É preciso investigar o que motivou esse fotógrafo, se foi uma foto apenas artística ou se foi feita para armazenar um fragmento do espaço temporal.

Para os estudiosos da história social, da história das mentalidades e dos mais diferentes gêneros da história, assim como para pesquisadores de outros ramos de conhecimento, são as imagens documentos insubstituíveis cujo potencial deve ser explorado, mas estes conteúdos, jamais deverão ser entendidos como meras ilustrações ao texto. Assim, se torna uma possibilidade de investigação e descoberta na medida em que se tentar

sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos, e por consequência da realidade que os originou (KOSSOY, 1989, p. 20).

A partir de reflexões metodológicas acerca do uso das fotografias no trabalho histórico, Kossoy aponta que somente pelo contínuo cruzamento das informações (implícitas e explícitas) existentes nos caracteres externos e internos do objeto imagem, poderá se determinar com precisão os componentes do processo que geraram essas fontes históricas. Qualquer que seja a fotografia a ser submetida ao exame técnico-iconográfico, essa inter-relação entre os caracteres externos e internos deve ser constantemente realizada (KOSSOY, 1989, p. 58).

Ao atualizar o debate sobre as imagens, a autora Martine Joly aponta que atualmente se vivencia uma “civilização das imagens”, as quais comunicam e transmitem mensagens que, mesmo que “nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece” (JOLY, 1996, p. 13). A partir dessa definição do conceito de imagem, a autora sugere um trabalho semiótico para uma melhor compreensão do assunto. Para a autora,

abordar ou estudar certos fenômenos em seu aspecto semiótico é considerar seu *modo de produção de sentido*, ou seja, a maneira como provocam significações, isto é, interpretações. De fato, um signo só é “signo” se “exprimir ideias” e se provocar na mente daquele ou daqueles que o percebem uma atitude interpretativa (JOLY, 1996, p. 29).

Desta forma, Joly afirma que por sermos seres socializados, desde a infância estamos rodeados de signos; assim, aprendemos a interpretar o mundo que nos cerca, seja ele cultural ou “natural”. No entanto, segundo a autora, durante a análise da imagem é frequente a confusão entre percepção e interpretação. Portanto, reconhecer o motivo do autor da imagem não significa que se esteja compreendendo a mensagem da imagem, cuja significação pode ser particular, vinculada tanto ao seu contexto interno quanto ao de seu surgimento, às expectativas e conhecimentos do receptor. “Deste modo, reconhecer motivos nas imagens visuais e interpretá-los são duas operações mentais complementares, mesmo que tenhamos a impressão de que são simultâneas” (JOLY, 1996, p. 42).

De acordo com Martine Joly, a função do analista de imagens é decifrar as significações que a “naturalidade” aparente das mensagens visuais implica (JOLY, 1996, p.

43). Porém, deve-se levar em conta a função que elas exercem, assim como, as expectativas que elas geram e seus diversos contextos (JOLY, 1996, p. 68).

Assim sendo, a compreensão necessita que o analista leve em conta alguns contextos de comunicação, da historicidade de sua interpretação e de suas especificidades culturais. A partir da análise, pode-se estimular um espírito crítico que consiste na história da representação visual na qual ela se inscreve, assim como sua relatividade poderá então propiciar uma interpretação criativa (JOLY, 1996, p. 135-136).

Alargando a discussão, o historiador Raphael Samuel aponta que no mundo antigo, a arte da memória era uma arte pictórica que enfocava imagens em detrimento de palavras, como uma maneira mais efetiva e segura de memorizar algo. A memória e a história quase sempre são colocadas em campos opostos, mas, para Samuel, a memória é mais do que um sistema de armazenagem de imagens do passado, é uma força ativa e dinâmica, em que o que se planeja esquecer é tão importante quanto o que se lembra, desta forma, é dialeticamente relacionada ao pensamento histórico. O autor relembra o estudo de Aristóteles sobre a memória, no qual foi cunhado o termo *anamnesis*, como ato consciente de relembrar, como um trabalho intelectual muitíssimo semelhante ao do historiador – matéria de citação, imitação, empréstimo e assimilação – pois era uma forma de construir conhecimento (SAMUEL, 1997, p. 42-44).

Raphael Samuel considera que, para o historiador, os temas mudaram com a virada historicista na cultura britânica e, também, com o crescente desencantamento da promessa do modernismo, uma versão que pode ser datada para o final dos anos 1960. As imagens passaram a ser escolhidas pelos historiadores não por exigência da forma das coisas a vir, ou como exemplificação daquelas unidades maiores que transcendem a simples divisão temporal, mas por sua aura de passado. Para Samuel:

Quando os historiadores, pela primeira vez se voltaram para as fotos antigas, esse era um modo de modernizar o tema, de trazer e de diminuir a distância entre o passado e o presente [...] Era uma maneira de ver a sociedade do XIX com os olhos do XX, ou, como um historiador da fotografia ponderara, ver que “o então pode também ser o agora” (SAMUEL, 1997, p. 54).

Assim, o historiador, como qualquer outra pessoa, espera que a foto conte uma história, e esta quando conta mais de uma, ou nenhuma, acaba dificultando o trabalho histórico. Segundo Samuel, há pouca paciência com imagens que guardam segredos. Para estas é preciso uma leitura profunda para levantar os mínimos detalhes, entretanto, se a foto for bem escolhida o documento fala por si só (SAMUEL, 1997, p. 60).

Samuel argumenta que na ausência de um método crítico, mesmo rudimentar, uma velha foto é sujeita apenas a ser usada como uma transparência, mostrando a história “como foi”. Se o objetivo do pesquisador é construir novas narrativas ou perseguir problemáticas diferentes, ele deve tomar uma distância crítica. O autor critica os historiadores que tomam as fotos como verdade imediata e as tratam como reflexos transparentes do fato: “Nós nem sempre seguimos as regras elementares de nossa profissão, tais como perguntar o nome do fotógrafo, as circunstâncias nas quais a foto foi tirada ou sua data” (SAMUEL, 1997, p. 60-61).

Além da produção da fotografia, o historiador tem como tarefa analisar como se deu a recepção dessa imagem. Para Samuel, “tornou-se lugar-comum, na crítica contemporânea, colocar o significado no olho do observador: a foto contará histórias diferentes dependendo da forma como for emoldurada; e que a pós-imagem, sujeita a apropriações múltiplas e dissonantes, divergirá radicalmente de seu original”. Sendo assim, a fotografia como um documento de múltiplos significados tende a fornecer diferentes leituras de acordo com a bagagem cultural do observador (SAMUEL, 2000, p. 32).

Como uma tentativa de elucidar o caminho a ser seguido pelo pesquisador de velhas fotos, Raphael Samuel assinala que deve ser feita uma desconstrução usando “fotos em conjunto com testemunho oral e documentos escritos, juntando diferentes classes de evidência, ou usando uma para expor os silêncios e as ausências da outra, é um procedimento que historiadores podem usar para sustentá-los na explicação e interpretação” dessas fontes históricas (SAMUEL, 2000, p. 65).

Embora existam diferentes abordagens teóricas que trabalham com fotografia, os aportes metodológicos propostos ressaltam alguns cuidados acerca do uso desse material no trabalho do historiador. Nesse sentido, é evidente que deve existir um conhecimento prévio sobre o assunto da fotografia, assim como do que está ausente na mesma. Cabe ao historiador buscar conhecer sobre o autor da fotografia e, também, como pesquisador, estabelecer um distanciamento crítico dessa fonte.

Portanto, a partir da análise das fontes, acredita-se ser possível compreender as permanências e transformações ocorridas nas práticas e representações culturais da Folia de Reis estudada, em decorrência das mudanças sociais e econômicas no local onde a festa está inserida, assim como a relação entre essas transformações e os devotos.

Nota-se que, durante o ciclo festivo, o grupo que integra a Folia de Reis estudada visita um elevado número de residências, o que deixa clara a importância da Companhia para a comunidade na qual está inserida. A partir dessa prática cultural que faz parte do cotidiano

dessas pessoas, foi possível enxergar a relação de todas as esferas da existência humana no festejo em questão, não apenas no âmbito cultural. Assim, se espera que este trabalho seja uma nova contribuição para o maior conhecimento desse tema na historiografia brasileira.

O resultado desse estudo será apresentado em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “O Espaço do festejo – A participação do município de Olímpia no movimento folclórico brasileiro” divide-se em dois tópicos. O primeiro tópico analisa o movimento folclórico desenvolvido nesse município. Vale ressaltar que, historicamente, segundo Vilhena, o Movimento Folclórico entrou em declínio no ano de 1964, entretanto, em Olímpia, as questões folcloristas se fortaleceram a partir do ano de 1965, quando ocorre o primeiro Festival do Folclore. Desde então, com forte apoio de instituições públicas e privadas, esse evento se fortaleceu e o município passou a ser conhecido como “Capital Nacional do Folclore”, titulação reconhecida por folcloristas como Câmara Cascudo e Renato Almeida.

A fim de produzir uma análise sobre a participação ativa do município na defesa do Folclore nacional foram utilizados como fontes os anuários do Festival do Folclore de Olímpia (produzidos desde o 7º Festival). Nesse rico material é possível encontrar a publicação de trabalhos de folcloristas locais e de outras regiões do país, de leis e decretos municipais e nacionais relacionados ao Folclore, de noticiários e imagens do festival anterior e correspondências recebidas de folcloristas e instituições públicas e privadas do Brasil e do exterior. Essas fontes apontam o quão forte foi esse movimento que aconteceu nessa cidade graças às inúmeras manifestações folclóricas encontradas nesse pequeno município, como Folias de Reis, Catiras, Folia do Divino, Terno de Moçambique, Congada, como também, à iniciativa do folclorista José Sant’anna, um professor idealizador.

Nesse contexto, foi criado um Departamento de Folclore, uma Comissão Municipal, um Museu do Folclore, uma Praça de Atividades Folclóricas, decretos com o intuito de preservar as manifestações folclóricas, forte movimento para a criação de uma Faculdade Municipal de Folclore (com apoio de professores de universidades como a UFMG), entre outras iniciativas. Desde a criação do Departamento sempre houve uma ajuda na manutenção dos grupos folclóricos locais, um apoio financeiro para compra de roupas e instrumentos.

Em seguida, o segundo tópico recupera o momento de definição e expansão do Movimento Folclórico no Brasil, principalmente entre os anos de 1947 a 1964, período de grandes debates e políticas em prol do tema Folclore. Para tanto, pretende-se situar o leitor sobre o contexto histórico do Movimento Folclórico nacional, a partir das produções e instituições criadas durante o período. Posteriormente, esse movimento gerou uma forte

organização em defesa do Folclore nacional no município de Olímpia, interior do estado de São Paulo, recorte espacial deste trabalho.

Assim sendo, o primeiro capítulo fortalece a justificativa do recorte espacial e temporal desta pesquisa. Pretende-se apontar que a Folia de Reis e outras manifestações folclóricas que fazem parte do Folclore nacional, são de suma importância para o poder público e para a população desse município. O grupo de Folia de Reis, objeto de análise desta pesquisa, bem como o período histórico no qual se insere esta discussão, são atravessados por este Movimento Folclórico que permeava Olímpia e, conforme os apontamentos de alguns foliões, coletados durante as entrevistas, influi positivamente na manutenção desse grupo.

No segundo capítulo, intitulado “A Folia de Reis: entre práticas profanas e o fervor religioso”, a análise é dividida novamente em dois tópicos. No primeiro tópico, o foco é explanar sobre o que é uma Folia de Reis e quais são as origens dessa manifestação folclórica, a partir de trabalhos desenvolvidos por folcloristas, cientistas sociais, músicos e historiadores. As pesquisas sobre essas encenações populares do ciclo natalino esclarecem certos aspectos sobre grupos de diferentes regiões brasileiras, possibilitando compreender algumas especificidades da Companhia que é motivo de estudo neste trabalho.

O segundo tópico aborda as Companhias de Reis como manifestações inseridas no catolicismo tradicional brasileiro que, assim como outros festejos em devoção a santos populares, têm como característica em comum as heranças de um catolicismo medieval e lusitano. Sendo assim, nessas manifestações são leigos que promovem a intermediação entre os devotos e as divindades. Outra característica em comum do catolicismo popular é o caráter social e familiar, pois essas práticas religiosas acabam por se constituir como um espaço de sociabilidade e, na maioria das vezes, são promovidas e continuadas por membros da mesma família.

Assim como outros folguedos, as Foliadas de Reis sofreram com perseguições da Igreja Católica Brasileira renovada. No entanto, muitas dessas festividades ainda se mantêm ativas em diversas regiões brasileiras. Faz-se necessário apontar que nesse tipo de expressão popular a devoção e a cultura se misturam, tornando impossível, ao longo desta dissertação, pensar o religioso e o cultural separadamente. Para o desenvolvimento desse item, foi utilizada uma bibliografia específica sobre catolicismo popular, produzida por cientistas sociais. Também foram analisados trechos de depoimentos e fotografias que se encaixam nas questões religiosas dessa manifestação.

Após situar o leitor sobre a história e os contornos gerais dessa prática cultural, é estabelecida uma reflexão que tem como eixo apenas o grupo abordado pela pesquisa, pois a

Folia de Reis não pode ser pensada como uma prática homogênea. Embora hoje existam doze grupos de Folia de Reis no município de Olímpia, cada grupo possui singularidades quanto às significações dos rituais e símbolos presentes neste folguedo.

O terceiro capítulo, intitulado “As práticas e representações da Companhia de Reis Fernandes”, também é dividido em dois tópicos. Em um primeiro momento, a partir dos depoimentos orais, é reproduzida a leitura que este grupo faz sobre as origens das Folias de Reis, ou seja, busca-se compreender de que forma eles se apropriaram dessa manifestação. Em seguida, será elucidada a estrutura desse grupo, explicando a função e significado de cada integrante.

No segundo tópico, será reproduzida a trajetória desse grupo, para tal será feita uma análise comparativa entre o período em que o giro ocorria na zona rural e, posteriormente, na zona urbana. Nesse sentido, será possível analisar os símbolos e personagens que compõem as práticas e representações dessa manifestação folclórica, repleta de mitos e rituais. Para analisar esses componentes presentes na Folia de Reis, foram utilizados depoimentos de foliões, fotografias, letras de canções e análise de vídeos, com objetivo de proporcionar uma leitura aprofundada sobre o assunto.

Essa Companhia de Reis é esperada ao longo do ano pelos devotos, que recebem com muito anseio em suas casas os representantes dos Santos Reis e a bandeira sagrada, durante o ciclo natalino. A peregrinação dessa Folia visita um elevado número de residências, o que indica sua importância na comunidade na qual está inserida. Toda a comunidade, devotos dos santos ou não, esperam ansiosamente pela festa da Chegada da Bandeira, sempre realizada com muita fartura e aberta a toda população do município. No âmbito local, os membros da Companhia de Reis assumem um papel de importância social e religiosa ao se tornarem parte de um grupo de prestígio, reconhecido e valorizado pela comunidade.

dos Olhos d'Água. Quanto ao nome Olímpia, foi uma homenagem prestada à Maria Olímpia, afilhada do engenheiro Reid e filha de Dr. Antônio Olímpio, deputado estadual de Barretos, que tinha afinidade pelo novo povoado, que em 1906 recebeu o nome de Vila Olímpia (MARANGONI, 2001, p. 26).

Em 1919, devido a uma Lei estadual, foi criada a comarca de Olímpia. Durante essa década, o local se desenvolveu muito, pois chegaram os primeiros médicos, a primeira loja, o primeiro grupo escolar. Nessa época, com a instalação da estrada de ferro, “a cidade começou a contar com todas as melhorias, no setor de comunicação, comércio e principalmente na lavoura, onde o café, principal produto da região, era a causa principal da riqueza” (MARANGONI, 2001, p. 70). No entanto, já nos fins do ano de 1950,

houve uma erradicação das lavouras cafeeiras, principalmente nos estado de São Paulo, o que foi lastimável para a economia olimpiense. Em virtude da crise, houve o desemprego, já não era necessária a presença de pessoas no campo, assim as colônias começaram a esvaziar, pois os trabalhadores se mudaram para a zona urbana do município (MARANGONI, 2001, p. 113).

Segundo o memorialista Marangoni, a cidade passou pela sua “Época de Ouro” de 1941 até 1965, pois nesse período novas indústrias chegavam, a agricultura estava se desenvolvendo, a parte urbana recebendo melhorias e a instalação do Colégio Olímpia trazia professores e estudantes de outras regiões e estados (MARANGONI, 2001, p. 132).

De acordo com o Censo 2010, a população da cidade é de 50.024 habitantes. Porém, ao longo dos anos há significativo deslocamento dessa população do campo para a cidade, conforme mostra o Quadro 1.

QUADRO 1 – Censo da população rural e urbana do município de Olímpia – SP (1970-2000)⁵

Censo	População Rural	População Urbana
1970	8.759	20.320
1980	6.758	25.029
1990	5.340	37.567
2000	3.370	42.643

Fonte: IBGE

⁵ Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>

Apesar dessas alterações, a base da economia olimpiense historicamente sempre foi ligada à agropecuária, embora recentemente o comércio e, sobretudo, o turismo tenham se projetado, em decorrência do município de Olímpia ter se destacado do ponto de vista cultural, ao apresentar diferentes manifestações folclóricas como Catiras, Ternos de Moçambique, Congadas e Folias de Reis. Isso permitiu o apelo contundente de José Sant'anna⁶ junto às instituições públicas e privadas para a preservação dessas práticas culturais.

Em meados de 1950, no Colégio Olímpia, sob o comando de Sant'anna surge a ideia de criar na cidade um órgão para proteger e divulgar o Folclore da região⁷. Nesse sentido, foram realizadas palestras com o intuito de informar sobre a importância dessa nova ciência que se pretendia consolidar. Também foram promovidas algumas coletas e foi organizada uma exposição com poucas peças folclóricas. No ano de 1958 realizaram-se algumas pesquisas de campo, desenvolvidas por estudantes, que culminaram em uma exposição nas vitrines da loja “Triunfal Modas”. Em 1959, a exposição foi para a “Camisaria das Fábricas” e, entre os anos de 1960 e 1963, foi montada internamente, no Colégio Olímpia (hoje extinto). Porém, em 1964, a exposição, bastante ampliada, foi levada novamente ao público, instalando-se na “Fábrica de Móveis Bandeirantes”. Todas essas iniciativas mencionadas desencadearam, em 1965, o 1º Festival do Folclore de Olímpia, idealizado pelo folclorista professor José Sant'anna (responsável por muitas outras realizações que serão analisadas durante este capítulo), com exposição montada no bar e restaurante “Taba do Carajá”, na Praça da Matriz, com participação de Ely Camargo, conhecida intérprete de músicas populares da época. O festival também contou com um desfile de encerramento, com a presença de grupos folclóricos e carros alegóricos.

⁶ José Sant'anna nasceu em 1937 em Olímpia, onde fez os cursos científicos, magistério e de contabilidade. Logo após, se tornou bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e professor de Língua Portuguesa. Sant'anna, assim como todo folclorista, era um intelectual polígrafo, apaixonado pelas manifestações folclóricas brasileiras. *Anuário do 40º Festival do Folclore de Olímpia-SP*. Ano XXXI – nº 34 – 22 de agosto de 2004, p. 3. Produziu, também, dois discos intitulados “Olímpia e seu Folclore Musical”, de Inezita Barroso e de artistas olimpienses, destacando-se, ainda, que Sant'anna é o autor do Hino à Olímpia. Foi o primeiro Secretário de Educação, Cultura, Esportes, Turismo e Lazer do município. Foi membro da Comissão Paulista de Folclore. Exerceu a vereança em Olímpia por vários mandatos, tendo sido, inclusive, presidente da Câmara Municipal (MARANGONI, 2001, p. 119).

⁷ Outro nome de destaque entre os folcloristas de Olímpia que vale ser mencionado é o de Aparecida de Araújo Manzoli, ou “Cidinha Manzoli”, professora de Educação Artística, que desde o início do movimento folclórico de Olímpia colaborou com publicações sobre as danças folclóricas brasileiras nos anuários. Entretanto, contribuiu principalmente com a fundação, no ano de 1969, do Grupo parafolclórico “Cidade menina moça”, do Centro de Tradições “Noiva Sertaneja”. Este grupo parafolclórico é de suma importância, pois tem como objetivo não permitir que a cultura do povo brasileiro desapareça (MARANGONI, 2001, p. 135-136).

Em depoimento coletado junto ao gerente da Companhia de Reis Fernandes, senhor Nilson Fernandes, o entrevistado destaca a importância de seu grupo para o Festival do Folclore de Olímpia. Ele aponta que sua Companhia abriu o primeiro evento e deixa claro que o grupo se considera importante na história do Festival e, também evidencia que eles sempre mantiveram uma boa relação com os seus organizadores.

A gente no Folclore de Olímpia, nós somos bem recebidos sim! Porque nossa Companhia de Reis foi a primeira Companhia de Reis que abriu o primeiro Folclore dentro de Olímpia! Então nós somos bem aceitos! Todas as participações que têm eles procuram a gente em primeiro lugar!⁸

Nesse contexto, em 17 de agosto de 1965, o Governo Federal baixou o decreto nº 56.747, instituindo o dia 22 de agosto como o “Dia do Folclore” (MARANGONI, 2003, p. 143)⁹, evidenciando que o Movimento Folclórico estava ativo em plena ditadura militar, em que pesem os problemas ocorridos com as instituições nacionais dedicadas ao Folclore.

No início, o festival não recebia recursos municipais ou quaisquer outros para suprir as despesas das apresentações folclóricas. Apesar disso, afirma o memorialista José Marangoni, por diversas vezes, Sant’anna usava seu próprio dinheiro para sustentar esse objetivo, como também eram realizadas rifas e quermesses no Colégio Capitão Narciso Bertolino, com prendas oferecidas pelos pais dos alunos, com o intuito de ajudar nas despesas do festival (MARANGONI, 2003, p. 123).

Nos anos seguintes, o festival passou a acontecer nas praças da Matriz e Rui Barbosa, e a festa que era simples e organizada por alunos e professores havia crescido e impunha novas exigências. Sendo assim, José Sant’anna se aproximou de autoridades culturais e políticas, alcançando maior prestígio diante delas, que enxergavam no evento uma oportunidade de se promover diante de um grande público. Assim, ministros, deputados, senadores, governadores e outros políticos passam a ser convidados para os Festivais de Folclore de Olímpia: “Dessa forma, vieram aquisição de verbas estaduais e federais e a

⁸ Entrevista com Nilson Fernandes. Data: 14 de outubro de 2013.

⁹ O movimento folclórico em Olímpia pouco foi afetado durante o governo militar, os folcloristas olimpienses faziam questão de manter boas relações com o poder e, com frequência prestavam homenagens e agradecimentos a presidentes, governadores e deputados. O Anuário do 8º Festival do Folclore, em 1972 trazia uma homenagem ao presidente da República Emílio Garrastazu Médici, com os seguintes dizeres: “Defensor da Lei, que é suprema asseguradora da nossa liberdade. Nós confiamos no Brasil porque cremos nos homens que o dirigem com esperança e amor. Na paz interior, no silêncio dos campos, no remanso dos nossos lares há ainda providências reservas morais que hão de neutralizar uma eventual ação temerosa da desagregação”. Já no Anuário do 13º, de 1977, o Anuário do Festival do Folclore trazia uma fotografia com os seguintes dizeres: “Excelentíssimo Senhor Presidente da República Federativa do Brasil, General Ernesto Geisel”.

contribuição do Bradesco, no apoio à edição do ‘Anuário do Folclore’, onde Sant’anna expunha todo o seu trabalho de pesquisa” (MARANGONI, 2003, p. 131).

Em muitos dos depoimentos coletados para esta pesquisa, tornou-se evidente que o grupo sempre participou dos eventos relacionados ao Festival do Folclore de Olímpia, tanto com apresentações no palco, quanto nos desfiles em vias públicas. De acordo com Nadir Fernandes (filha de Celso Fernandes), os desfiles da Companhia de Reis Fernandes, durante o período de festejos na praça, além dos foliões, contavam com personagens bíblicos, como Jesus e sua família sagrada. Pode-se afirmar que essa configuração data do período anterior a 1970, antes dos festivais realizados no ginásio de esportes da cidade.

Aí no Folclore ele (Celso Fernandes) sempre participou, sempre desfilou, meu pai, também, que na época desfilava tudo, até a Nossa Senhora vestida, com o menino Jesus, tudo a pé, o São José, então inclusive tem a minha irmã que vestia de Nossa Senhora e desfilava! Só que a festa nem era aqui, era lá na praça! Então sempre participou! Sempre!¹⁰

Esse período descrito por Nadir Fernandes pode ser visualizado na imagem 01, capa do compacto-duplo “Olímpia e seu Folclore Musical”. Apesar de não saber ao certo qual foi o ano da captação da fotografia, pode-se apontar que ela date entre 1964-1970, período em que foi lançado o disco. Segundo dona Nadir, essa rua daria acesso à Praça da Matriz, local onde se realizava o Festival do Folclore. Na imagem é possível visualizar pessoas representando personagens bíblicas no desfile como Maria, José e uma criança simbolizando Jesus Cristo. As roupas fariam alusão à região onde Jesus havia nascido. Nota-se também a presença de representantes fantasiados de Três Reis Magos, com mantos coloridos e coroas. O ângulo da fotografia favorece esses personagens, porém mais atrás encontra-se o resto da Companhia, com os fardados (palhaços) e os foliões. Vale ressaltar que, desde o início, esses desfiles chamavam a atenção da população, como é possível de perceber nas laterais dessa imagem (pelas calçadas).

¹⁰ Entrevista com Nadir Fernandes. Data: 15 de outubro de 2013.



IMAGEM 01 – Capa do Compacto-duplo “Olímpia e seu Folclore Musical”, 1970.

Reforça-se que as participações da Companhia de Reis Fernandes nos desfiles de encerramento do Festival do Folclore propiciavam a esse grupo um reconhecimento local e regional, devido ao elevado número de visitantes na cidade de Olímpia durante a semana do evento. Toda a alegoria presente na imagem 01 aponta que eles buscavam prender a atenção do público com teatralidade e roupas coloridas, proporcionando às pessoas presentes um verdadeiro espetáculo.

Os festivais nas praças da Matriz e Rui Barbosa, que recebiam milhares de espectadores todo ano (visitantes, estudiosos, autoridades), tanto da região quanto de outros estados, necessitavam de novas atrações, então Olímpia passou a receber grupos folclóricos de todo o Brasil: “Bumba meu boi, do Maranhão, Capoeira e danças da Bahia, do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais e de outros estados” (MARANGONI, 2003, p. 122)¹¹.

Dada a largada, a festa extravasou para as ruas e ganhou a cidade, trazendo grupos de Santa Catarina, Minas Gerais, Goiás, Maranhão, Rio Grande do Sul, Ceará, sendo que, à altura do 9 Festival, Olímpia já mostrara praticamente o folclore de todo o Brasil, incluindo, extra-programa, um conjunto de Lisboa (O BOLETIM DO INTERIOR, 1984, p. 29).

¹¹ Embora consagrada como anfitriã do Folclore brasileiro, Olímpia também conta com grupos locais, entre os quais: Ternos de Moçambique, a Congada do capitão José Ferreira e cerca de 30 Folias de Reis, que, de acordo com o periódico *O Boletim do Interior*, são divididas por divergências nos seus conceitos de tradição, uma pretendendo ser mais autêntica do que a outra e criando uma guerra que o Prof. Sant’anna contorna todos os anos, simplesmente sorteando dois grupos para participar do festival. O BOLETIM DO INTERIOR, 1984, p. 29.

Nesse sentido, as praças já não comportavam as novas proporções do festival, então, na década de 1970, o Festival do Folclore foi transferido para o Recinto do Ginásio de Esportes Olyntho Zambon, permanecendo ali por vários anos (MARANGONI, 2001, p. 122). O novo espaço da festa comportava maior público e a instalação de mais barracas para venda de artesanato e comidas típicas dos vários estados brasileiros. No trecho a seguir nota-se o clima do festival.

os grupos folclóricos, vindos de diversos estados, vão-se revezando nos espetáculos noturnos que lotam a “Praça do Folclore”, encravada no Centro de Esportes e Recreação “Olyntho Zambon”, defronte do aeroporto. Entre uma dança e outra, os espectadores podem saborear um churrasquinho no capricho ou uma “linguiça cuiabana” em concorridos restaurantes montados por entidades sociais da cidade; dar uma volta na “roda-gigante” ou no “chapéu mexicano” do parque de diversões e adquirir artesanato e uma grande variedade de quitutes e quinquilharias numa centena de barracas espalhadas pelo recinto (O BOLETIM DO INTERIOR, 1984, p. 28).

Como surgiam novas exigências, o festival passou a tomar outros rumos. Para tanto, formou-se uma nova comissão organizadora, estruturada pela Prefeitura Municipal, com a aceitação de Sant’anna, não havendo mais apenas a participação de professores e estudantes. Nesse sentido, com o eminente interesse do poder político, houve uma profissionalização do evento, pois o município já vinha estabelecendo “intercâmbio com outros Estados e outras formas de atrair um público cada vez mais crescente e exigente. Essa comissão era formada por indivíduos que desenvolviam atividades dentro do comércio e indústria de Olímpia” (MARANGONI, 2001, p. 134). Essas transformações na organização e estrutura do festival surtiram efeitos negativos, como aponta Marangoni:

As escolas, os professores, os alunos já não tinham aquela participação alegre e festiva. As próprias comissões executivas obedeciam, em sua escolha, a elementos ligados à Prefeitura, ao partidário político. A última palavra nem sempre pertencia a Sant’anna, que, efetivamente, fazia o papel de coordenador da parte cultural. Os “grupos raiz”, de que tanto se orgulhara, já não possuíam atrativos (isso pela repetição contínua nos festivais). Novas atrações sempre se faziam necessárias, e os grupos parafolclóricos foram aumentando, e outros tipos de atrações não folclóricas (Demônios da Garoa, Jair Rodrigues e outros) eram chamados para maior interesse do público, cada vez mais exigente (MARANGONI, 2003, p. 140).

O festival alcançava projeção nacional e precisava de uma casa própria. Neste contexto, detentor de influência política, o professor José Sant’anna, juntamente com o prefeito Wilson Zangirolami, elaborou o projeto de criação de um recinto próprio para atividades folclóricas. O projeto era ambicioso, no entanto, contava com grandes

investimentos e em poucos meses a obra gigantesca foi concluída. A partir de 1986, o recinto passou a receber milhares de pessoas durante o festival. “À hora programada para a abertura do 22º Festival do Folclore, ali estava exposta a maravilha que a todos encantou: um autêntico monumento à cultura popular brasileira” (MARANGONI, 2003, p. 137).



IMAGEM 02 – Vista aérea da Praça de Atividades Folclóricas depois de concluída. Fonte: MARANGONI, José M.J. *Olímpia– cidade menina-moça 1966-2003*. Olímpia: Centrograf, 2003. V3. p. 137.

Na imagem 02 é possível visualizar o grande espaço destinado à obra, como também sua estruturação, com uma arena central para apresentações folclóricas, rodeada por arquibancadas e por quatro grandes barracões. Toda essa área destinada à construção sinaliza a importância que esse festival representava para as autoridades políticas de Olímpia.

Através do Decreto nº 1869, de 22 de agosto de 1986, o recinto passou a chamar-se “Praça de Atividades Folclóricas Wilson Zangirolami”. Em 14 de novembro de 1986, o Projeto de Lei nº 215/86 deu a denominação de “Praça de Atividades Folclóricas Prefeito Wilson Zangirolami”, projeto aprovado e registrado à fls. 27 do livro 7, a 02 de dezembro do mesmo ano. Após o falecimento do professor Sant’anna, o ex-prefeito Wilson Zangirolami abriu mão de seu nome no local, que passou a ser chamado de “Praça de Atividades Folclóricas José Sant’anna” (MARANGONI, 2003, p. 137-138).

Atualmente, o Festival do Folclore de Olímpia recebe grupos folclóricos e para-folclóricos de todo o Brasil, mas tudo começou com a valorização dos grupos regionais de Congada, Moçambique, Cateretê e Reisado que sempre existiram, mas tinham vergonha de aparecer pela pobreza de suas vestes e instrumentos. Naquela época, os componentes de

Folias de Reis¹² tinham que fugir da polícia, que os prendiam por serem considerados exploradores, quando saíam para a tradicional Peregrinação Sagrada, que é conhecida como “giro” ou “jornada”, pedindo esmolas para a festa do dia 6 de janeiro. Nesse sentido, como uma ação para preservação dessa manifestação, em 1967, um ofício da Comissão do Festival foi enviado ao Secretário de Segurança Pública que solicitava o fim das perseguições policiais. Devido ao prestígio que a Comissão gozava, o pedido foi atendido por Abreu Sodré, governador durante esse período (O BOLETIM DO INTERIOR, 1984, p. 29).

O embaixador da Companhia de Reis Fernandes, senhor Sebastião Togneri, quando perguntado se o grupo já havia sofrido alguma intervenção da prefeitura ou da polícia, respondeu:

Tentaram impedir você quer dizer? Não! Na época, teve uma época aí que estava bagunçada mesmo, nem vou citar nomes porque nem interessa! Então o professor Sant’anna, finado professor Sant’anna, ele colocou uma lei, na época ele era vereador, então todas as Companhias tinham que ser cadastradas na Prefeitura e na Casa da Cultura também!¹³

Na fala de Togneri é possível perceber o trabalho desenvolvido pelo folclorista José Sant’anna para a organização e melhor aceitação desses grupos pela população, pois, esta via, em algumas Companhias, o sinônimo de bagunça. Assim, a partir do momento que os grupos passaram a serem cadastrados na prefeitura, passaram a ser mais respeitados por toda a população, evitando assim problemas com a polícia. Também é citado pelo embaixador, que esse cadastro junto à prefeitura, se necessário, pode beneficiar o grupo, caso este precise de segurança. O prefeito se responsabilizaria por solicitar policiais para segurança do evento. No entanto, possivelmente o grupo pesquisado não sofria intervenções policiais antes da intervenção de Sant’anna, pois nesse período realizava seu giro apenas na zona rural do município.

Outra ação para resolução de problemas com as Folias de Reis, desenvolvida pelos folcloristas olimpienses, foi de ordem religiosa, pois as igrejas até então eram contrárias a essa prática diante do altar. Com a intervenção da Comissão do Festival de Folclore, as autoridades católicas passaram a permitir as realizações das cerimônias das folias diante dos altares, e até a celebração de missas (O BOLETIM DO INTERIOR, 1984, p. 29)¹⁴.

¹² Muitos grupos não aceitam a nomenclatura Folia de Reis, pois ela faria alusão à folia ou baderna. A maioria desses grupos prefere o nome Companhia de Reis. José Sant’anna Apud. TREMURA, 2004, p. 245.

¹³ Entrevista com Sebastião Togneri. Data: 08 de maio de 2014.

¹⁴ Deve-se destacar que no Brasil, desde a segunda metade do século XX as religiões evangélicas tem aumentado sua influência, assim como o número de adeptos. Essas igrejas passaram a concorrer com a Igreja Católica, que

A Comissão tinha como intenção a manutenção desses grupos de festejos populares também a partir das apresentações no festival, mas segundo o folclorista José Sant'anna, alguns grupos de Folia de Reis não aceitavam participar dos eventos fora da época do giro natalino¹⁵. Porém, a partir dos depoimentos apresentados até aqui, pode-se afirmar que a Companhia de Reis Fernandes participou desde o início dos Festivais do Folclore de Olímpia.

De certa forma, após algumas mudanças, o festival se transformou em atração turística e acabou perdendo um pouco de seus objetivos culturais. O público se dividia entre as apresentações e as barracas com churrascos, bebidas, parque e boate, o que resultou em uma comercialização dessa festa. Esses motivos, adicionados ao interesse da mídia regional e de políticos, mudaram os objetivos primeiros do folclorista José Sant'anna (MARANGONI, 2003, p. 142).

Por mais que os objetivos iniciais tenham se alterado, desde que foi realizado o 1º Festival de Folclore, em 1965, daí em diante, não mais parou (MARANGONI, 2001, p. 121). Ainda hoje, durante os festivais acontecem cursos, palestras, seminários, gincanas, oficinas de brinquedos tradicionais infantis, exposições, campeonatos (truco, malha, bocha), festival de serestas, culinária brasileira, espetáculos pirotécnicos, feiras, eventos, desfiles. Portanto, entende-se que mesmo com mudanças e obstáculos esse festival faz parte da identidade cultural de Olímpia.

Assim, vale ressaltar que o festival foi o estopim de muitas outras realizações que o município desenvolveu para manutenção do Folclore brasileiro, que teve o seu momento de definição e expansão nos anos 40 e 50 do século XX, como será discutido no próximo tópico, na recuperação do debate sobre as manifestações folclóricas no Brasil e, nesse âmbito, os conceitos de cultura popular e tradição, formulações sempre presentes nessas discussões.

1.2 – Debates acerca do movimento folclórico no Brasil

Ao discutir o assunto, Luís Rodolfo Vilhena afirma que o período de 1947 a 1964 foi marcado pela forte movimentação e as inúmeras realizações do chamado movimento folclórico brasileiro. O autor aponta que nacionalmente houve uma queda nas produções e conquistas dos folcloristas com o início do regime militar. Entretanto, esse mesmo período

passou a perder muitos de seus fiéis. Tendo em vista a perda de força do catolicismo, a Igreja não poderia ser totalmente rígida com as manifestações de catolicismo popular desenvolvido por leigos. Nesse sentido, Riolando Azzi aponta que a Igreja Católica no Brasil busca uma maior aproximação da religiosidade popular, seguindo as orientações do Concílio do Vaticano II (AZZI, 1978, p. 11).

¹⁵ As informações de José Sant'anna indicam que dos trinta e três grupos da cidade no período, apenas oito ou dez aceitavam participar do Festival do Folclore. José Sant'anna Apud TREMURA, 2004, p. 245.

marcado como declínio por Vilhena, é apontado como o início de uma forte movimentação em defesa do Folclore nacional no município de Olímpia.

No Brasil, na década de 1950, houve um intenso debate entre os folcloristas e sociólogos sobre o conceito de cultura popular, que envolvia muito mais do que apenas a definição de conceitos¹⁶. Nesse contexto, ambos buscavam também reconhecimento no campo científico. Enquanto as Ciências Sociais estavam se solidificando como ciência, os folcloristas (intelectuais polígrafos) organizavam-se em militância com a pretensão de promover o reconhecimento do Folclore como disciplina autônoma. Entre os folcloristas, destacaram-se Renato Almeida e Edison Carneiro devido à extensa produção e liderança no movimento folclórico. Já entre os sociólogos, pode-se apontar Roger Bastide e Florestan Fernandes, que dedicaram parte de suas obras aos estudos do Folclore.

Esses estudos, entretanto, tiveram início no Brasil por volta de 1870, com Sílvio Romero e Nina Rodrigues. A partir da década de 1920, surgia entre os intelectuais o interesse em criar sociedades de pesquisa sobre o assunto, como por exemplo, a Sociedade de Etnografia e Folclore, criada em 1936 por Mário de Andrade. Porém, na década de 1940 este empenho articulador se amplia, pois a UNESCO, criada em 1945, recomenda aos países membros a criação de organismos responsáveis pelo conhecimento das culturas populares¹⁷. Nesse sentido, em 1947 é fundada a Comissão Nacional de Folclore, órgão paraestatal, ligado ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), do Ministério das Relações Exteriores¹⁸.

O objetivo da CNFL era registrar e proteger as manifestações folclóricas, assim como, a inserção do Folclore na academia, enquanto disciplina autônoma. Essa necessidade dos folcloristas se deu, pois esses intelectuais polígrafos, amantes da cultura popular brasileira, reconheciam que o sucesso do movimento só seria obtido se eles alcançassem prestígio junto

¹⁶ Embora o debate sobre as delimitações sobre qual seria o trabalho dos folcloristas tenha sido mais intenso entre esses intelectuais polígrafos e os cientistas sociais, faz-se necessário apontar as diferenças entre o campo do Folclore e o campo da História em pesquisas desenvolvidas sobre as manifestações culturais. A grande diferença a ser destacada é a questão temporal, pois, enquanto os folcloristas analisam as formas (estrutura e a estética) de modo atemporal, os historiadores analisam as transformações de práticas culturais em determinado recorte temporal.

¹⁷ Criada com o objetivo de promover a cooperação e a convivência pacífica entre os povos, há tempos a Organização Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) têm discutido propostas para a valorização das manifestações culturais, com “o intuito de valorizar o estudo e preservação do folclore como mecanismo de estímulo à compreensão e ao respeito entre os grupos de diferentes perfis culturais” (GONÇALVES, 2012, p. 5).

¹⁸ Informações obtidas a partir do documentário “Em busca da tradição nacional (1947-1964)”, que remonta o período de organização e atuação do movimento folclórico brasileiro. No ano de 2008, o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular produziu esse documentário nas comemorações dos 50 anos do órgão. Documentário: Em busca da tradição nacional (1947-1964). Realização Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Roteiro: Daniel Reis e Juliana Ribeiro. Brasil, 2008.

Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Materia=185>. Acesso em: 11 nov. 2013.

aos centros de poder, caso contrário, permaneceriam sem visibilidade (REIS, 2008, p. 9). Essa aproximação com os centros de poder teve como principal articulador Renato Almeida, que era membro da diretoria do IBECC e um dos fundadores da Comissão Nacional de Folclore (CNFL), se tornando seu primeiro presidente.

Depois de solidificar o contato com o governo e fundar um órgão oficial foi possível realizar a primeira Semana Brasileira de Folclore, com grandes nomes, como Gilberto Freire e Joaquim Ribeiro (REIS, 2008, p. 11). Sendo assim, o movimento folclórico, com respaldo da CNFL, criou uma rede de articulação constituída por subcomissões estaduais, com sede nacional no Rio de Janeiro. Esse trabalho funcionaria como centralizador e difusor de informações provenientes de todo o território brasileiro e surgia de iniciativas para dinamizar o estudo e a preservação do Folclore, criando uma rede de estudiosos em torno do assunto. As subcomissões eram autônomas, e poderiam captar recursos e se organizarem como secretarias e órgãos dos governos estaduais e municipais. De maneira estratégica, Renato Almeida alterou a nomenclatura desses órgãos para Comissões Estaduais, dando ao projeto mais ênfase, o que facilitaria a busca por parcerias nos estados (REIS, 2008, p. 13-14).

Essa rede de intelectuais era visível nas Semanas e Congressos de Folclore; com destaque para o de 1951, ocorrido no Rio de Janeiro, que contou com a presença do presidente Getúlio Vargas, e o de 1954, Congresso Internacional de São Paulo. Nesses encontros eram promovidos debates sobre a situação do campo de pesquisa, comunicação de estudos realizados, exposições e culinária¹⁹ (REIS, 2008, p. 14).

Após o III Congresso Brasileiro de Folclore, o presidente Juscelino Kubistchek designou que fosse realizado, pela comissão, um plano para o estudo do Folclore sob a

¹⁹ Desde 1951 foram realizados os seguintes congressos: I Congresso Brasileiro de Folclore no Rio de Janeiro e edição da I Carta do Folclore Brasileiro; II Congresso Brasileiro de Folclore, Curitiba, 1953, temática, Folguedos Populares; III Congresso Brasileiro de Folclore, Salvador, 1957. Temática central triparte: a) artesanato; b) folclore do mar e dos rios; c) folclore da Bahia; IV Congresso Brasileiro de Folclore, Porto Alegre, 1959. Temática: Folclore do Rio Grande do Sul, Festas tradicionais e modos de escalas da música folclórica; V Congresso Brasileiro de Folclore, Fortaleza, 1963. Oportunidade de estudos sobre o folclore do Ceará, os tabus e superstições; a formação de novos quadros de folcloristas, além de folcmúsica brasileira; VI Congresso Brasileiro de Folclore, Brasília, 1970; VII Congresso Brasileiro de Folclore, em Brasília, 1974; VIII Congresso Brasileiro de Folclore, Salvador, 1955, Em homenagem ao centenário de Renato Almeida (1895-1981) e Releitura da I Carta do Folclore Brasileiro de 1951; IX Congresso Brasileiro de Folclore, Porto Alegre, 2000. Temática, Folclore e Educação; X Congresso Brasileiro de Folclore, São Luiz, 2002; XI Congresso Brasileiro de Folclore, Goiana 2004. Temática, Metodologia da pesquisa em folclore, Preservação dos bens da cultura imaterial; XII Congresso Brasileiro de Folclore, Natal em 2006. Temática, Folclore e Turismo; XIII Congresso Brasileiro de Folclore, Fortaleza. 2007. Temática, Folclore – diversidade, educação, políticas e direitos culturais; XIV Congresso Brasileiro de Folclore, Vitória em 2009. Temática, Folclore, diversidade cultural e Políticas Públicas para o Século XXI; XV Congresso Brasileiro de Folclore, São José dos Campos (SP) 2011. Temática, História e Folclore, Caminhos que se cruzam; XVI Congresso Brasileiro de Folclore, em Florianópolis, em 2013, com a temática, Comunidades tradicionais Populares e Sustentabilidade.

Disponível em: <http://xvicongressobrasileirodefolclore.wordpress.com/inicio/>. Acesso em: 10 nov. 2013.

presidência de Renato Almeida. Foi elaborado, então, o anteprojeto da campanha em 1957. Assim, em 1958, o movimento ganhou caráter oficial, recebendo a denominação de Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, com o intuito de promover pesquisas, preservação e divulgação. Esse órgão era composto por intelectuais como Renato Almeida, Edison Carneiro e Joaquim Ribeiro²⁰. Nesse sentido, os folcloristas haviam alcançado a institucionalização que desejavam e contavam com recurso próprio, mesmo que reduzido (REIS, 2008, p. 15).

Dentre as ações realizadas pelo movimento podem-se apontar diversos estímulos para manutenção do Folclore, com eventos e premiações, como o Prêmio Sílvio Romero, criado em 1959 para estimular a produção e congratular trabalhos referentes às manifestações folclóricas do Brasil. No ano de 1962 começa a circular a *Revista do Folclore Brasileiro*, importante meio de divulgação, que circulou até 1976, com a publicação total de 41 volumes. Essa revista no dizer de Reis “Tornou-se um difusor e catalisador das pesquisas, contendo, além de artigos, notas de pesquisa e registros de eventos” (REIS, 2008, p. 15).

Na década de 1950, o movimento folclórico estava no auge de suas atividades, assim como a Antropologia e a Sociologia também estavam em alta, realizando seus encontros e congressos. Nesse contexto, configura-se uma disputa por espaço nas universidades. Os folcloristas até participavam do meio acadêmico, mas não como especialistas em Folclore. Esses intelectuais polígrafos não conseguiram tornar o Folclore uma disciplina autônoma e eram vistos com menos respeito que em outras disciplinas. Devido à falta de um método específico, os folcloristas eram considerados no máximo etnógrafos e esse foi um dos motivos de confronto com a Sociologia e a Antropologia. Para Renato Almeida, a inserção do Folclore como disciplina universitária seria sinônimo de credibilidade (REIS, 2008, p. 16).

No ano de 1961 a CDFB passa por reformulação. Nesse ano, Mozart Araújo é substituído do cargo de diretor executivo por Edison Carneiro, que assume a direção e inicia projetos como a criação de um atlas folclórico, mudança do local da sede, criação de um Museu do Folclore e de uma biblioteca especializada no assunto, esta última recebendo o nome Biblioteca Amadeu Amaral. No mesmo ano, Carneiro cria o Conselho Nacional do

²⁰ Informações obtidas no Documentário: Em busca da tradição nacional (1947-1964). Realização Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Roteiro: Daniel Reis e Juliana Ribeiro. Brasil, 2008. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Materia=185>. Acesso em: 11 nov. 2013.

Folclore, composto por folcloristas de renome, como Câmara Cascudo, Theo Brandão e Rossini Tavares de Lima²¹.

Em 1964, os folcloristas sofrem um baque com o golpe militar. Devido ao seu posicionamento político, Edison Carneiro foi afastado da diretoria e das atividades da campanha. “Segundo relato de Vicente Sales, a CDFB foi fechada no dia primeiro de abril com um cartaz na porta que tinha estes dizeres: ‘fechado por ser um antro de comunistas’” (REIS, 2008, p.15).

Assim, com o insucesso no plano acadêmico e com o principal órgão interdito por questões políticas, o ano de 1964 marca o fim de um ciclo de intensa movimentação acerca das questões folcloristas. Posteriormente a esse episódio, as atividades da Campanha foram retomadas por Renato Almeida, que não se chocava com as questões políticas dos líderes do governo. Nesse contexto a CDFB passou por uma nova fase, com continuidades e rupturas em relação à diretoria anterior (REIS, 2008, p. 19-20). No ano de 1970 há uma consolidação na institucionalização do Folclore, quando a Campanha passa a se chamar Instituto Nacional de Folclore (REIS, 2008, p. 24). Atualmente, a Campanha que teve início em 1958 é continuada pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular que, com auxílio do IPHAN objetiva a salvaguarda e divulgação do Folclore brasileiro²².

Como foi possível notar, durante o período do chamado movimento folclórico (1947-1964), Renato Almeida e Edison Carneiro são os folcloristas que se sobressaem na organização e luta pela institucionalização dos estudos folclóricos. Sendo assim, faz-se necessária uma análise das posições assumidas por esses dois intelectuais.

²¹ Informações obtidas no Documentário: Em busca da tradição nacional (1947-1964). Realização Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Roteiro: Daniel Reis e Juliana Ribeiro. Brasil, 2008. Disponível em: <http://www.cnfc.gov.br/interna.php?ID_Materia=185>. Acesso em: 11 nov. 2013.

²² A partir da década de 1980 foi possível notar no Brasil um aumento nas políticas públicas relacionadas à salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, desenvolvidas principalmente pelo IPHAN. Esse tipo de ação, similar ao trabalho desenvolvido pelos folcloristas em décadas anteriores, tende ao estudo e preservação dos modos de agir, pensar e sentir de diversos grupos que mantêm os costumes dos seus antepassados que, em meio à globalização, correm sérios riscos de desaparecerem, por diversos fatores como a urbanização, multiculturalismo proporcionado pelos meios de comunicação e as mudanças de comportamentos. O marco legal da Constituição de 1988, definitivamente estabeleceu novas perspectivas para a realização das políticas de patrimônio no Brasil, sob o artigo 2169. A menção à necessidade de reconhecer também como patrimônio as manifestações de natureza chamada “imaterial”, como as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver, que se referem à “identidade, ação e memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” se concretiza no ano 2000, quando é editado o Decreto 3551, em que se estabelece o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial e é instituído o instrumento de “registro” (TOJI, 2009, p. 7). Vale ressaltar que, essa preocupação não é exclusiva de instituições brasileiras, mas sim uma tendência global, de tal modo que no dia 17 de outubro de 2003 foi aprovada pela UNESCO a *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*, que definia como patrimônio cultural imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas, junto com os respectivos instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes eram associados” (PELEGRINI, 2007, p. 95).

Na década de 1950, o folclorista Edison Carneiro participou intensamente do movimento que visava o estudo e a valorização do Folclore, assim como fez parte da militância para transformá-lo em ciência. Ele teve participação ativa na Comissão Nacional do Folclore, nos Congressos Nacionais e Internacionais, mas principalmente na Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, da qual foi diretor executivo. Durante sua gestão, entre 1961-1964, foi inaugurada a Biblioteca Amadeu Amaral e iniciada a montagem do acervo que originaria, em 1968, a inauguração de um Museu de Folclore, que desde 1976 recebe seu nome.

Em seus argumentos, Carneiro deixa clara sua opinião sobre a disputa por espaço na academia e seu repúdio aos sociólogos, fazendo menções diretas a Florestan Fernandes e Roger Bastide. Segundo o autor, os sociólogos negam o Folclore como ciência, reduzindo o folclorista ao *antiquário*, cujo papel seria localizar e coletar os fenômenos folclóricos e, somente os sociólogos estariam aptos a produzir uma interpretação científica (CARNEIRO, 1965, p. 65-68).

Em 1965, no livro “Dinâmica do folclore”, Edison Carneiro tece uma discussão a partir da leitura de diversos especialistas (folcloristas, sociólogos, psicólogos) sobre o Folclore. Para o autor, o fato folclórico está vinculado apenas às manifestações (maneira de sentir, pensar e agir) do povo, avessas à cultura de elite, apontando que existe na cultura um antagonismo social (CARNEIRO, 1965, p. 12-15).

Segundo esse estudo, o Folclore é dinâmico, uma projeção do passado para o presente e o futuro. O fato folclórico se individualiza ao ser incorporado a cultura local e passa a correr o risco com a presença de elementos eruditos que prejudicam a espontaneidade das manifestações.

Sabemos que o campo conserva melhor as formas de expressão e as diversões populares, expulsas paulatinamente da cidade pelo progresso econômico, social e político. [...] Sabemos que o ambiente geográfico local influi sobre o dado folclórico, seja limitando-o, seja acrescentando-lhe novos aspectos, seja modificando a sua fisionomia (CARNEIRO, 1965, p. 12).

As mudanças em parte da tradição modificam o todo, é nesse sentido que o Folclore é dinâmico, pois está em constante transformação e só há manutenção da tradição quando os elementos genuinamente populares permanecem (CARNEIRO, 1965, p.12-13). Para Carneiro, o fenômeno folclórico precisa ser captado na sua essência e na sua realidade presente, assim também é necessário estar atento à função social que esse fenômeno exerce no tempo e no espaço analisado (CARNEIRO, 1965, p. 94).

Renato Almeida, outro estudioso atuante na defesa do Folclore, trabalhou por muito tempo no Ministério das Relações Exteriores e, no ano de 1947, foi um dos idealizadores da criação da Comissão Nacional do Folclore e um dos promotores dos primeiros encontros nacionais entre os folcloristas brasileiros. Em seu livro “Inteligência do folclore”, publicado em 1974, o autor discute assuntos como *cultura popular*, *tradição* e os métodos criados para a ciência folclórica que ele e seus companheiros aspiravam concretizar. Essa obra também possibilita uma leitura sobre os debates propostos e definições desenvolvidas nos Congressos pelos folcloristas brasileiros durante o movimento folclórico.

No estudo mencionado, o autor inicia sua análise buscando compor as origens do termo Folclore, que foi proposto pela primeira vez em 22 de agosto de 1846 pelo arqueólogo inglês Wiliam John Thoms. O *folk-lore* (sabedoria do povo) designaria as antiguidades populares. Eram contos, lendas, mitos e provérbios que posteriormente ganhariam a denominação de literatura oral, também incorporando música, poesia e dança (ALMEIDA, 1974, p. 1).

A “nova ciência” sofreria seu primeiro choque justamente por estar aberta aos diversos saberes do homem. Diziam que aquilo que se atribuía ao campo do Folclore era em grande parte terreno privativo da Etnografia. Desde o início, na Europa, o Folclore enfrentou dificuldades para delimitar suas fronteiras (ALMEIDA, 1974, p. 2). A partir da década de 1950, esse problema de delimitação e de conceitos esteve presente no Brasil nos debates entre folcloristas e cientistas sociais. A *Carta do Folclore Brasileiro*, aprovada pelo I Congresso Brasileiro de Folclore, realizado no Rio de Janeiro em 1951, “condena o preconceito de só considerar folclórico o fato espiritual e aconselha o estudo da vida popular em toda sua plenitude, quer no aspecto material, quer no aspecto espiritual” (ALMEIDA, 1974, p. 14). Segundo o autor, a Carta não denota que o objeto do Folclore abranja toda a cultura popular, mas, entende como um conselho para o estudo da vida popular na sua complexidade, porque tudo que nela se desenvolve, mesmo não sendo Folclore, é interessante para análise do comportamento da coletividade. A Carta define ainda o fato folclórico como as “maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular e pela imitação, sem influência direta do oficial ou do erudito” (ALMEIDA, 1974, p. 14).

O interesse do folclore está em todas as manifestações da vida material, diretamente ligadas à vida espiritual ou que nela se condicionem ou por elas sejam determinadas. Cabe ao folclore estudá-las e considerá-las pelas interferências decorrentes das ações e reações no grupo (ALMEIDA, 1974, p. 14).

No Congresso Internacional de São Paulo, em agosto de 1954, afirmou-se ser impossível fixar uma terminologia em torno do estudo geral do domínio designado, pois diferentes países e escolas tinham delimitações e nomeações próprias. A dificuldade em definir um nome para essa ciência e delimitar seus limites gerou preconceitos que colocavam à prova a seriedade dos intelectuais que se ocupavam do Folclore. Para o autor: “A cultura popular que se visa estudar não será melhor conhecida se chamarmos dessa ou daquela maneira a disciplina que a considera” (ALMEIDA, 1974, p. 3). Assim, o interesse estava em conhecer a cultura popular e utilizar métodos produtivos, independentemente da denominação. De certa forma, o Folclore adquiriu existência autônoma, embora tenha sido difícil o seu reconhecimento, pois os próprios folcloristas não chegaram a um consenso sobre o campo de conhecimento que eles exploravam (ALMEIDA, 1974, p. 13).

Ainda sobre o termo *cultura popular*, Almeida define que ele estaria ligado às classes inferiores econômica, social e intelectualmente, de qualquer sociedade civilizada. Se a manifestação é criada nas classes superiores, só passa a ser considerada como Folclore se for rebaixada, incorporada e utilizada apenas pelo povo (ALMEIDA, 1974, p. 28).

Ela nos revela o modo de ser e principalmente o modo de viver da coletividade resultante das constantes tradicionais e da influência persistente das forças atuais, interação que lhe dá caráter e fisionomia. Daí sua transformação infatigável, na qual muitas coisas desaparecem e muitas outras surgem numa fusão entre o tradicional e o nascente. O folclore é um perpétuo vir-a-ser (ALMEIDA, 1974, p. 13).

O autor também discute o termo *tradição*, conceito que não seria um elemento fundamental ao Folclore, como postulam alguns intelectuais, pois este está em permanente invenção. Trata-se de uma incessante transformação de valores e improvisação por parte do povo, ao contrário do pensamento que assinala que o Folclore emerge apenas do que é antigo. Assim, a tradição em Folclore pode resultar tanto de um passado milenar, quanto de um fato contemporâneo, o importante é a sua aceitação por parte de uma coletividade (ALMEIDA, 1974, p. 37-38). Almeida se posiciona contra a fórmula adotada por alguns folcloristas da necessidade de recolher o fato folclórico, pois, caso contrário, a tendência seria desaparecer com o progresso. Para Renato Almeida:

O folclore não desaparece, transforma-se, é voz atual do presente [...] e o povo o mantém interminavelmente dentro dos elementos da sua criação e adaptação. A razão que nos determina recolher o folclore não deve ser salvá-lo em si, mas salvar as suas formas e expressões, em cujo estudo encontraremos constâncias e modelos normativos, capazes de nos explicar sua sequência. [...] Afastemos a ideia de que o folclore seja passado e o

próprio elemento tradicional que o informa não pode impedir sua eclosão em formas nascentes (ALMEIDA, 1974, p. 7).

O folclorista também fortalece sua defesa do Folclore como ciência autônoma. Segundo o autor, essa “nova ciência” está articulada no conjunto cultural onde existe e o estudo de sua história servirá para verificar as origens, migrações e variações no tempo. Nessa perspectiva, o que separa o Folclore da História é o fator tempo: enquanto o fato histórico é passado, o folclórico é atual (ALMEIDA, 1974, p. 6-7).

Na discussão sobre as delimitações do Folclore no campo das Ciências Sociais, Almeida argumenta que a nova ciência se ocupa da interpretação da vida popular nos aspectos espirituais e materiais, diretamente vinculados aos aspectos espirituais. “Na sua complexidade o Folclore escapa a qualquer exclusivismo. Perscruta a vida do povo em seus elementos imateriais e materiais, pois o lado espiritual da cultura se completa nos usos, costumes, práticas e técnicas” (ALMEIDA, 1974, p. 11). Cabe então, ao especialista do Folclore, o estudo da cultura popular preservada pela tradição popular ou por ela imitada, sem influência do oficial ou do erudito em uma sociedade civilizada. Contrariando Florestan Fernandes, o autor não entende o Folclore como uma disciplina humanística e também acredita que este estudo não entraria em conflito com a Etnografia, pois esta se ocupa primordialmente de sociedades primitivas. No entanto, elas teriam em comum o interesse pela vida dos povos em relação à cultura (ALMEIDA, 1974, p. 13-14).

O debate sobre a cultura popular e seus fundamentos percorreu várias décadas, entretanto, paralelo às discussões dos folcloristas, o sociólogo Florestan Fernandes dedicou vários de seus estudos ao Folclore, com contribuições importantes sobre o assunto. O autor critica o modelo que pensa o Folclore como sobrevivência. Para ele, o povo não seria um lugar de atraso, mas sim de progresso e os elementos folclóricos ocorrem em ambos os meios e classes sociais. Em vista desses pressupostos, ele associa esse modelo às filosofias positivistas de Comte e Spencer²³. Sendo assim, em sua análise, no âmbito das Ciências Sociais o Folclore surge como um campo ideal de investigação, voltado para observação do comportamento humano, dos valores culturais das coletividades e das condições em que eles se atualizam (FERNANDES, 2003, p.11).

Florestan Fernandes credita importância ao trabalho do folclorista, todavia, reconhece esse trabalho como não científico, mas humanístico. As tarefas próprias aos folcloristas seriam a coleta, classificação, comparação e estudos das origens de suas coleções. O

²³ Para melhor compreensão do assunto, este livro reúne textos do autor sobre folclore, publicados em diferentes períodos. FERNANDES, Florestan. O folclore em questão. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

folclorista teria assim um papel importante na estética do Folclore, mas o caráter científico ficaria ao cargo das Ciências Sociais (FERNANDES, 2003, p. 83).

Nos anos 1990, a leitura sobre o Folclore percorre outros caminhos interpretativos. O sociólogo Renato Ortiz, em “Românticos e Folcloristas”, argumenta que anteriormente, na Europa, existia uma elite que participava da pequena tradição do povo, mas esta não compartilhava de seu universo. De acordo com o autor “[...] Os homens cultos eram anfíbios, biculturais, falavam e escreviam em latim mas eram capazes de se expressar no dialeto local, que reconheciam como segunda ou terceira língua” (ORTIZ, 1990, p. 16).

O interesse pela cultura popular surgiu no momento em que ela tendia a desaparecer, sob as influências da Revolução Francesa e da Revolução Industrial, quando começa a se notar intelectualmente uma distância entre o modo de viver e saberes das elites e do povo. Ainda nas raízes do termo *cultura popular* na Europa, Ortiz aponta o *antiquário* e o *romântico* como precedentes do folclorista²⁴.

Assim como Florestan Fernandes, Renato Ortiz aponta que a criação do Folclore foi influenciada pelo positivismo de Comte e de Spencer para compreensão dos fenômenos sociais. Os folcloristas acreditavam na possibilidade de se fundar uma ciência positiva, o que não se concretizou devido à falta de um método. Portanto, o Folclore foi considerado inferior em termos acadêmicos e o que distinguia os folcloristas de seus antecessores era o trabalho empírico.

A obra do antropólogo Luís Rodolfo Vilhena, intitulada “Projeto e Missão – O movimento folclórico brasileiro 1947-1964”, atualiza o debate ao pesquisar sobre o período considerado de vital importância para a criação de um movimento folclórico no Brasil, que institucionalizou o Folclore a partir da criação da Comissão Nacional de Folclore (CNFL), mas falhou na proposta de criar uma ciência. O autor destaca como marco inicial de sua pesquisa a fundação da Comissão Nacional de Folclore (CNFL) que, “em pouco tempo, se firmou como a instituição mais importante nessa área, congregando a maioria dos folcloristas brasileiros” (VILHENA, 1997, p. 24). A análise de Vilhena se estende até o ano de 1964, pois, devido ao golpe militar, as portas da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro foram fechadas e seu diretor executivo Edison Carneiro foi afastado do cargo. Essa data marca o

²⁴ Segundo Ortiz, o antiquário possuía um mero interesse de colecionador e não tinha nenhuma predileção especial pelo povo, “frequentemente ele justifica seu interesse colecionador pelo amor as antiguidades, ou pelo gosto do bizarro”. Com ideais divergentes do Iluminismo, surge o Romantismo, movimento de “concepção revalorizadora da individualidade e do processo de criação”, perceptível nas literaturas populares (ORTIZ, 1990, p. 14).

declínio nas atividades (como os congressos e seminários) realizadas pelo movimento (VILHENA, 1997, p. 24).

O autor aponta que no Brasil, no início do século, os estudos folclóricos incidiam sobre a literatura oral, a música e, posteriormente, houve a preocupação com os folguedos populares. Na década de 1950, o país orgulhava-se por ser o primeiro a atender as recomendações da UNESCO, com a criação da CNFL, pois no pós-guerra os países estavam marcados pela preocupação com a propagação da paz; e o Folclore era tido como um fator de compreensão e apreciação das diferenças entre os povos. Sobre os folcloristas, o autor afirma que estes foram os primeiros a formular um discurso sistemático sobre o tema da chamada “*cultura popular*”. Assim, rediscutir suas produções implica também rediscutir esse polêmico conceito (VILHENA, 1997, p. 30). De acordo com Vilhena, os folcloristas brasileiros deixaram de lado suas origens românticas e a maioria “buscava no ‘povo’ as raízes autênticas e genuínas que permitiriam definir sua cultura nacional” (VILHENA, 1997, p.25).

O movimento folclórico, desde a fundação da CNFL, manteve estreitas relações com o Governo Federal, e no ano de 1958 foi oficializada a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, primeiro órgão permanente dedicado ao Folclore, vinculado ao então IBECC. Em 1976, a Campanha foi incorporada à Funarte, como Instituto Nacional do Folclore. Essa organização foi criada com a finalidade de preservar, pesquisar e divulgar o Folclore brasileiro, sendo assim, a valorização da cultura popular passou a ser vista não apenas como objeto de estudo, mas também como definidora de uma identidade nacional (VILHENA, 1997, p. 21).

Outra pauta importante durante o movimento foi, sem dúvida, a tentativa de estabelecer o Folclore como ciência autônoma. Os folcloristas se organizaram para romper com a tradição de intelectuais polivalentes que dominavam a vida intelectual e, a partir da consolidação dos espaços institucionais, o movimento acreditava que seria possível criar uma faculdade de Folclore e estimular a especialização desses intelectuais, pois enquanto vigorasse o “estereótipo” de intelectual não acadêmico, o estudioso do Folclore não seria levado a sério (VILHENA, 1997, p. 34). Contudo, esse projeto acabou entrando em conflito com os interesses dos cientistas sociais, que no contexto estavam solidificando-se na área acadêmica.

De acordo com as críticas dirigidas pelos cientistas sociais, as publicações desses intelectuais polígrafos transpareciam a sua ideologia e não retratavam a realidade das classes subalternas, como se propunham fazer. Para a construção de uma identidade nacional, muitos materiais coletados eram distorcidos, com correções e suavizações em versos de acordo com os interesses de seus autores (VILHENA, 1997, p. 28-29).

Ao ressaltar as polêmicas em torno da delimitação das fronteiras entre esses estudos e as demais Ciências Sociais, o autor conclui que, por um lado, o Folclore não conseguiu alcançar o estatuto de disciplina científica, como pretendiam os estudiosos e defensores, porém, o saldo foi positivo, pois essa prática foi institucionalizada em institutos, museus e órgãos do governo estadual e federal (VILHENA, 1997, p. 40).

Mesmo com o declínio do movimento folclórico durante o período de governo militar no Brasil, as ações dos folcloristas continuaram, porém, sem a mesma intensidade. Vilhena aponta que após a ditadura, a reorganizada CNFL realizou em 1992, na cidade de São José dos Campos, o Simpósio de Ensino e Pesquisa em Folclore, no qual houve a presença de estudiosos dessa área de diversos estados do Brasil “para produzir um diagnóstico sobre a situação atual do campo” (VILHENA, 1997, p. 40).

O que mais chamou atenção do autor foi que mesmo na ausência de uma representação estadual de São Paulo, houve a presença de algumas comissões municipais, provando que o movimento tinha se ramificado também para fora das grandes capitais, como se pode notar neste trecho:

A Comissão Estadual de São Paulo não estava ativa no período, e o principal núcleo local era a instituição privada que mantinha o Museu de Folclore Rossini Tavares de Lima, que mantém uma “Escola de Folclore”, única do gênero no país, cujo curso tem duração de 2 anos. O que mais chama a atenção na leitura das participações paulistas ao Simpósio é a menção a três comissões municipais (em Olímpia, Guarujá e São José dos Campos). [...] Em Olímpia, um grande festival folclórico, que permitiu à cidade se auto-intitular a “capital do folclore” do Brasil, é patrocinado pelo maior banco privado do país (relativa prosperidade econômica do interior, associado ao cultivo de uma identidade “rural” adequadas àquelas regiões cuja riqueza provém principalmente da agropecuária) (VILHENA, 1997, p. 41-42).

Vilhena conclui que esses indicadores, mesmo que insuficientes para um quadro mais preciso, mostram que o Folclore conseguiu tornar-se parte da agenda política cultural brasileira. Embora não tenha alcançado a proporção que a CNFL pretendeu, a institucionalização do Folclore se deu nas esferas: federal, estadual e, de maneira surpreendente, até municipal (VILHENA, 1997, p. 42).

Desde o início, o movimento folclórico foi permeado de interesses diversos e contrários. Alguns pensam no Folclore como ato de preservação das nossas raízes, que não podem se perder; outros pensam na manutenção do nacionalismo a partir dele, e outros pensam em promoção pessoal, como é o caso de políticos que investem e participam dessas ações.

De alguma maneira, apesar dos diversos interesses, essas promoções de eventos, como os festivais, acabam gerando um resultado positivo e estimulando uma real preservação. Isso acontece no caso a ser analisado com o Festival de Folclore de Olímpia, pois alguns grupos folclóricos brasileiros só existem para se apresentarem nesse festival, outros por condições precárias não perdurariam nos tempos atuais, devido à dificuldade em manter o vestuário e os instrumentos, por exemplo.

O município de Olímpia iniciou suas atividades folclóricas no ano de 1965, em continuidade aos ideais de Renato Almeida, Edison Carneiro e Câmara Cascudo. Desde então, a cidade não cessou suas atividades e recebe a titulação de “Capital Nacional do Folclore”.

1.2.1. A criação de instituições e o reconhecimento Estadual e Federal

Em 04 de julho de 1966 foi criado no município o primeiro órgão responsável pela preservação do Folclore: o Departamento de Folclore de Olímpia, constituído de professores de ensino médio, cujo objetivo era incentivar o estudo do Folclore e destacar sua importância. A partir desta data foram realizadas diversas atividades de caráter cultural, como cursos intensivos, conferências e exposições. “No ano de 1966, no Museu do Folclore do Ibirapuera, foi criada uma secção especial para Olímpia, e o 2º Festival alcançou maior repercussão” (MARANGONI, 2001, p. 143).

Como apontado anteriormente, a Companhia de Reis Fernandes gozava de prestígio junto aos organizadores do Festival do Folclore. Essa boa relação rendeu ao grupo o convite para se apresentarem no Palácio dos Bandeirantes em São Paulo. Essa participação foi descrita por Nelson Fernandes (filho de Celso Fernandes) que, embora nunca tenha participado como folião na Companhia, vivencia esse grupo desde a sua fundação. Mais uma vez evidencia-se a boa relação do grupo com o folclorista José Sant’anna:

Inclusive foram cantar no Palácio dos Bandeirantes em São Paulo, ficaram lá quase uma semana! [...]Eu não fui junto, mas a Folia foi escolhida pelo seguinte, que quando nasceu o Folclore em Olímpia a Folia de Reis que se apresentou foi a do meu pai, Fernandes, e a do Zé Ferreira! Então o finado professor Sant’anna foi convidado para ir fazer uma apresentação do folclore lá no Palácio do Bandeirante, então levou a Folia de Reis do meu pai e eu não lembro se a do Zé Ferreira foi, mas nessa data não! Por isso ele foi cantar lá!²⁵

²⁵ Entrevista com Nelson Fernandes. Data 15 de outubro de 2013.

Vale reforçar que a proximidade entre o grupo pesquisado e os representantes do Departamento de Folclore de Olímpia era positiva, pois possibilitava uma maior visibilidade perante a população. Entretanto, é evidente que essa relação era recíproca, pois os folcloristas olimpienses necessitavam de aceitação dos grupos folclóricos da cidade para obterem sucesso em seus projetos.

Em 1967, José Sant'anna apresentou o anteprojeto para a criação do Conselho Municipal de Cultura, do qual fazia parte a Comissão de Folclore, tornando-se seu presidente. Essa organização tinha como interesse angariar fundos para o festival. Segundo o periódico *O Boletim do Interior*, “A Comissão vai batendo de porta em porta – Embratur, Secretarias do Estado, empresas, bancos, famílias da região – e, enquanto os recursos pingam, renovam-se os contatos com os grupos folclóricos de vários pontos do país” (O BOLETIM DO INTERIOR, 1984, p. 28)²⁶.

Neste mesmo ano, por intermédio de Ely Camargo, o professor Sant'anna conheceu Dr. Rossini Tavares de Lima e a professora Laura Della Mônica, ambos ilustres folcloristas. Posteriormente, o olimpiense tornou-se membro efetivo da Associação Brasileira de Folclore e, juntamente com Rossini Tavares de Lima, Alfredo João Rabaçal, Hélio Damante e Laura Della Mônica, integrou a Comissão Estadual de Folclore e Artesanato (Conselho Estadual de Cultura) (MARANGONI, 2001, p. 121). Nesse período, a cidade havia conseguido um lugar junto às instituições que preservavam o Folclore brasileiro. Sendo assim, Olímpia se organizava para questões folclóricas durante o ano todo, com cursos e seminários que contavam com a presença de folcloristas de renome²⁷.

Durante o ano de 1971, três cursos foram organizados e ministrados na cidade: “Iniciação à História de Olímpia (de 22 a 30 de março); “Danças Folclóricas Brasileiras” (de 25 a 27 de julho); e “Folclore e Literatura” (de 21 a 31 de julho). Em 8 de maio de 1970, o governador do Estado, por um decreto, oficializava, para fins de calendário turístico, a inclusão da Festa do Folclore de Olímpia. Durante o ano de 1971, pela primeira vez, foi editado o Anuário do Folclore, durante o 7º Festival de Folclore, o qual passou a ser publicado em todos os festivais posteriores (MARANGONI, 2003, p. 143)²⁸.

²⁶ Faziam parte do Conselho Municipal de Cultura – Comissão Municipal de Folclore: Sidiney Furlan (presidente), Egidio Caputo, João Gianotto, Sílvio Roberto Mathias Neto, José Sant'anna (coordenador e assessor), Carlos Roberto Rayel Constantino, José Maria de Jesus Marangoni, Cláudio Martini Gemignani (MARANGONI, 2003, p. 123).

²⁷ No Anuário do 25º Festival do Folclore de Olímpia são apontadas as atividades que foram desenvolvidas pela Prefeitura Municipal de Olímpia entre os anos de 1965 a 1989 em prol do Folclore. A Prefeitura Municipal baixou 168 decretos e 3 portarias relativos ao movimento folclórico de Olímpia. Foram realizadas 81 conferências, 58 cursos, 17 palestras, 2 seminários e 1 simpósio sobre Folclore Nacional. *Anuário do 25º Festival do Folclore de Olímpia-SP*. Ano XVI – nº19 – 22 de agosto de 1989, p. 113.

²⁸ Sobre a oficialização do festival, o Anuário do 25º Festival do Folclore de Olímpia destaca que: O Diário Oficial do Estado de 9 de maio de 1970, página 4, do Governo de São Paulo, governador Abreu Sodré, publicou

Em 1971, a capa do primeiro anuário (correspondente ao 7º festival) editado trazia o logotipo do Festival do Folclore de Olímpia, desenhado pelo folclorista José Sant'anna e inspirado nas Folias de Reis do município. Na imagem 03, é possível analisar e produzir uma leitura sobre os diversos códigos presentes nesse logotipo: dois palhaços, que são personagens quase sempre presentes nessa prática; uma viola caipira de 10 cordas, principal instrumento musical da Folia, duas espadas (chamadas pelos foliões de facões) cruzadas, que são usadas para proteger a bandeira sagrada; o pandeiro, formado pelo conjunto do desenho, é outro instrumento importante para essa prática, circular e geralmente produzido em pele de couro esticada, sobre um aro de madeira. As cores que compõem o símbolo (azul, vermelho, amarelo e branco) são as mais usadas nas bandeiras; a cabeça de boi que aparece na forma dos corpos dos palhaços (em vermelho) representa a carne bovina, prato quase sempre presente na festa de Chegada da Bandeira.



IMAGEM 03 – Logotipo do Festival do Folclore de Olímpia. Fonte: Capa do Anuário do 7º Festival do Folclore de Olímpia – 1971

o Decreto de 8 de maio de 1970, que incluiu o Festival do Folclore de Olímpia no Calendário Turístico do Estado. No mesmo anuário consta a seguinte informação: O Diário Oficial do Estado de São Paulo de 279/1976, páginas 8 e 9, com base na Lei 10394, de 3/12/1968, publicou o Decreto 8449, de 1º de setembro de 1976, governador Paulo Egydio Martins, oficializando o Festival do Folclore de Olímpia, com a participação da Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia. *Anuário do 25º Festival do Folclore de Olímpia-SP*. Ano XVI – nº19 – 22 de agosto de 1989, p. 113.

Diante de tantas possibilidades, por que a manifestação escolhida para representar o Festival do Folclore foi a Folia de Reis? A cidade contabilizava no período 32 grupos, número bastante elevado para uma cidade pequena. Desde a fundação da Comissão e Departamento do Folclore, esses foliões sempre contaram com apoio das instituições mencionadas que, cadastravam os grupos e distribuíam roupas e verbas quando necessário. A legenda com os dizeres: *Olímpia Capital do Folclore* é uma referência ao título que a cidade recebeu de políticos e folcloristas, como reconhecimento do trabalho realizado no município. Na legenda também é possível ler *Festival em agosto*, mês no qual é realizado o festival, por ser considerado o mês do Folclore²⁹.

Essa verba citada no parágrafo anterior foi mencionada em algumas das entrevistas. A senhora Nadir Fernandes (filha de Celso Fernandes) relata que, por diversas vezes, foi comprar panos para confecção das vestimentas com verba recebida da Comissão de Folclore. Na fala dela, assim como na de outros foliões, tanto o Festival de Folclore quanto a Comissão de Folclore recebem a mesma denominação, apenas “o Folclore”.

que nem agora no caso, tinha meu pai, tem meu irmão, já tem as roupas, são ganhadas todo ano no Folclore, eles ganham uma verba, para comprar as roupas, antigamente tinha o senhor professor José Sant’anna, que infelizmente faleceu, então ele era o responsável por isso, então ele sempre dava uma autorização que eu, eu fui muitas vezes com o meu pai, antigamente tinha a Casa Branca aqui em Olímpia, que vendia tecido, então ia lá, comprava as roupas e tecidos e mandava fazer [...] mas geralmente agora é no Folclore, que tem essa verba, para comprar roupa para o desfile e para a apresentação lá no Folclore, então é onde ele sempre compra roupa nova e farda para os palhaços.³⁰

O gerente da folia, senhor Nilson Fernandes, da mesma maneira, relata a importância desse auxílio financeiro oferecido pela Comissão de Folclore, destinado para compra de panos e também para reparos nos instrumentos. Segundo ele, se não fosse essa verba, o grupo não teria condições de resolver esse tipo de dificuldade, pois, todo o dinheiro arrecadado durante os giros é revertido exclusivamente para a festa da Chegada da Bandeira.

Comprar camisa para o pessoal que canta e a gente pega muito isso aí, quem dá uma força pra gente é o Folclore de Olímpia, porque na época do Folclore eles dão uma verba para pessoa comprar uniforme, instrumento! Então a gente usa esse dinheiro do Folclore, que dão para gente, para isso! Porque a gente não tem condições de comprar para todo mundo, então a gente usa

²⁹ Informações obtidas no *Anuário do 20º Festival do Folclore de Olímpia-SP*. Ano XI – nº14 – 22 de agosto de 1984.

³⁰ Entrevista com Nadir Fernandes. Data 15 de outubro de 2013.

esse dinheiro do Folclore e compra uniforme para os fardados, às vezes ganhamos também, não vou dizer que sempre compra, tem pessoas que fazem promessa e dão o uniforme, a farda, então é isso aí né?³¹

Assim como a Companhia de Reis Fernandes, outros grupos recebem ajudas de custo para se apresentarem durante a semana do festival. Essa verba, muitas vezes destinada à compra de vestimentas, possibilita uma apresentação esteticamente mais atrativa. Nesse sentido, essa festividade sempre contou com variadas manifestações folclóricas, vindas de diversas regiões brasileiras, gerando interesse e participação dos olimpienses nas diversas atividades ao longo do Festival do Folclore.

O envolvimento e receptividade de toda a população geraram reconhecimento entre as autoridades e folcloristas de todo o Brasil. Logo, Olímpia recebeu a titulação de “Capital Nacional do Folclore”. “O Festival projetou nacionalmente a cidade que, de ‘Capital Paulista do Folclore’, título outorgado em 1967, por proposição do folclorista Hélio Damante, passou a ‘Capital Nacional do Folclore’, em 1977, por projeto do professor Ático Vilas-Boas da Mota” (O BOLETIM DO INTERIOR, 1984, p. 29). A relevância da cidade na luta pelas questões folclóricas era frequentemente reconhecida por folcloristas como Câmara Cascudo e Renato Almeida, como é possível compreender a partir da leitura das correspondências anexadas nos Anuários do Festival³².

Os Anuários do Festival, de responsabilidade da Comissão Municipal de Folclore e do Departamento de Folclore de Olímpia, eram desenvolvidos e dirigidos por José Sant’anna e compõem um rico material de pesquisa, a partir do qual é possível analisar outras realizações como: a publicação de trabalhos de folcloristas locais e de outras regiões do país, projetos, leis e decretos municipais e nacionais criados em prol do Folclore, noticiário e imagens do festival anterior e correspondências recebidas de folcloristas e instituições, públicas e privadas³³. Pode-se também compreender qual era o seu público alvo e quais os objetivos dessas publicações, como se dava a sua circulação e distribuição, quem compunha o corpo editorial e

³¹ Entrevista com Nilson Fernandes. Data 14 de outubro de 2013.

³² A seção de correspondências do Anuário do 14º Festival do Folclore de Olímpia traz a transcrição de uma carta enviada do Ministério da Educação e Cultura, em 13 de fevereiro de 1974, do diretor executivo da Campanha de Defesa de Folclore Brasileiro, ao diretor do anuário da Comissão Municipal e do Departamento de Folclore de Olímpia – SP. Vale apontar um trecho desse conteúdo: “Venho acompanhando, com muita satisfação, a publicação de seu Anuário. Sei que não é tarefa fácil, mas representa um grande esforço generoso em prol das tradições populares de nosso povo. Se todas as Comissões Municipais imitassem a iniciativa de Olímpia, talvez o nosso folclore fosse melhor conhecido por todo o país”, assinado por Renato Almeida.

³³ Após a publicação do primeiro anuário, em 1971, poucas edições do festival não tiveram a publicação do periódico, são eles: 10º, 15º, 16º, 17º Festival do Folclore.

quais tipos de relações existiam entre as autoridades, as empresas privadas e o governo federal³⁴.

Vale ressaltar que, os anuários não tratam especificamente de alguma Companhia de Reis, elas são citadas comumente em páginas que trazem a programação do evento e nas fotografias de desfiles. O foco principal dessa publicação é o Folclore em geral, e não as particularidades dos grupos da cidade. O mesmo ocorre com a publicação do memorialista José Marangoni que, em algumas de suas páginas relata sobre o Folclore olimpiense, porém, sem destacar grupos específicos. Possivelmente, isso se deve ao elevado número de manifestações folclóricas em Olímpia. A Folia de Reis tem como principal veículo de divulgação a via oral que, de fato percebe-se ser bastante efetivo devido ao grande público presente nas festas de Chegada da Bandeira.

Desde o primeiro Anuário há publicação de artigos sobre o Folclore, alguns, principalmente na década de 1970 e 1980, trabalhavam com debates acerca do movimento folclórico nacional. Nesse sentido, foi possível notar alguns temas frequentes como: o Folclore como manifestação de cultura, sugestões para comemoração e ensino do Folclore nas escolas; política turístico-cultural; o fato folclórico e suas características; Folclore como disciplina na universidade; entre outros³⁵. Os demais trabalhos publicados eram resultados de coletas e pesquisas, sobre os mais variados temas relacionados ao Folclore, como por exemplo: a polêmica do parafolclore; os batuques; mundo sobrenatural e suas lendas; danças, usos e costumes tradicionais de diversos estados brasileiros; adivinhações; religião e Folclore;

³⁴ A produção desses periódicos não visava lucro, grande parte dos exemplares era enviada por correio para instituições, folcloristas e autoridades. No entanto, durante a semana do festival, desde a primeira publicação, o anuário era vendido ao público por baixos valores. Assim, esse material circulava entre especialistas sobre o assunto, como também entre a população da cidade e entre os visitantes. Vale ressaltar que, os anuários circulavam também no exterior.

³⁵ Alguns exemplos de artigos nos Anuários: no 7º Anuário do Festival do Folclore: “O Folclore como manifestação de cultura”, de Nilce Aparecida Lodi e Maria Aparecida Rocha Bauab (texto em homenagem ao festival de Olímpia, escrito por duas professoras de história de São José do Rio Preto, no qual pode-se notar esperanças quanto ao futuro da “disciplina” folclórica no meio acadêmico); “Sugestões para as comemorações do mês do Folclore, agosto, nas Escolas do Ensino Médio” (Sugestões – Comissão Estadual de Folclore e Artesanato [Conselho Estadual de Cultura] – 1969); “Diagnóstico e Prognóstico do Folclore e do Turismo Cultural no Brasil” pela Comissão Estadual de Folclore e Artesanato (Conselho Estadual de Cultura), Rossini Tavares de Lima, Alfredo João Rabaçal, Hélio Demante, José Sant’anna, Laura Della Monica (para a criação de uma consciência pública que favoreça a defesa, o estímulo e a concretização dos fenômenos folclóricos, como um primeiro passo para uma política turístico-cultural); Anuário do 11º Festival de Folclore de Olímpia: “Mês de agosto – Mês do folclore”, de Laura Della Mônica (titular das cadeiras de Folclore da PUC-Campinas e da faculdade de Ciências Humanas de Santos. Membro de entidades culturais de folclore do Brasil e do exterior); 12º Festival de Folclore de Olímpia: texto de Renato Almeida – Ministério da Educação e Cultura sobre a Campanha de Defesa do Folclore brasileiro – Rio de Janeiro 1968; “O fato folclórico e suas características”, de Arminda Camarga – Cadernos de folclore – nº15. MEC. Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro – RJ – 1973; 13º Festival de Folclore de Olímpia: “Folclore, uma história sem autor”, de Renato Almeida; 14º Festival de Folclore de Olímpia: “Metodologia em folclore – a investigação folclórica – Coleta, levantamento e pesquisa. Observação, inquérito e entrevista”, de Renato Almeida; “Aos professores”, de Laura Della Mônica, um incentivo para comemorações do mês do folclore nas escolas.

brincadeiras; simpatias; culinária; danças; crendices; remédios; contos; literatura de cordel; etc.

Nos Anuários encontram-se dezenas de decretos baixados pelo Governo Municipal com o objetivo de preservar as manifestações folclóricas, assim como Leis Municipais e Federais relacionadas ao Folclore. Podem ser citados como exemplos alguns decretos: Decreto nº56747, de 17 de agosto de 1965, que Institui o Dia do Folclore, baixado pelo presidente Humberto Castelo Branco; Portaria N.º 2137, de 19 de março de 1969, que dispõe sobre a instituição de Concurso “Folclore Brasileiro” para a concessão do prêmio “Dr. Silviano Pinto”, baixada pelo prefeito Wilquem Manoel Neves; Lei nº1272, de 18 de abril de 1977 – Dispõe sobre a oficialização do cognome “Capital do Folclore” à cidade de Olímpia; Decreto nº1314, de 2 de agosto de 1979 – Aprova o Regimento da Comissão de Folclore para a concessão do troféu Curupira; Decreto nº1286, de 1º de agosto de 1979 – Dispõe sobre a instituição do patrono do Festival do Folclore – Curupira se torna patrono permanente. Nesse caso, o patrono é personificado geralmente por um garoto (imagem 04), que recebe do prefeito a chave da cidade e assume o comando até o fim do festival. “E o prefeito leva a coisa tão a sério que, nesse período, não assina documentos, não contrata e não despede, não cobra, não reivindica. Afinal, em terra de folclore quem manda é o Curupira” (O BOLETIM DO INTERIOR, 1984, p. 29); Decreto nº1396, de 1º de agosto de 1980 – Institui e regulamenta a expedição de Diplomas a visitantes Ilustres, durante as comemorações do Festival do Folclore.



IMAGEM 04 – Entrega das chaves da cidade ao Curupira. Fonte: *Anuário do 26º Festival do Folclore de Olímpia-SP*. 1990, p.106.

A imagem 04, veiculada no Anuário do Festival do Folclore, ilustra o momento de entrega da chave da cidade ao Curupira. É perceptível nessa representação que, durante a semana das festividades, a cidade respira o Folclore, tanto que o seu prefeito passa simbolicamente a ser uma manifestação folclórica.

Todas as edições dos Anuários contam com uma seção chamada “noticiário”, na qual são relatados os acontecimentos do Festival do Folclore do ano anterior, com textos e fotografias. É recorrente encontrar nos noticiários matérias com as seguintes temáticas: a tradicional missa dos violeiros, entrega das chaves ao curupira, alunos das escolas participando do cerimonial de abertura, mini-festival de Folclore, gincana de brinquedos tradicionais infantis, poemas, informações sobre visitas de políticos, nomeação da rainha do Folclore, resultados dos campeonatos e concursos. Porém, é notável o valor atribuído ao famoso desfile de encerramento do festival, sempre com a presença de quase todos os grupos que se apresentaram durante a semana. Uma festa colorida, com muita música e integração entre os grupos e a população olimpiense.

Domingo é o grande dia em que a cidade acorda cedo para esperar o apoteótico desfile de encerramento do festival, liderado pelos grupos folclóricos participantes, e fechado por um luxuoso cortejo para folclórico de carros alegóricos, com as moças mais bonitas da cidade encarnando personagens da história ou da mitologia (O BOLETIM DO INTERIOR, 1984, p. 28).

Nas capas e páginas dos Anuários, sempre compostas por temas folclóricos, é possível encontrar textos e imagens que evidenciam o envolvimento de políticos com o festival (verbas, presença, decretos, leis), como também de órgãos públicos, que colaboravam e apoiavam como a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro – FUNARTE, Embratur, Comissão de Folclore do Conselho Municipal de Cultura de Olímpia, Centro de Pesquisas e Estudos Folclóricos do Museu de História e Folclore “D. Maria Olímpia”, Instituto Nacional de Folclore da FUNARTE, Comissão Nacional do Folclore, Delegacia Regional da Cultura da 8ª Região Administrativa e, apoio da Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo.

Retomando as iniciativas do município, outra significativa ação que esse movimento desencadeou foi a fundação do Museu de História e Folclore Maria Olímpia, que teve seu acervo formado desde as primeiras exposições elaboradas por José Sant’anna com ajuda de outros professores e alunos. O acervo cada vez maior recebia novas peças, mas, a exposição

não tinha um local fixo para armazenar esse material. Finalmente, em 1973, por intermédio do professor Victório Sgorlon, o Prefeito, Dr. Alfonso Lopes Ferraz, cedia o antigo prédio do Posto de Puericultura de Olímpia, que estava desocupado, para a instalação do museu. Para tanto, foram nomeados fundadores do museu o senhor Victório Sgorlon e sua esposa Lourice Arutin Sgorlon, com a ata de registro datada de 13 de agosto de 1975. “O livro de presença registra nesse primeiro ano de exposição a visita de 3.067 pessoas” (MARANGONI, 2003, p. 112).³⁶

Nesse sentido, em 1º de agosto de 1977, com o decreto nº1114/77, o chefe do executivo promulgava a lei nº 1274, dispondo sobre a criação do museu, como também, criava as funções de Diretor Técnico, Chefe de Secção de História, Chefe de Secção de Folclore, Museólogo, Restaurador, Arquivista, Datilógrafo e Servente. No dia 14 de junho do ano seguinte, através do avulso 31/78, o vereador José Sant’anna apresentou o projeto de lei nº 1625/78, dando ao órgão a denominação de “Museu de História e Folclore Maria Olímpia”, aprovado pela Câmara Municipal de Olímpia na sessão de 30 de junho de 1978 (MARANGONI, 2003, p. 110-119).

O museu permaneceu no antigo Posto de Puericultura até 1982, contudo, as peças folclóricas precisavam de um lugar adequado para fixarem-se, então nessa ocasião, o Prefeito Álvaro “Marreta” Cassiano Ayusso cedeu o prédio que pertencia à família Tonnani, construído na década de 1920, que se encontrava abandonado e ocupado por famílias de indigentes sem teto (MARANGONI, 2003, p. 114). No dia 2 de agosto de 1982, o museu iniciava sua exposição no novo local e hoje se tornou além de um ponto turístico da cidade e um dos museus mais completos do país sobre o tema. Sem dúvidas, esse órgão é o maior patrimônio histórico-cultural de Olímpia (MARANGONI, 2003, p. 115).

O acervo do museu é composto por indumentárias de diversos tipos, doadas pelos grupos folclóricos: utensílios domésticos antigos, teares, artesanatos, quadros e também possui uma biblioteca com diversos títulos sobre o Folclore brasileiro. Embora essas imagens retratem diferentes elementos considerados folclóricos, todos eles são considerados como pertencentes a uma identidade local e têm a função de rememorar os olimpienses sobre suas raízes, reafirmando a ligação dessa população com o Folclore.

Todavia, umas das ações mais notáveis desenvolvidas na cidade foi o projeto de criação e instalação da “Faculdade de Folclore de Olímpia”, que tinha como principal

³⁶ O acervo do museu foi formado por doações de populares e grupos folclóricos da cidade desde os primeiros anos do Festival do Folclore. Atualmente, essa instituição é organizada de acordo com as políticas de museus e é gerida pela Prefeitura de Olímpia. Este local faz parte do roteiro turístico da cidade e recebe visitas de turistas e alunos das escolas do município e região.

finalidade formar pesquisadores nessa área. A instalação do museu era vista como um dos primeiros passos para esse objetivo, no entanto, com o intuito de acelerar esse processo, o Prefeito Álvaro Cassiano Ayusso baixou o Decreto nº 1172, de 06 de janeiro de 1978, oficializando o Seminário “Projeto de Currículo para a Licenciatura em Folclore”³⁷. O Seminário aconteceu de 16 a 28 de janeiro 1978, com a colaboração do Departamento de Sociologia e Antropologia da FAFICH (UFMG) e da Secretaria Executiva da Comissão Mineira de Folclore. O grupo que elaborou o relatório final era composto pelos professores José Sant’anna, Saul Alves Martins, Rothschild Mathias Netto e Antônio Clemêncio da Silva.

O Anuário do 19º Festival do Folclore de 1983 traz o projeto na íntegra, constando programa, objetivos, disciplinas, ementas e bibliografias desse curso que faria parte da Fundação Educacional do Município de Olímpia. Essa iniciativa recebeu projeção e apoio nacional e, por alguns anos, a maioria das correspondências presentes nos Anuários fazia menção à Faculdade de Folclore³⁸. Folcloristas de todo o Brasil mandavam apoio e sugestões, como Luís da Câmara Cascudo (Sociedade Brasileira de Folclore); Mario Souto Maior (Diretor do Centro de Estudos Folclóricos do IJNPS); Saul Alves Martins (UFMG - Secretário Executivo da Comissão Mineira de Folclore)³⁹.

Assim como no movimento folclórico nacional, o município de Olímpia não conseguiu concluir o projeto de criação de uma Faculdade de Folclore. Embora cercada de apoios de instituições, essa iniciativa teve como barreira a falta de um método e as constantes indagações das Ciências Sociais. No entanto, esse insucesso não foi um problema, pois a cidade continuou com diversas ações de preservação e divulgação das manifestações folclóricas brasileiras.

³⁷ Informações obtidas no *Anuário do 14º Festival do Folclore de Olímpia-SP*. Ano VII – nº9 – 19 de agosto de 1979.

³⁸ A seção de correspondências do Anuário do 14º Festival do Folclore de Olímpia traz a transcrição de uma carta enviada por Luís da Câmara Cascudo (Sociedade Brasileira de Folclore) para o Prefeito de Olímpia, Sr. Álvaro Cassiano Ayusso, a respeito da Faculdade de Folclore. Vale apontar um trecho deste conteúdo: “Muito saudar. As minhas congratulações efusivas incluem a solidariedade imediata e lógica à Faculdade de Folclore em Olímpia, que se fez por deliberação consciente, a linda Capital do Folclore no Brasil autêntico. Mais uma vez, *Non ducor, duco!*”. A mesma seção de correspondências do Anuário do 14º Festival do Folclore de Olímpia traz a transcrição de uma carta enviada do Diretor-Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, ao Excelentíssimo Senhor Prefeito de Olímpia – SP: “Senhor Prefeito: Congratulo-me com Vossa Excelência pelo projeto de criação, de uma Faculdade, no Município, destinada ao ensino do Folclore. Trata-se de uma iniciativa de elevada significação, que vem demonstrar o interesse pela cultura popular. Gostaria de receber cópia do <<Projeto do Currículo para Licenciatura em Folclore>> para conhecimento pormenorizado do projeto. Aproveito a oportunidade para renovar os protestos de estima e elevada consideração”. Assinado por Bráulio do Nascimento (diretor-executivo).

³⁹ A coluna de correspondências esteve presente do 20º ao 40º Anuário, o que possibilitou uma análise do público consumidor desse material. Desta forma, podem-se compreender as opiniões dos leitores, assim como a troca de informações entre membros das comissões estaduais e municipais, universidades e autoridades.

Nos Anuários é possível notar que sempre houve homenagens aos órgãos nacionais de defesa do Folclore, assim como a políticos que ocupavam cargos de poder, por exemplo, aos presidentes militares, com alguns textos que faziam apelo ao nacionalismo. Nota-se constantemente a relação entre Folclore e política nos moldes de Renato Almeida, pois o Folclore precisava de apoio do poder para conseguir avançar no projeto e os políticos, por sua vez, aproveitavam-se dele para fortalecer sua imagem pública.

Como ocorre, por exemplo no caso do candidato à presidência da república pelo PSD, Ronaldo Caiado⁴⁰ (imagem 05), que em 17 de agosto de 1989 compareceu ao palanque das Atividades Folclóricas após apresentação da cantora de músicas populares Inezita Barroso e fez seu discurso para o público. Vale ressaltar que, historicamente, na pauta do partido deste presidencial, constavam assuntos relacionados ao Folclore, tendo em vista que entre os presidentes mais participativos durante o movimento folclórico brasileiro (1947-1964) estava Juscelino Kubitschek, também do PSD. A imagem 05 retrata perfeitamente a relação mútua, simbolizada por um abraço entre o político buscando apoio popular e o folclorista buscando suporte para continuidade de seu projeto.



IMAGEM 05 – Candidato a presidência da república presente no Festival do Folclore de Olímpia
Fonte: *Anuário do 26º Festival do Folclore de Olímpia-SP*. 1990, p. 120.

Também é possível notar nas páginas dos Anuários a grande contribuição de professores de universidades e folcloristas de outros estados com textos sobre assuntos

⁴⁰ Ronaldo Caiado, natural de Anápolis/GO é médico e político, e se destaca por ter sido o fundador da União Democrática Ruralista (UDR), instituição que representava os interesses dos grandes produtores rurais. No ano de 1989, candidatou-se à Presidência da República pelo PSD representando ideais liberais. Atualmente, é vice-presidente nacional dos Democratas (DEM).
Informações disponíveis em: <http://www.ronaldocaiado.com.br/historia/>

diversos. Nesse sentido, esse periódico funcionava como um divulgador dos cursos folclóricos que foram realizados como, por exemplo, no Anuário do 7º Festival do Folclore de Olímpia constavam os subsídios do curso “Coletador de Folclore”, realizado no Colégio e Escola Normal “Capitão Narciso Bertolino”, de Olímpia, regido pela professora D. Laura Della Mônica e coordenado pelo professor José Sant’anna (membros efetivos da Associação Brasileira de Folclore). Palestras e cursos de expansão cultural sobre Folclore foram realizados na Casa da Cultura de Olímpia, contando com diversas atividades culturais relativas ao Folclore e oficializados por decreto pela Prefeitura de Olímpia⁴¹. Além de cursos, a Comissão de Folclore organizava uma Maratona Intelectual Folclórica e um Torneio Cultural Folclórico entre os jovens com o intuito de estimular o que eles consideravam como uma nova ciência.

Ao analisar os patrocínios na capa e no interior desse material, é possível observar pouca publicidade ao longo dos anos, tendo em vista que, o objetivo dessas publicações não era gerar lucro. Mas, quando presentes, as propagandas eram em sua maioria de produtos relacionados à agropecuária, transparecendo o clima econômico da região.

Entretanto, há de se destacar o Banco Bradesco, que por muitos anos patrocinou a produção do Anuário; nesse sentido, são inúmeras as homenagens prestadas aos empresários e à instituição, as quais se davam de diversas e criativas maneiras, como por imagens, textos, literatura de cordel e até paródias de conhecidas músicas populares, como por exemplo, a adaptação da música “Mulher Rendeira”, com letra de Iseh Bueno de Camargo:

OLÊ, BRADESCO

Nós fomos ao BRADESCO

Abrir uma conta lá,

Aumentamos nossa renda

E gostamos de poupar.

Olê Banco BRADESCO!

Olê vamos bradar!

Tu me ensinas a fazer renda

Que eu te ensino a dançar⁴²

⁴¹ Os cursos dividiam-se em: 1 – Ciclo de Palestras sobre Folclorística; 2 – Folclore I; 3 – Folclore II; 4 – Folclore Ergológico; 5 – Arte e Artesanatos Folclóricos; 6 – Plantas na Medicina Popular.

⁴² Paródia encontrada no Anuário do 25º Festival do Folclore de Olímpia. 1989, p.113.

No entanto, é necessário apontar que esse tipo de ação não era desprezioso, pois, também era muito favorável ao banco e às empresas, tendo em vista que a circulação de propagandas gerava um aumento no número de investimentos e clientes nessa região, que no período crescia economicamente devido à agropecuária.

A respeito do movimento folclórico olimpiense, durante as entrevistas, foi possível perceber que os foliões e parentes de Celso Fernandes têm suas opiniões formadas sobre a participação do grupo no Festival do Folclore de Olímpia. Foi recorrente entre os entrevistados a visão positiva na participação do grupo nessa festividade, como um dos fatores de manutenção da Companhia, possibilitando que pessoas que não conheçam essa manifestação passem a conhecer. Outro fator evidente nas entrevistas foi que essa apresentação não tem a mesma importância do giro natalino, este sim representa a missão desses foliões. Assim, se torna claro que na visão deles, a Folia de Reis é religião, enquanto o Folclore seria secundário.

Acho bonito! Porque o folclore é cultura, o mundo inteiro tem folclore, todo país tem seu folclore e os Reis é o folclore brasileiro, a catira é brasileira, a congada é brasileira, é descendente de africano, mas é brasileira, a chula já é uruguaia e de argentino é tudo por aí! [...] Porque no final do ano, pelo que eu li, é peregrinação, os Reis peregrinaram para encontrar Jesus, já folclore é cultura e festa, isso aí!⁴³

O folião Roberto de Carvalho mostra admiração com a iniciativa de preservar manifestações folclóricas, na visão desse folião, a Folia de Reis está inserida na cultura do povo brasileiro. Porém, a importância da apresentação no Festival é diferente, lá a participação seria importante do ponto de vista cultural apenas, uma festa; já durante o giro do final do ano, ela é puramente religiosa. Por outro lado o folião Dorival Ribeiro, embora contrário à ideia de que a Folia de Reis seja considerada Folclore, diz:

Olha a diferença que lá já fala folclore, então eles já levam tudo representando a cultura, porque eles falam que vem grupos de fora representando a cultura deles lá, a nossa cultura aqui é Companhia de Reis! Eu não levo por esse lado, Companhia de Reis como cultura, eu levo Companhia de Reis como religião, uma coisa muito sagrada! Só que ela tem que ser mostrada para ela não acabar! Então ela tem que ser, vai se apresentar no Folclore, lá no Folclore, por exemplo, eles dão lá uma verba, não importa se eles vão dar aquela verba! No carnaval eles também fazem isso, não tem nada a ver com Folclore! Mas eu acho que tem que ter aquele

⁴³ Entrevista com Roberto José de Carvalho. Data: 17 de outubro de 2013

destaque da Folia de Reis para esse povo que vem de fora, pessoa que nunca viu! Teve gente que não sabia o que era Companhia de Reis, chegaram a mim e perguntaram, chegando ao presépio assim, porque no presépio tem os Três Reis, Gaspar, Baltazar e Belchior, qual que eu era daqueles lá? Falei não! Eu não tenho nada a ver com aqueles lá! Eu sou o guardião da bandeira e eu não vou te explicar porque vai longe! Você não vai entender! É aquela história que era o soldado de Herodes! Não eu sou guardião de bandeira, e para por aí! Porque não adianta, aqui eu estou dando entrevista, por isso que a gente explica com detalhe. Mas eu me sinto lá, quando eu fui me apresentar no Folclore, me apresentei lá, assim como uma religião, com fé e devoção! Mas tem gente que não tem entendimento e não conhece e fala é tudo folclore! Não, não é folclore! [...] Isso tem um significado, isso não é folclore apenas! Eu achava melhor eles falarem assim que é um costume! A Bahia tem como costume o samba! Tem o frevo lá em Recife! Então a gente tem que falar que é o costume, não que é o folclore! [...] Nós não podemos chegar lá com o Santo Reis e falar: “Nós viemos mostrar o folclore de Santos Reis!”. Mas não, Santos Reis não é folclore!⁴⁴

Em seu depoimento, o senhor Dorival Ribeiro afirma que participar do Festival do Folclore é importante, pois assim as pessoas podem conhecer melhor essa manifestação para ela não acabar, como em muitas regiões brasileiras onde elas já não existem mais, principalmente nas grandes cidades. Contudo, relacionar a Folia de Reis com Folclore seria um erro, assim, Folclore para ele representa apenas o lado cultural e o que ele faz é devoção. Dorival acredita que ao invés de usar o termo Folclore, eles poderiam usar a palavra costume. Diferente de outros foliões, o senhor Dorival afirma que quando ele se apresenta no Festival, em seu íntimo, o significado daquela prática continua sendo estritamente religioso.

Em conversas informais, alguns foliões explicaram que embora a toada seja a mesma durante essa apresentação no festival, os versos são diferentes, e um fator de extrema relevância é a ausência da bandeira, que é levada pelo grupo apenas para a peregrinação sagrada. Na visão dos foliões, há sim um caráter cultural e festivo na Companhia de Reis, e é sob esse aspecto que os que não são devotos os veem, no entanto, para eles, o significado maior dessa manifestação é fé e devoção.

Portanto, o propósito dessa investigação é apontar que a festa de Folia de Reis da Companhia de Reis Fernandes de Olímpia/SP está inserida em uma sociedade preocupada com a preservação folclórica. Atualmente, o município contabiliza 22 grupos folclóricos e parafolclóricos. Entre essas manifestações, as Foliadas de Reis mantiveram-se como as de maior representatividade, chegando em 2014 a um número expressivo de grupos, conforme é possível verificar no Quadro 2, constando entre eles, a Companhia Reis Fernandes.

⁴⁴ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

QUADRO 2 – Companhias de Reis de Olímpia - SP, Julho de 2014

Estado/Cidade	Grupo
SP – Olímpia	CIA de Reis "Caminho de Belém"
SP – Olímpia	CIA de Reis "Estrela da Guia"
SP – Olímpia	CIA de Reis "Estrela Guia"
SP – Olímpia	CIA de Reis "Lapinha de Belém"
SP – Olímpia	CIA de Reis "Magos do Oriente"
SP – Olímpia	CIA de Reis "Os Filhos de Maria"
SP – Olímpia	CIA de Reis "Os Mensageiros da Paz"
SP – Olímpia	CIA de Reis "Os Viajantes de Belém"
SP – Olímpia	CIA de Reis "Os Visitantes de Belém"
SP – Olímpia	CIA de Reis da Fernandes
SP – Olímpia	CIA de Reis Incenso, Ouro e Mirra
SP – Olímpia	CIA de Reis Estrela da Paz

Fonte: Associação Olimpiense de Defesa do Folclore.

Além disso, é necessário pensar na Folia de Reis da Companhia de Reis Fernandes inserida em uma “tradição” folclórica maior que integra o Folclore brasileiro. Nesse sentido, o primeiro capítulo fortalece a justificativa do recorte espacial e temporal desta pesquisa. Pretende-se apontar que a Folia de Reis e outras manifestações folclóricas, que fazem parte do folclore nacional, são de suma importância para a cidade, o que permite que incentivos financeiros, provenientes de verba pública e privada cheguem até esses grupos. Portanto, essa verba tem auxiliado de forma positiva na manutenção de grupos folclóricos olimpienses, possibilitando que estes comprem novas vestimentas e promovam reparos em seus instrumentos. Além do que, o fato de exibirem para um público interessado suas práticas e representações, estimula uma continuidade dessas atividades. O Festival do Folclore de Olímpia se tornou uma data constante nos compromissos desses grupos.

Mais do que sua paixão pela arte popular, Sant’anna justifica todo esse empenho pelo grande número de grupos folclóricos que sobrevive, hoje, exclusivamente em função da festa de Olímpia. Fora dali, garante, essas manifestações não encontram ressonância, chegando até, em alguns lugares, a serem marginalizados e ridicularizados. Com isso, lamenta ele, os grupos sentem vergonha e se retraem, acabando por perder sua identidade cultural (O BOLETIM DO INTERIOR, 1984, p. 29).

O grupo de Folia de Reis, bem como, o período histórico no qual se insere esta discussão, é atravessado por este movimento folclórico que permeava Olímpia e, conforme os

depoimentos de alguns foliões, coletados durante as entrevistas, a existência do festival e de pessoas interessadas em divulgar a Folia de Reis influi positivamente na manutenção desse grupo. A Companhia de Reis abordada neste estudo participou, em diversas ocasiões, dos festivais e desfiles promovidos pelos folcloristas locais e entende que, dessa maneira, as pessoas de outros lugares e outras gerações podem conhecer melhor sobre essa manifestação cultural que faz parte do cotidiano dos foliões.

CAPÍTULO 2 – A FOLIA DE REIS: ENTRE PRÁTICAS PROFANAS E O FERVOR RELIGIOSO

2.1 - Os Estudos sobre as Folias de Reis no Brasil

Os festejos das Folias de Reis ainda têm número reduzido de pesquisas, e correspondem a Companhias de diferentes regiões do Brasil⁴⁵. Esses trabalhos tendem à valorização do local e do particular como uma maneira de inserir as comunidades abordadas na historiografia.

É possível notar que essa manifestação cultural é permeada por uma complexa gama de assuntos (música, encenações teatrais, religião), o que acaba definindo o interesse de áreas do conhecimento como as Ciências Humanas e Artes na investigação dessa temática, a exemplo dos folcloristas, cientistas sociais e músicos e, mais recentemente, de historiadores. Porém, o que diferencia o trabalho do historiador dessas outras áreas são os métodos, as problemáticas, mas, sobretudo, a análise das variações em determinado recorte temporal. Entre os historiadores, as teses e dissertações encontradas sobre essa manifestação abordaram principalmente os aspectos religiosos e culturais do festejo.

Também é possível notar que essas pesquisas se distribuem em três linhas de abordagens. A primeira estuda a vivência religiosa no catolicismo popular e as relações dos devotos com a divindade. A segunda estuda a institucionalização da festa e tem como foco a relação dos espaços tradicionais e institucionais, visando analisar as dificuldades na manutenção dessa manifestação. Na terceira e última (linha na qual se insere esta pesquisa), há um interesse em compreender as permanências e transformações ocorridas nessas práticas e representações culturais em decorrência das mudanças sociais e econômicas no local onde a festa está inserida, bem como, a relação entre essas transformações e os devotos.

A partir dessas leituras, é possível traçar alguns pontos em comum entre tais produções. Por exemplo, pode-se apontar que em todos os trabalhos, o conceito de *cultura popular* foi discutido e analisado, com maior ou menor ênfase, de acordo com o aporte teórico escolhido por cada autor. Outro ponto em comum é a abordagem de questões ligadas à

⁴⁵Foi possível contabilizar cerca de setenta trabalhos acadêmicos (mestrado e doutorado) em diversas áreas sobre o assunto Folia de Reis, porém, apenas 10% são de historiadores.
<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>.

religiosidade, pois, as Folias de Reis são manifestações que fazem parte de um catolicismo rural tradicional brasileiro, mas independem da Igreja para acontecer.

As convergências entre os trabalhos no campo da História sobre Folias de Reis também são visíveis nas questões metodológicas. As pesquisas analisadas utilizaram a História Oral como método, pois essa prática cultural é passada de pai para filho, de geração para geração, a partir da oralidade e vivência. Sendo assim, a produção de fontes orais foi essencial para essas pesquisas. Outro fator que deve ser destacado é que todos os autores tiveram uma participação ativa nos rituais dos grupos abordados, a fim de estabelecer proximidade com o festejo e com os atores sociais que dele participam. A análise dessas manifestações, portanto, percorre certa trajetória no âmbito desses campos de conhecimentos.

Os folcloristas brasileiros, amparados por suas instituições e pelo governo, sempre se preocuparam com a coleta e preservação de elementos folclóricos, entre os quais estão incluídas as Folias de Reis. Assim, é possível encontrar diversas obras publicadas por esses intelectuais que abordam tais manifestações, a exemplo do folclorista Luiz da Câmara Cascudo, que dedicou suas pesquisas a diversas manifestações folclóricas brasileiras, dentre elas, as Folias de Reis. No *Dicionário do Folclore Brasileiro*, o autor atribui alguns verbetes a essa manifestação. Ele aponta que *folia* era antigamente, em Portugal, uma dança rápida ao som do pandeiro ou adufe, acompanhada de canto. Já no Brasil, a folia é “um bando precatório que pede esmolas para a festa do Divino Espírito Santo (folia do Espírito Santo) ou para a festa dos Santos Reis Magos (folia de Reis)” (CASCUDO, 1993, p. 336). Segundo Cascudo, as Folias de Reis andam à noite, a fim de arrecadar esmolas para a festa dos Reis Magos. “Se percorre sítios e fazendas, é a folia de Reis de Caixa, e se apenas o perímetro urbano, Folia de Reis apenas, ou folia de Reis de banda de música” (CASCUDO, 1993, p. 336).

Luiz da Câmara Cascudo destaca que os instrumentos usados por esses músicos são: violões, cavaquinho, pandeiro, pistão e tantã. De acordo com o autor, os foliões cantam “à porta das casas, despertando os moradores, recebendo esmolas, servindo-se de café ou de pequena refeição” (CASCUDO, 1993, p. 336).

Afirma o autor que essas festas eram praticadas por populares e ocorreram na Europa (Portugal, Espanha, França, Bélgica, Alemanha, Itália, etc), em homenagem aos três Reis Magos que saíram do Oriente para adorar o menino Jesus. Cascudo destaca que:

Na Península Ibérica, os Reis continuam vivos e comemorados, sendo a época de dar e receber presentes, os “reis”, de forma espontânea ou por meio

de grupos, com indumentária própria ou não, que visitam os amigos ou pessoas conhecidas, na tarde ou noite de 5 de janeiro (véspera de Reis) cantando e dançando ou apenas cantando versos alusivos à data e solicitando alimentos ou dinheiro. Os colonizadores portugueses mantiveram a tradição no Brasil e de todo ainda não desapareceu o uso nalgumas regiões (CASCUDO, 1993, p. 668).

Embora esse folguedo⁴⁶ tenha chegado ao Brasil junto com os colonizadores portugueses, em solo brasileiro ganhou características particulares, de acordo com a região em que se manifestava.

Nesse sentido, há de se destacar o livro “Folias de Reis”, de 1961, de Zaíde Maciel de Castro e Aracy do Prado Couto que, segundo Câmara Cascudo, foi pioneiro ao dedicar-se integralmente ao estudo dessas manifestações, no qual as autoras descrevem a estrutura, a jornada, as visitas, a organização, os integrantes e suas respectivas funções no festejo no estado do Rio de Janeiro⁴⁷.

Para as autoras, a Folia de Reis tem como objetivo reproduzir a viagem dos Magos a Belém, ao encontro do menino Jesus: “Os foliões partem à meia-noite, no Natal – quando os Magos teriam recebido o misterioso aviso – e encerram a sua jornada no dia de Reis” (CASTRO; COUTO, 1961, p. 3). No Rio de Janeiro, a peregrinação se estende até dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião. Castro e Couto apontam que segundo relatos, no interior, as folias passavam a jornada toda nas estradas, mas, na região estudada, as folias saem apenas aos sábados, domingos e feriados, e durante o restante da jornada, os foliões trabalham normalmente (CASTRO; COUTO, 1961, p. 3).

Segundo Castro e Couto, essa manifestação folclórica organiza-se em geral em consequência de promessas, que geralmente duram sete anos. Segundo as autoras, a promessa pode ser para superação de dificuldades, cura de doenças ou realizações profissionais (CASTRO; COUTO, 1961, p. 7).

O grupo de Folia de Reis divide-se em foliões e palhaços. Os primeiros são cantores e músicos que durante o ritual acompanham a bandeira e andam uniformizados. Os segundos são dançarinos e cômicos que ficam em segundo plano em relação aos outros foliões e sofrem muitas restrições. A manutenção da folia, geralmente, é responsabilidade da família do mestre (CASTRO; COUTO, 1961, p. 7).

⁴⁶ De acordo com o *Anuário do 41º Festival do Folclore de Olímpia*, folguedo é uma “forma folclórica com estrutura, personagens e às vezes enredo, incluindo comumente danças ou coreografias [...] estrutura coletiva e trajes especiais”.

⁴⁷ Embora essa publicação fosse inédita, já havia sido parcialmente publicada no *O Jornal*, do Rio de Janeiro, “Os Foliões de Reis”, 1-12-1957; “O Alferes da Bandeira”, idem, 15-12-1957; “Músicos e Cantores de Folia”, idem, 22-12-1957; “Palhaços de Folia”, idem, 29-12-1957 (CASCUDO, 1997, p. 337).

Nos grupos analisados pelas autoras, no estado do Rio de Janeiro, os foliões são no mínimo doze, podendo variar ao infinito. Todo folião toca um instrumento e ajuda na cantoria, mas, a maioria apenas acompanha com um resmungo fanhoso os versos que o mestre canta, enquanto outros somente pronunciam a exclamação “*ai!*”, de maneira arrastada e dolorida (CASTRO; COUTO, 1961, p. 12-13). Os temas cantados na folia referem-se, geralmente, ao nascimento de Cristo e à visita dos Magos, no entanto, algumas vezes menciona-se a fuga para o Egito e outras cantam também sobre a crucificação e São Sebastião (CASTRO; COUTO, 1961, p. 10-11).

De acordo com Zaíde Maciel de Castro e Aracy do Prado Couto, os palhaços representam os soldados de Herodes, mas, algumas variantes conferem a eles características diabólicas. “O palhaço veste-se como quiser, mas deve estar sempre descalço e trazer a máscara no rosto. A máscara geralmente é confeccionada pessoalmente, com latas, peles e panos. O pano geralmente é chitão. Eles usam também um porrete” (CASTRO; COUTO, 1961, p. 15). Dentre todos os personagens da folia, esse é o que mais sofre restrições:

O palhaço não canta. Não entram nas casas, apenas com licença, se há presépio tem de tirar a máscara. De qualquer maneira só podem entrar depois dos agradecimentos. Geralmente fica do lado de fora da casa animando as crianças, depois ele pode exhibir suas danças, e o dinheiro jogado no chão durante a apresentação lhe pertence exclusivamente (CASTRO; COUTO, 1961, p. 15).

Castro e Couto apontam que, devido às inúmeras restrições impostas aos palhaços, é necessário um estágio de no mínimo sete anos de aprendizado para os interessados em participar dessa função na Folia de Reis.

Trabalhos como o exposto acima são utilizados pelos historiadores como fontes históricas fundamentais para se estabelecer relações entre as folias pesquisadas com as de outras localidades. Porém, as produções dos folcloristas devem ser utilizadas com cautela, pois são densamente descritivas. É frequente que as Folias de Reis sejam tratadas como se fossem uma peça de museu que, de certa forma, já foi catalogada, não mudou ao longo dos anos e permanecerá imutável. Outro aspecto negativo desse tipo de trabalho se deve à falta de um estudo comparativo da manifestação escolhida com a mesma manifestação de outra localidade, deixando a impressão de que as Folias de Reis são praticamente iguais.

Já no campo das Ciências Sociais, o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, que trabalha com temáticas relacionadas ao Folclore brasileiro, publicou em 1977 o livro “A Folia de Reis de Mossâmedes”, no qual realiza um trabalho etnográfico sobre essa manifestação,

coletando canções e informações sobre os rituais e produzindo tabelas, gráficos e esquemas que sistematizam a estrutura dessa folia.

O autor inicia sua obra promovendo o recorte espacial do festejo, Mossâmedes, onde a maior parte da população vive na zona rural. Brandão destaca que a região havia sido povoada anteriormente por índios e por goianos, entretanto, nos últimos cinquenta anos recebeu uma leva de migrantes mineiros que foram responsáveis por grande parte das tradições religiosas do local (BRANDÃO, 1977, p. 4)⁴⁸.

Brandão define a Folia de Reis como “um grupo precatório de cantores e instrumentistas, seguidos de acompanhantes, e viajores rituais, entre casas de moradores rurais, durante um período anual de festejos dos ‘três Reis Santos’, entre 31 de dezembro e 6 de janeiro” (BRANDÃO, 1977, p. 4). Porém, o autor aponta que há variações, de acordo com a localidade, no início e no final do giro.

A Folia de Reis nessa região é composta por: embaixador (1ª voz), respostas (2ª voz), contrato (3ª voz), contrato (4ª voz), requinta (5ª voz) e requinta (6ª voz) e palhaços. No entanto, o grupo respeita uma hierarquia, segundo a qual primeiro vem o embaixador, depois o gerente, depois os foliões (BRANDÃO, 1977, p. 5). O autor ressalta que a cantoria dos Santos Reis é um modo de oração coletiva e uma forma simbólica de comando de atuações rituais (BRANDÃO, 1977, p. 8).

Sobre o palhaço, o autor aponta que há algumas controvérsias sobre seu poder dentro da folia, entre os foliões, uns dizem que esta figura não tem poder nenhum de decisão, já outros indicam que é folião mais importante⁴⁹. A verdade é que o comportamento deste personagem durante o ritual difere dos demais participantes (BRANDÃO, 1977, p. 5)⁵⁰.

Dois personagens importantes da festividade de Mossâmedes são: o folião do ano e o festeiro. Estes não são personagens fixos. O primeiro é o dono da casa de saída da Folia de Reis, em seu ano de compromisso deve participar de toda a jornada, se possível carregando a bandeira. Já o segundo, é o dono da casa de “entrega”, onde é feita a adoração ao menino Jesus e também é o local onde termina o giro. O festeiro também é responsável pela festa de Reis, e assim como o folião do ano, é escolhido ao final do festejo (BRANDÃO, 1977, p. 7).

O autor aponta que a bandeira é o objeto ritual de maior valor religioso, sem ela não existiria a folia; entretanto, a presença da bandeira e do altar não altera o comportamento

⁴⁸ A religião dominante em todo o município é o catolicismo. Para a população das áreas propriamente rurais, a Folia de Reis ainda se constitui como a festa preferencial (BRANDÃO, 1977, p. 4).

⁴⁹ Por diversas vezes, o palhaço é excluído dos rituais. Por exemplo: devem estar presentes na reza: todos os foliões, o dono da casa, os familiares e pagadores de promessa, menos o palhaço (BRANDÃO, 1977, p. 12).

⁵⁰ O nome folião é dado a qualquer um dos participantes-rituais da Folia de Reis (BRANDÃO, 1977, p. 5).

profano das pessoas, sejam elas foliões ou não. Contudo, em alguns momentos sagrados, os códigos de conduta se alteram. Nota-se uma inversão de comportamento durante a chegada da folia, enquanto é realizada a reza do terço (o terço nos locais de pouso é tido como prática obrigatória), assim como na saída da folia (BRANDÃO, 1977, p. 10-12). Nesses momentos “As velas são acesas, todos tiram os chapéus, ninguém bebe, fala-se baixo e com sinais de respeito, algumas pessoas se colocam de joelhos, vários rezam individualmente” (BRANDÃO, 1977, p. 12).

De acordo com Carlos Rodrigues Brandão, no ritual desse grupo há uma diferenciação entre homens e mulheres, pois estas ficam encarregadas apenas de preparar as comidas, mas, não comparecem ao lugar do almoço, que fica restrito aos homens. O único momento em que as mulheres têm uma atuação ritual semelhante à dos homens é durante a reza. De acordo com o autor, elas podem participar, pois não esquecem as orações, no entanto, elas não podem ser a “rezadeira” (pessoa encarregada de puxar as orações) (BRANDÃO, 1977, p. 12).

Durante a jornada, o grupo apresenta-se em três diferentes situações: passa pela casa de giro (para recolher esmolas), pela casa de pouso de almoço (para recolher esmolas e almoçar) e pela casa de pouso de janta (para recolher esmolas, jantar e dormir). Essas situações se repetem ao longo do giro (BRANDÃO, 1977, p. 7). Brandão ressalta que com o passar dos anos e com as mudanças de hábitos, a Folia de Reis passou por algumas transformações. Antes, o giro era durante a madrugada, assim como fizeram os Reis Magos. O grupo tentava reproduzir com fidelidade o Evangelho de São Mateus. Hoje em dia, o giro acontece durante o dia, fato que desagrade alguns foliões mais antigos, mas há de se observar que houve uma inversão no ritual (BRANDÃO, 1977, p. 10).

De forma complementar, o filósofo e teólogo Riolando Azzi, em seu livro publicado em 1978, intitulado “O Catolicismo popular no Brasil: Aspectos históricos”, ao trabalhar a questão das festas do catolicismo popular, aponta que o ciclo de Natal que se desenvolve desde o dia 24 de dezembro até a festa da Epifania em 06 de janeiro, é um dos períodos mais importantes das festas tradicionais do Brasil. A festa de Reis se caracteriza pela Folia de Reis, que durante o ciclo visita as casas recolhendo donativos para a festividade: “a celebração da festa tinha como ponto alto a comemoração dos Reis Magos com os reisados ou os autos do bumba-meu-boi, comédia em termos mais de crítica social” (AZZI, 1978, p. 109). Para Azzi, os autos de Natal no Norte e os reisados em todo o território brasileiro são costumes herdados dos portugueses, que aqui se espalharam. Segundo o autor, possivelmente as Foliias de Reis já estavam introduzidas no Brasil desde o século XVI, pois em 1553, na capitania do Espírito

Santo funcionava uma Confraria de Reis constituída por escravos e índios (AZZI, 1978, p. 113).

A partir da tradição oral, Riolando Azzi aponta que os reis, na caminhada pelo deserto, estavam acompanhados por guardas e dois palhaços que cantavam e dançavam a troco de dinheiro. Sendo assim, os foliões reproduzem esse fato da tradição cristã, percorrendo as redondezas da cidade com cerca de dez pessoas, com duas violas, dois violões, dois cavaquinhos, um violino, dois tambores e um pandeiro com o intuito de arrecadar donativos para a festa de Santos Reis (AZZI, 1978, p. 114).

Os figurantes que constituem a chamada “Companhia” são 1º na frente o porta-estandarte, que carrega uma bandeira, na qual se acha desenhado o presépio com os reis magos; 2º a seguir, os dois palhaços ou “guardas da Companhia”, com calça e blusa vermelha, máscara de papelão, levando nas mãos um bastão; 3º depois o “embaixador” ou “capitão da Companhia” que é tirador de versos; 4º e afinal, seis cantadores que repetem os versos tirados pelo “embaixador” (AZZI, 1978, p. 114).

Esse grupo percorre as redondezas durante dia e noite, para no dia 6 de janeiro chegar ao local onde iniciaram a jornada. Após a chegada, há mais algumas cantorias, para enfim, à noite realizar-se a festa de Santos Reis, com fartura de comida e bebida e dança até o amanhecer (AZZI, 1978, p. 114).

Nesse sentido, “essa manifestação que nós a recebemos de Portugal, aqui se modificou para ‘se adaptar às realidades brasileiras’ e as diferenças regionais apresentadas devem concordar com a estrutura social” (AZZI, 1978, p. 121). O autor conclui que o canto, a representação e as danças nas praças e casas são os elementos básicos que constituem um grupo de Folia de Reis. Por onde passam, esses devotos levam a benção, afugentam doenças dos homens e animais e pragas das plantações.

Atualizando a discussão sobre este festejo nas Ciências Sociais, a autora Maria Célia da Silva Gonçalves, em seu artigo “Folias de Reis: o eco da memória na (re) construção da performance e identidade dos foliões em João Pinheiro, estado de Minas Gerais”⁵¹, aponta que essa festa presente em boa parte do Brasil é um ritual complexo que guarda ligações (muitas

⁵¹ Doutora em Sociologia pela UNB, com a tese intitulada *As Folias de Reis de João Pinheiro: Performance de Identidades Sertanejas no Noroeste Mineiro*. 01/08/2010. Esse trabalho, metodologicamente ancorado na Etnografia, objetiva investigar como a Performance Ritual da Folia de Reis registra as memórias ligadas à religiosidade dos foliões do município de João Pinheiro, localizado no Noroeste de Minas Gerais.

vezes tênues) com a tradição europeia de Reis e com o teatro, música e dança herdados da cultura portuguesa (GONÇALVES, 2008, p. 6)⁵².

A autora argumenta que essa manifestação de religiosidade se faz presente no Brasil desde o século XVI, o que é comprovado pela presença do Forte dos Reis Magos em Natal (RN), que fora fundado em 6 de janeiro de 1598. Nessa interpretação, os jesuítas foram os principais responsáveis pela difusão dessa festa popular no Brasil, pois, durante a catequização dos índios eram utilizados presépios como uma forma mais didática e de melhor compreensão do nascimento do menino Jesus. Afirma ainda que, na folia, a música e o drama eram utilizados pelos padres nos autos e nas procissões. Com o passar dos tempos, os rituais usados na catequese dos índios passaram a fazer parte dos costumes e “tradições” dos colonos portugueses, dos negros e dos mestiços. Devido aos contatos com esses diferentes grupos, as folias incorporaram novos elementos, que hoje apresentam especificidades no festejo por todo o território brasileiro.

Maria Célia da Silva Gonçalves (2008) realça, ainda, o papel da família como principal responsável pela manutenção dessa “tradição” oral que conduz os saberes dos velhos para os novos foliões. Assim, a Folia de Reis se configura como uma “tradição” popular e oral que hoje é marca expressiva de uma parcela do “povo brasileiro”.

Os antropólogos e etnógrafos realizaram coletas sobre as Folias de Reis, empregando suas teorias e métodos para chegarem a interessantes resultados de pesquisa. O material produzido pelos cientistas sociais é de suma importância para melhor compreender a situação atual da questão em um campo vizinho da História, já que os historiadores deixavam de lado esse tipo de assunto.

Apesar de existir um número considerável de produções em áreas diversas, as Folias de Reis de Olímpia (onde há um elevado número dessas manifestações) quase não foram exploradas. O único material sobre Companhias de Reis, específico desse município, é a tese de doutoramento em música de Welson Tremura, intitulada “With an open heart: Folia de Reis, A Brazilian Spiritual Journey Through Song”, que analisa a relação entre a música e a religião em canções das Folias de Reis de Olímpia e região. Para tanto, o autor produziu uma revisão bibliográfica sobre o assunto a partir de obras de folcloristas, com o intuito de explicar

⁵² O caráter deambulatório e precário atribuí à origem do festejo aos costumes medievais onde: “mestres, estudantes, boêmios, mendigando e se divertindo percorrem por três séculos, do XII ao XIV, toda a Europa”. A autora também aponta os ciganos como possíveis raízes dessa prática, devido aos instrumentos, estandartes, fitas e flores coloridas que utilizam em seu nomadismo (GONÇALVES, 2008, p. 6).

as origens desse festejo na Europa e como ele chegou ao Brasil⁵³. Tremura (2004) realizou entrevistas com membros de diversas Folias de Reis do município para compreender a fé de seus participantes e, como os membros dos grupos fortalecem seu mundo espiritual durante as canções e encenações do ritual.

Os trabalhos mencionados no decorrer deste capítulo analisam os rituais de Folias de Reis de diferentes regiões brasileiras. A partir de tais apontamentos, é possível compreender que diferentes apropriações podem surgir de uma mesma prática cultural. Contudo, mesmo com as suas singularidades, ao longo desses estudos é possível perceber que as manifestações das Folias de Reis têm um pano de fundo em comum, ou seja, o mesmo mito fundador, visto que todas elas são encenações do episódio bíblico sobre a visita dos Três Reis Magos ao menino Jesus.

Porém, de acordo com a localidade na qual se desenvolve a manifestação, surgem algumas especificidades. Tanto é que, no município de Olímpia, que hoje conta com doze Companhias de Reis, existem diferenças consideráveis entre elas. Embora os foliões de todas as Folias sejam devotos do mesmo santo, cada grupo possui sua interpretação dessa prática, com diferenças nos estilos musicais, indumentárias, instrumentos e quantidade de integrantes. Nesse sentido, é possível apontar que no município de Olímpia cada um dos grupos possui suas práticas e representações durante os rituais, assim como diferenciações na interpretação dos personagens e símbolos presentes nesse folguedo.

Antes de prosseguir com uma leitura sobre as estruturas específicas da Companhia de Reis Fernandes, faz-se necessário apontar outro aspecto muito importante, que transpassa todas as Folias de Reis, independentemente da localidade: a questão da religiosidade. Muitos autores compreendem as Folias como manifestações folclóricas do Brasil, o que de fato não deixam de ser, mas nesse caso não é possível focar apenas às características culturais dessas encenações. Essa cultura, quase sempre proveniente das zonas rurais, está completamente enraizada no denominado *catolicismo tradicional*, desta maneira, essas manifestações folclóricas também devem ser entendidas como uma prática religiosa. Portanto, para uma leitura mais profunda das práticas e representações desse grupo, serão analisados alguns aspectos diretamente relacionados ao *catolicismo tradicional*.

2.2 – Os festejos dos santos no catolicismo tradicional

⁵³ Em sua obra, o autor utiliza como base para sua pesquisa autores folcloristas como Alceu Maynard Araújo (1949), Zaíde Maciel de Castro e Aracy do Prado Couto (1961) e Guilherme Porto (1982).

As Folias de Reis, assim como as Danças de São Gonçalo, Folias do Divino Espírito Santo, Terno de São Benedito, entre outras expressões festivas, são comumente chamadas de *cultura popular* ou Folclore. Entretanto, essas manifestações devem ser observadas também como práticas religiosas, pois é assim que os seus participantes as veem. De acordo com Carlos Rodrigues Brandão, “debaixo do *folclórico*, como nós chamamos o que vemos, existe a *devoção*, como o povo chama o que faz. Foi ali que reaprendi a compreender a cultura popular do ponto de vista dos seus próprios praticantes” (BRANDÃO, 1981, p. 12). Esse é também o ponto de vista dos participantes da Companhia de Reis Fernandes, como é perceptível no depoimento do folião Dorival Ribeiro, pois segundo ele, “Uns levam pelo lado folclórico por não ter aquele acompanhamento como a gente tem! A gente não, a gente leva pela fé! A gente tem isso no sangue, isso é uma coisa que vem de dentro da alma, uma coisa que comove a gente, mexe com a gente!”⁵⁴

Esses festejos estão inseridos no que Riolando Azzi (1978) denomina de *catolicismo tradicional*. Uma das primeiras características que se deve destacar é o fato desse catolicismo geralmente ter suas raízes no espaço rural dos municípios e, mesmo com a crescente urbanização das últimas décadas, muitas dessas práticas religiosas mantêm suas atividades, embora possam por vezes ter sofrido modificações, no espaço urbano. Assim, faz-se necessário assinalar que nas Folias de Reis, a devoção e a cultura se completam, de modo que se torna inviável pensar o religioso e o cultural separadamente.

Sendo assim, as linhas que se seguem irão primeiramente explicar quais são as principais características e o debate em torno do *catolicismo tradicional* e do *catolicismo renovado*, assim como, será observado o posicionamento da Igreja Católica oficial em relação a esses festejos. Em seguida, se buscará compreender as relações de trocas entre devotos e os santos dentro dessas práticas religiosas, abordando a questão das promessas, dádivas, milagres e ex-votos: elementos essenciais para a realização das práticas da Folia de Reis da Companhia de Reis Fernandes, da qual se vem ocupando essa pesquisa.

2.2.1 – Catolicismo tradicional e Catolicismo Renovado

Segundo Riolando Azzi, o catolicismo no Brasil pode ser observado de acordo com o seu contexto histórico. O autor defende em seu livro “O Catolicismo popular no Brasil: Aspectos históricos”, publicado em 1978, que a prática católica pode ser apreendida a partir

⁵⁴ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

de três fases no contexto brasileiro. A primeira fase ocorre durante o período colonial, na qual houve um predomínio do *catolicismo tradicional*. Na segunda fase, durante o período imperial, há de se destacar uma luta pela hegemonia entre o *catolicismo tradicional*, que contava com o apoio do governo, e o *catolicismo renovado* estimulado pelos bispos reformadores. Já durante o período republicano, na terceira fase, há um claro domínio do *catolicismo reformado*, enquanto o *catolicismo tradicional* é progressivamente marginalizado (AZZI, 1978, p. 9). Para o autor,

o catolicismo tradicional, por sua origem lusitana e por seu aspecto social, está profundamente vinculado à cultura do povo brasileiro. Nesta maneira de expressar-se do catolicismo, fé e cultura caminham de mãos dadas, numa inter-relação tão íntima que poucas vezes é difícil distinguir o cultural do religioso. O catolicismo renovado, por sua vez, por seu caráter nitidamente romano, parece mais dissociado da tradição cultural do povo brasileiro. Aliás, ele só prevaleceu no Brasil a partir do século passado, graças aos esforços dos bispos formados nos seminários europeus, os quais contaram com a colaboração efetiva e atuante de inúmeras congregações religiosas europeias que se trasladaram para o Brasil em fins do século (AZZI, 1978, p. 9-10).

Azzi pontua que o *catolicismo tradicional*, geralmente vinculado à zona rural, historicamente teve contato com cultos africanos e ameríndios, o que levou a algumas apropriações dessas culturas, “gerando não poucas vezes expressões religiosas que podem ser consideradas como verdadeiro sincretismo religioso” (AZZI, 1978, p. 11). Há de se apontar que, a partir do século passado, além das influências já citadas, também houve uma aproximação do espiritismo e do protestantismo. Como práticas recorrentes nesse tipo de religião, o autor destaca as procissões, as promessas e as romarias.

Já o *catolicismo renovado* teve maior influência na zona urbana, onde além das formas tradicionais, outras práticas e devoções foram introduzidas pelos bispos reformadores, como a celebração do mês de maio como o Mês de Maria e a entronização do quadro do Coração de Jesus nas casas de família, entre outras (AZZI, 1978, p. 10-11).

Ao analisar os aspectos do *catolicismo tradicional*, Riolando Azzi aponta para o aspecto familiar, pois esse tipo de religiosidade “está muito mais polarizado ao redor da própria instituição familiar do que da organização eclesiástica [...]. É no seio das famílias em modo particular que se transmite e se mantém a chama da fé católica”. Assim sendo, cabe aos pais repassarem para os filhos a devoção, as orações e as práticas devotas (AZZI, 1978, p. 153). Embora cercado de limitações, esse catolicismo familiar por muitos anos foi a única

opção de devoção de diversas localidades devido às precárias condições da organização eclesial no Brasil (AZZI, 1978, p. 154).

O segundo aspecto levantado por Azzi é o social que, de acordo com ele, é intimamente ligado ao aspecto religioso. Esse catolicismo ultrapassa o núcleo familiar e passa a se expressar em nível de comunidade e de sociedade, tornando as práticas religiosas também espaços de sociabilidade: “De fato, são as manifestações religiosas como as procissões, as romarias e as festas dos santos padroeiros que constituem geralmente os motivos principais para que o povo possa expressar sua vida social” (AZZI, 1978, p. 154).

O autor assinala como terceiro aspecto, a condução e o papel dos leigos no catolicismo tradicional, estes não se consideram meramente assistentes no culto religioso, mas verdadeiros promotores da fé, responsáveis diretos pela intermediação entre os devotos e as divindades. “São os leigos que assumem o cuidado desses lugares de culto. Numerosas devoções são introduzidas e promovidas no Brasil por iniciativa dos leigos, são eles que organizam procissões e festas religiosas” (AZZI, 1978, p. 154-155).

No quarto aspecto, Azzi estabelece uma relação direta do catolicismo tradicional com a cultura lusitana. Mesmo não negando as influências de outros povos como os africanos e indígenas, com os quais essa religiosidade teve contato, o autor afirma que houve um predomínio da cultura portuguesa, pois:

as festas religiosas são na sua quase totalidade uma herança lusitana. Essa implantação não foi feita pela hierarquia católica ou pelos poderes públicos, mas se deve em grande parte à colaboração efetiva do próprio povo. Foram os colonizadores lusitanos que realmente se preocuparam em estabelecer a religião católica como parte integrante e essencial da sociedade luso-brasileira (AZZI, 1978, p. 155).

Por último, Riolando Azzi ressalta que esse catolicismo também está vinculado a costumes de origem medieval. “Daí a ênfase dada ao aspecto devocional. De fato, as procissões, as romarias e as devoções constituem uma característica medieval, época em que a doutrina sacramental ainda não estava bem definida pela Igreja Católica” (AZZI, 1978, p. 156). A partir do século XVI, a Igreja instituiu uma maior valorização à figura do clero durante o Concílio de Trento. Uma das medidas voltadas para esse fim foi a instituição dos sete sacramentos, o que necessariamente levaria os fiéis a dependerem do poder oficial da instituição romana. Mesmo assim, durante o período colonial, os católicos que residiam nas zonas rurais ou áreas periféricas resistiram à imposição dessas práticas oficiais, pois continuavam com sua devoção, realizando normalmente suas promessas e procissões.

Embora o Brasil tenha sido descoberto no século XVI, na realidade esse espírito tridentino só será implantado efetivamente no período imperial, durante o século XIX. Durante os três primeiros séculos da história colonial a vida religiosa do Brasil está mais vinculada ao mundo medieval. Daí uma certa concepção mítica da religião, com ênfase nos milagres e prodígios, nas promessas e ex-votos. Em última análise, a salvação é atribuída especialmente à devoção aos santos e não tanto à prática sacramental, característica da mentalidade tridentina (AZZI, 1978, p. 156).

De acordo com o autor, nem sempre a crença do povo católico coincide com a ortodoxia teológica defendida pela Igreja de Roma (AZZI, 1978, p. 23). Devido ao seu caráter doméstico, o *catolicismo tradicional*, além de não depender do clero, também não dependia de um espaço no altar da igreja para sua realização, muitas dessas práticas religiosas realizavam-se nas casas dos devotos, onde facilmente se encontravam oratórios e santos pendurados nas paredes, para quando fosse necessário e se alguma coisa saísse da normalidade (doenças, pragas nas plantações), os necessitados fariam seus pedidos e suas promessas, estabelecendo diálogos diretos com as divindades (AZZI, 1978, p. 27).

Nos intervalos das cerimônias religiosas, era muito comum a presença de folguedos populares ao redor da igreja, com fogos de artifícios, fogueiras, representações teatrais, bailes e cantorias (AZZI, 1978, p. 70). Entretanto, após as reformas nas doutrinas do catolicismo, as manifestações, entre as quais as Folias de Reis, sofreram com perseguições da Igreja Católica Brasileira. A Igreja então passou a impor seus preceitos, seus santos e suas festas a partir de uma religião oficializada, estática e burocratizada que transmite fórmulas, mas não a fé. “Na medida em que se implantou a reforma católica no século passado essas festas caíram sempre em desuso” (AZZI, 1978, p. 124).

Dando continuidade aos estudos sobre o catolicismo tradicional, em 1983, a antropóloga Alba Zaluar publica o livro “Os Homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular” e, na mesma linha de raciocínio de Riolando Azzi, a autora define que o sagrado é social. Assim, argumenta que as práticas e crenças religiosas são compartilhadas por diferentes classes sociais, afirmando que “os padrões participavam ativamente das festas populares, o que indica que, nas áreas tradicionais, essa religião seria tanto dos membros da classe dominante quanto dos membros da classe dominada” (ZALUAR, 1983, p. 21). Zaluar também aponta para a frequente presença de autoridades durante as práticas religiosas. Segundo ela, “o sagrado é social e entre nós anda cheio de poder. Sabem que Deus pode não existir, mas terreiros, igrejas e fiéis ajudam a decidir eleições” (ZALUAR, 1983, p. 8).

Outro assunto analisado pela autora é a perseguição imposta aos foliões por parte da Igreja Católica reformada. Zaluar argumenta que o pensamento da Igreja não condizia com a vontade dos fiéis que, em alguns casos, afirmavam que após as proibições das saídas de folias com a bandeira, as lavouras passavam a produzir menos, pois faltava a benção daqueles visitantes anuais.

A ideia do padre de que o folião era um vagabundo opunha-se a ideia dos devotos de que ele trabalhava para o santo e de que sua vinda junto com a bandeira era benfazeja. Os músicos que compunham a folia, bem como todos os que a acompanhavam, recebiam pouso e comida nas casas onde paravam para anunciar a festa do santo em nome do festeiro e anotar as coisas ofertadas ao santo (ZALUAR, 1983, p. 70).

Atualizando essa discussão, em 2013, as historiadoras Maria Clara Machado e Iara Correia publicaram um capítulo de livro intitulado “As Folias e os Reis no sertão das Gerais: Expressões da religiosidade popular em Januária – MG”, no qual produzem uma leitura das práticas e representações das Folias de Reis no estado de Minas Gerais. As autoras apontam que hoje em dia os ternos de reis se encontram em número reduzido, mas confirmam que essa expressão popular está presente até hoje no imaginário religioso dessa região. Esses autos são considerados por elas como herança provinda das antigas tradições lusitanas, reinterpretadas na América Portuguesa (CORREIA; MACHADO, 2013, p. 243).

Segundo Correia e Machado, as Folias de Reis foram estimuladas pela Igreja durante a colonização, como uma maneira de disseminar a evangelização entre os nativos. Esses cultos religiosos leigos eram comuns em toda a Europa desde a Idade Média e faziam parte de uma resposta à reforma protestante, que tinha entre suas metas a catequização jesuítica no Brasil.

Tais características históricas assentaram as bases da catequização jesuítica no Brasil, que lançou mão de rituais performáticos e musicais como forma de evangelização das populações nativas e africanas. Havia dificuldade em atingir tal missão, pois essa instituição contava com um reduzido corpo clerical, disperso no imenso e imperscrutável sertão brasileiro, tornando possível apenas um catolicismo laico, ou rústico/tradicional, como postula Maria Isaura de Queiróz. Talvez, por isso, a reinvenção imaginativa desses eventos religiosos, organizados sem a intervenção da Igreja (CORREIA; MACHADO, 2013, p. 243).

Essa intervenção da Igreja estimulou “práticas religiosas como as romarias, o culto aos santos com suas promessas e ex-votos, a construção de cruzeiros, capelas e ermidas, o agrupamento em irmandades e ordens terceiras, responsáveis pelas festas e procissões de caráter dramático e espetacular” (CORREIA; MACHADO, 2013, p. 244). Esse catolicismo

luso-brasileiro se expandiu pelos sertões do Brasil e se tornou uma prática cotidiana da vida dos sertanejos. Como as autoras apontam, devido ao reduzido contingente de representantes oficiais da Igreja, esses cultos tinham como particularidade a condução religiosa promovida por leigos, e assim se desenvolveram por um longo período.

Porém, no final do século XIX, após alterações nos dogmas católicos, a Igreja passou a condenar e até a perseguir esse tipo de prática religiosa, o que causou grande impacto, pois essa religiosidade já fazia parte do imaginário religioso popular. Correia e Machado apontam que no Brasil essa reforma se iniciou por meio da 1ª Reunião do Episcopado Brasileiro, realizada em 1890, em São Paulo. Esse encontro tinha como objetivo apropriar-se das práticas religiosas leigas e estabelecer sobre elas um controle e disciplinarização (MACHADO; CORREIA, 2013, p. 246).

Aliado a isso, os sermões insistiam na constante desqualificação dos foliões durante as pregações, tidos como bêbados, vândalos e fanfarrões. Em muitos lugares, houve a interdição do uso dos templos nas festividades da religiosidade popular, principalmente aquelas que envolviam a dança e o batuque no seu interior (CORREIA; MACHADO, 2013, p. 255).

No entanto, as autoras apontam que essas reformas permaneceram, por muitos anos, afastadas do Sertão de Minas Gerais. Nesse sentido, o município de Januária, distante dos braços da Igreja Católica oficial e da urbanização, possibilitou que a população mantivesse sua devoção aos Reis Santos, sem intervenção significativa até meados do século XX. “Em Januária, como em grande parte do Brasil e da América Latina, o imaginário ligado a religiosidade popular e devocional não se extinguiu e continuou encontrando forte ressonância junto à sua população” (CORREIA; MACHADO, 2013, p. 255).

2.2.2. As práticas religiosas tradicionais em Olímpia

No município de Olímpia, como foi possível analisar no 1º capítulo, houve uma continuidade dessas práticas ligadas ao catolicismo tradicional, que contou com o interesse de instituições públicas e privadas que intercederam junto aos padres e outras autoridades para o livre exercício dessas manifestações. Assim sendo, as Folias de Reis de Olímpia quase não sofreram com as pressões impostas pela Igreja e puderam manter seus rituais livremente pelas ruas desse município, cuja população, no recorte realizado pela pesquisa, já era em sua maioria urbana.

De acordo com o memorialista que reproduz a trajetória do município de Olímpia, logo no início do povoamento local, isto é, nos primeiros anos do século XX, não havia uma religiosidade muito definida entre a população, muito menos padres ou igrejas. Sem mencionar as fontes de onde recuperou essas informações, o autor afirma que o povo era descrente ou praticante do que ele chama de fé primitiva com tendências católicas. Segundo ele, “comemoravam com festas profanas os dias de São João, São Pedro, Santo Antônio, Natal e Reis. Raramente se rezava o terço” (MARANGONI, 2003, p. 29). Embora exista uma baixa confiabilidade nesse tipo de fonte, há de se destacar que, desde os primórdios do município existiam relatos de práticas devocionais aos Três Reis Magos.

Ao avançar cronologicamente na história de Olímpia, Marangoni reforça o predomínio do catolicismo como a religião com maior número de adeptos no município. De acordo com o autor, estes religiosos provinham em grande parte de províncias da Europa, principalmente italianos, cujas crenças trouxeram de seus países de origem. “A igreja exercia poder quase absoluto nos costumes religiosos, nos ensinamentos bíblicos e na conduta moral” (MARANGONI, 2003, p. 59).

Com base nas informações já discutidas no decorrer deste segundo capítulo, torna-se possível analisar algumas características, próprias do catolicismo tradicional, presentes na Companhia de Reis Fernandes. Para tanto, a análise partirá da observação de fotografias e das entrevistas realizadas junto aos foliões, remetidas a situações imaginadas ou partilhadas por este grupo.

A primeira questão a ser compreendida diz respeito à relação da Companhia de Reis Fernandes com a Igreja Católica, pois, como foi apontado anteriormente, em vários locais do Brasil houve uma grande pressão por parte do clero para que esse tipo de manifestação fosse desarticulado. Dentre todos os foliões entrevistados, o embaixador Sebastião Togneri foi o único que mencionou alguma proibição de Folia de Reis no altar das igrejas. Embora tenha frisado que isso ocorreu antigamente, pois ele mesmo nunca viu acontecer. Afirmou saber apenas porque ouvia histórias de tempos longínquos contadas por Celso Fernandes, fundador da Companhia. Ele disse que isso acontecia porque algumas Companhias tinham foliões que exageravam na bebida, porém, garante que na Companhia de Reis Fernandes isso nunca aconteceu. Sebastião assegura que “pelo contrário a Companhia nossa, nós sempre cantamos em igreja e sempre com a bandeira junto!”⁵⁵.

⁵⁵ Entrevista com Sebastião Togneri. Data: 08 de maio de 2014.

No entanto, o embaixador conta que vivenciou um período de perseguição de outras Companhias por parte das autoridades, pois segundo ele, teve uma época em que estava “bagunçado” mesmo, com alguns grupos que agiam de má fé ou bebiam demais e isso acabava depreciando todos os foliões de reis da cidade. De acordo com ele, nesse período, o professor Sant’anna, enquanto exercia o cargo de vereador, instituiu uma lei obrigando que todas as Companhias fossem cadastradas na Prefeitura e na Casa de Cultura. A partir do discurso de Sebastião Togneri é possível compreender como a intervenção desse vereador, engajado pela defesa do Folclore brasileiro, foi importante para organizar o cenário das Companhias de Reis na cidade, pois com um cadastro junto aos órgãos públicos houve uma maior credibilidade por parte da população com os membros da Companhia.

Então a nossa Companhia ela é cadastrada, então tanto é que se tiver uma festa e qualquer coisa a gente pode pedir, é que nós não pedimos porque nunca precisou, mas se nós pedirmos na Prefeitura, eles são obrigados a mandar um policial para ficar na festa até acabar a festa! Mas aí não precisa, porque é tudo gente que a gente conhece e não vai acontecer nada graças a Deus!⁵⁶

Contrariando a ideia de perseguição da Igreja, Nilson Fernandes, atual gerente da Companhia, diz que seu grupo sempre foi aceito, e inclusive na época de seu pai, Celso Fernandes, havia até mesmo freis da igreja Nossa Senhora de Aparecida que participavam junto à Folia de Reis, dentro das possibilidades deles. O senhor Nilson conta que seus foliões já cantaram dentro da igreja várias vezes e menciona um fato relevante, ele diz: “já encontramos um padre na rua e cantamos, ele pegou a bandeira e cantamos para ele, ele pediu para que a gente fosse cantar dentro da igreja para eles ouvirem, participando da missa cantando”⁵⁷.

A partir desses depoimentos, percebe-se que entre os foliões o catolicismo é muito forte, ao ponto de, mesmo que anteriormente tivessem enfrentado problemas com os líderes religiosos, aqueles não se sentiam à vontade falando mal da instituição católica. Portanto, de acordo com os integrantes da Companhia de Reis Fernandes, durante o período compreendido pela pesquisa, nunca houve conflito entre Igreja e devotos de Santos Reis, pelo contrário, eles eram aceitos e convidados pelos padres a cantar nas missas. É preciso reforçar que a subjetividade dos testemunhos em nada interfere na objetividade dessas entrevistas, pois, segundo o linguista italiano Alessandro Portelli (1993), esse tipo de trabalho favorece a

⁵⁶ Entrevista com Sebastião Togneri. Data: 08 de maio de 2014.

⁵⁷ Entrevista com Nilson Fernandes. Data: 14 de outubro de 2013.

abertura de um campo de possibilidades, construindo, assim, uma subjetividade socialmente partilhada.

Porém, também deve-se levar em consideração uma possível flexibilidade por parte da Igreja local devido à importância que os grupos folclóricos tinham para os folcloristas e políticos de Olímpia. Nesse contexto, tanto as Folias de Reis, quanto as Congadas e Moçambiques não deveriam ser pressionadas, mas sim estimuladas e, para isso, contavam com a proteção de autoridades locais.

Para fortalecer esse argumento de aceitação por parte do catolicismo oficial, o senhor Dorival Ribeiro explica que, dentro das dependências do Recinto de Exposições Folclóricas Professor José Sant'anna foi construída uma igreja de Santos Reis, a exemplo de outras cidades da região, que recebe párocos para celebrações de missas. Segundo Dorival Ribeiro, os “Santos Reis é um santo bem aceito, inclusive aqui em Olímpia, você sabe que fizeram a igreja de Santos Reis lá no Recinto do Folclore, Guaraci tem, fizeram uma igreja, Severínia aqui próximo tem, olha quase todas as cidades!”⁵⁸.

Vale ressaltar que, nessa capela são celebradas missas em datas esporádicas, portanto, não conta com um pároco fixo. Contudo, quando realizadas, as missas são ministradas por freis e padres do município, membros do catolicismo oficial. Sendo assim, entende-se que essa “construção” é aceita pela Igreja Católica, caso contrário, esses representantes não participariam destas celebrações.

Outro aspecto relacionado ao *catolicismo tradicional* que se faz presente no grupo abordado é a questão familiar, a começar pelo nome Companhia de Reis Fernandes, que recebe o sobrenome do seu fundador (Celso Fernandes). Sua continuidade por 50 anos ininterruptos deve-se justamente aos familiares do idealizador que os ensinou quase tudo que sabem, inclusive a ter fé e devoção em Santos Reis.

Embora durante os anos compreendidos pela pesquisa sempre houvesse membros da família Fernandes na Folia, uma resposta foi geral, todos os outros foliões sem exceção, começaram a ser devotos dos Três Reis Magos por influência familiar. Por exemplo, o senhor Nilson Fernandes desde pequeno, ainda que não entendesse completamente o sentido das atividades, vivenciava a conduta de seu pai, seu envolvimento com as celebrações e essa proximidade despertou sem interesse em participar dos festejos organizados pela Companhia, o que fez com que ele aprendesse a cantar e a tocar instrumentos típicos da Folia de Reis.

⁵⁸ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

Passsei a ser devoto de Santos Reis quando meu pai começou a cantar Reis, ele sempre cantava, mas eu era moleque e não sabia que ele fazia isso, quando ele saiu pela primeira vez com Folia de Reis eu comecei a gostar daquilo e sair junto, já comecei a participar, tinha onze, doze anos na época, então daí minha fé foi cada vez crescendo mais, crescendo mais, aprendi a cantar, tocar e estou aí até hoje. Com muita fé em Santos Reis, muita mesmo!⁵⁹

Vale destacar que, a influência de Celso Fernandes não se deu apenas sob os seus filhos, pois, todos os familiares passaram a ser devotos dos santos, inclusive sua esposa, cunhados, genros e netos. Segundo Nadir Fernandes, filha do fundador, quem entrava para a família passava a se envolver com esse festejo.

Nos Santos Reis, que aí a família foi toda, foi entrando junto com meu pai! Minha irmã casou, ele também cantava junto com meu pai, o marido dela, o meu já vestia de palhaço, aí tinha meu irmão o Nilson e tinha os amigos, tinha muitos amigos que gostava de cantar né!⁶⁰

Muitos dos foliões que participaram do grupo ao longo dos anos relatam que o catolicismo sempre fez parte de suas vidas desde a infância, tendo aprendido com os pais os valores cristãos. Porém, as famílias escolhiam seus santos protetores conforme sua afinidade, como é caso do senhor Sebastião Togneri, genro do fundador, hoje embaixador da Companhia, que a princípio não era devoto de Santos Reis e pouco sabia sobre eles. Todavia, ao entrar para a família aprendeu com seu sogro tudo que sabe hoje e sua fé aumentou conforme a vivência.

Eu sempre fui católico, naquele tempo mamãe ensinou nossa religião, católico! Ela me batizou católico, a minha protetora na época e até hoje é Nossa Senhora da Aparecida, mas aí com esse negócio de Companhia de Reis, a gente começou a ver as coisas acontecerem, por exemplo, muitas pessoas a gente passava na casa e a pessoa ruim e doente, então a gente cantando com aquela fé e as pessoas saravam! Então eu fui me apegando aos Três Reis Santos, começou com meu sogro, às vezes eu via Folia de Reis, ia lá em casa e cantava, mas eu não entendia nada, foi meu sogro que me ensinou em 1964, no primeiro ano!⁶¹

Contudo, nem todos os foliões que passaram pela Companhia são da família, como é o caso do senhor Dorival Ribeiro que, por muitos anos foi fardado nesse grupo e, assim como todos os outros, teve contato com as Folias de Reis e com essa devoção desde a infância, pois

⁵⁹ Entrevista com Nilson Fernandes. Data: 14 de outubro de 2013.

⁶⁰ Entrevista com Nadir Fernandes. Data: 15 de outubro de 2013.

⁶¹ Entrevista com Sebastião Togneri. Data: 08 de maio de 2014.

os seus irmãos também eram devotos dos Santos Reis. Então, desde os oito anos de idade ele participa dessa festividade e quando questionado sobre o assunto, ele responde:

Porque isso já vem no sangue, isso brota no sangue da gente! [...] Então, eu comecei muito cedo, meus familiares todos eram devotos de Santos Reis, meu pai também, mas meu pai tinha uma devoção muito grande com Nossa Senhora de Aparecida, mas ele também era devoto de Santos Reis, agora meus irmãos, todos devotos de Santos Reis!⁶²

Nesse sentido, além de ser possível concluir que na Companhia de Reis estudada a devoção e as práticas desenvolvidas pelos foliões têm um caráter essencialmente familiar, também compreende-se que a continuidade dessa manifestação depende das famílias que se prestam à devoção dos Santos Reis. Quando Dorival Ribeiro afirma que “isso brota no sangue da gente”, ele está afirmando que essa fé é uma herança de família, sendo assim, cabe aos mais novos continuarem a Folia de Reis, pensando nela como uma comunidade que precisa sempre de novos membros.

Eu acho assim, que nós dependemos dos nossos filhos, dos nossos familiares dos nossos netos que vem! Que Deus e o Espírito Santo toque neles para que eles também sintam o mesmo que a gente sente, para eles poderem dar continuidade para nunca deixar acabarem as Companhias de Reis! E de outras Companhias também, parentes, o pessoal assim, Companhia de Reis é como tipo uma comunidade, sempre tem que vir mais um, tem que ir somando, nunca tirando e diminuindo, tem que somar!⁶³

Além do aspecto familiar, que é fundamental para a realização dessa Companhia de Reis, deve-se atentar também para a participação de amigos dos familiares durante as práticas devotas aos Santos Reis que é o que amplia essa prática a toda a comunidade e, conseqüentemente, compõe o aspecto social dessa manifestação. Durante o giro, os foliões convivem por dias, compartilhando histórias, almoços, jantares e modas de viola durante as pausas. No entanto, o contato entre essas pessoas não fica restrito ao período de peregrinação, pois, devido ao fato de todos morarem na mesma cidade, e esta ser de pequeno porte, frequentemente eles visitam seus companheiros em suas casas ou trabalhos, ou até mesmo os encontram sem querer na rua. Essa sociabilidade se torna evidente na fala do embaixador Sebastião Togneri:

⁶² Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

⁶³ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

Tenho diariamente, aí é só entrosar, tem muitos que já sabe a casa, sabe onde trabalho, aí já passa e bate um papo: “Ou como que está aí?”. Aí que nem o caso o Gessi, o Rubinho, o Nilson está na oficina, o Bel de vez em quando eu passo lá, porque ele andou doente, aí a gente vai lá ver ele! O Dorival, o Dorival é que nem um irmão para mim, aquele lá é do peito! Aquele lá, todo dia rapaz quando eu não mando uma mensagem para ele, ele manda mensagem para mim, ele é fora de sério!⁶⁴

Foi possível notar que, além do contato constante entre os foliões, alguns acabam fortalecendo o vínculo de amizade, como é o caso dos senhores Sebastião Togneri e Dorival Ribeiro, pois em entrevistas gravadas separadamente, em dias diferentes, ambos mencionaram a amizade e a preocupação que um tem com o outro. Assim, quando questionado sobre a relação que tinha com os outros membros do grupo, o folião Dorival Ribeiro respondeu:

Mas a gente tem contato sim, a gente se encontra, se conversa, porque são pessoa da mesma cidade, então a gente se encontra. Inclusive eu com o embaixador, o Sebastião Togneri, o Tião Zé, a gente o chama de Tião Zé, a gente entra em contato todos os dias, todos os dias, ele está passando por problema de saúde. Então todo dia nós temos que falar sempre à tarde, cedo, ou ligando por celular ou passando mensagem, mas todo dia! Já falamos hoje cedo, à tarde, antes dele dormir a gente vai falar de novo por celular, mensagem ou voz viva, vamos falar! Mas é porque é aí que entra, a gente chama um ao outro de irmão, porque nós nos tornamos uma irmandade por Jesus, que já explicou isso para nós e, por Santos Reis reforçamos mais esse laço ainda de irmão.⁶⁵

Outro ponto a ser relevado sobre a sociabilidade na Companhia de Reis Fernandes diz respeito aos encontros promovidos pelo gerente do grupo, Nilson Fernandes. Nessas reuniões, geralmente é servido um churrasco, e uma característica sempre presente é a música sertaneja ao som das violas, fortalecendo o argumento de que a música também está intimamente ligada à vida cultural dessas pessoas. As “músicas de raiz”, tocadas durante estes encontros, podem ser vistas como uma forma de rememorar os tempos de infância desses senhores, pois durante as entrevistas, muitos deles relataram a infância na zona rural. As canções remetem às histórias e estórias que uma vez compartilhadas fortalecem as identidades desse grupo.

É o ano inteiro, eu vou a casa deles, a gente toca viola, canta junto! É muito importante! Faço reunião dentro da minha casa com eles! A gente toca viola à vontade mesmo e canta! Então é gostoso, isso aí é gostoso! Eu participo com todos eles, o ano todo, com todos eles e a gente fazendo isso! Porque é muito importante para manter o grupo unido!⁶⁶

⁶⁴ Entrevista com Sebastião Togneri. Data: 08 de maio de 2014.

⁶⁵ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

⁶⁶ Entrevista com Nilson Fernandes. Data: 14 de outubro de 2013.

Todos esses aspectos expostos até o momento, comuns em manifestações do *catolicismo popular*, são fatores que dão coesão ao grupo. Assim, a religiosidade, os laços familiares e a sociabilidade são fatores que explicam porque a Companhia de Reis Fernandes é a mais antiga Folia de Reis de Olímpia em atividade ininterrupta. Contudo, para essa longevidade, também foi essencial a aceitação e participação dos devotos que fazem as promessas e recebem os foliões em suas casas todos os anos durante o giro, pois, sem essa fé por parte da comunidade não seria possível a existência da Companhia.

Nesse sentido, vale ressaltar que durante o giro, os foliões visitam as casas pelas quais eles vão passando. Porém, durante esse trajeto muitas casas são de pessoas que são católicas, mas não são devotas de Santos Reis, como também, muitas famílias são de outras religiões. Sendo assim, se faz necessário compreender qual a relação dessas pessoas com a Companhia de Reis. De acordo com Nelson Fernandes:

As pessoas que são devotas vão receber a Folia de Reis, vão cantar, vão fazer um café, vão fazer de tudo para agradar a Folia de Reis! Aqueles que não são devotos recebem a bandeira, vem dentro de casa, fazem a visita, pegam a esmola dá e não deixa entrar para cantar! Já tem outros que não aceitam o palhaço, aí o palhaço fica esperando. E quem é evangélico simplesmente fala não!⁶⁷

O relato de Nelson Fernandes é bem elucidativo sobre a relação com pessoas que não são devotas de Santos Reis ou são de outras religiões. Nesse caso, os foliões agradecem a atenção e prosseguem com o giro. O folião Roberto de Carvalho, no depoimento a seguir, aponta que até mesmo os evangélicos hoje em dia fazem doações, apenas não recebem a Companhia. Ele aponta que antigamente havia algumas discussões, mas que atualmente essa relação é tranquila.

As pessoas de outras religiões, já aconteceu de passar na casa de um evangélico e ele falar: “Eu vou dar oferta, mas não recebo, eu sou evangélico!”. Todo mundo fica alegre com ele! Hoje o povo está mais sofisticado, antigamente o povo tinha menos esclarecimento e discutia, hoje não!⁶⁸

Já o folião Dorival Ribeiro afirma que a missão da Companhia de Reis é de paz, então sempre há muito respeito com as outras religiões. Sempre que possível, o grupo evita

⁶⁷ Entrevista com Nelson Fernandes. Data: 15 de outubro de 2013.

⁶⁸ Entrevista com Roberto de Carvalho. Data: 17 de outubro de 2013.

qualquer tipo de atrito, mesmo quando não são bem-vindos. Segundo ele, a partir do diálogo, as diferentes opiniões sobre religião são minimizadas.

Então quando a gente chega numa casa a gente tem que saber mais ou menos, você não vai adivinhar se a pessoa é evangélica, também você não vai discutir a religião dela, ela opta por aquilo que ela quer! Você chega com o maior respeito, maior educação, cumprimenta primeiro: “A senhora aceita a bandeira dos Três Reis?”. Primeiro pede aceitação dos Três Reis, depois se ela aceitar você pede se aceita a Companhia também! Aí se aceitar, entra e canta, têm pessoas que aceitam só a bandeira, tem pessoas que aceitam a bandeira e a Companhia, tem pessoas que falam: “Olha me desculpa, eu sou evangélica!”. Aí a gente responde: “Tudo bem! Muito agradecido pela atenção! Que Nosso Senhor Jesus Cristo te abençoe!”. Você não fala em nome dos Três Reis, porque eles não acreditam em santos. Aí você já parte para outro tipo, para deixar a pessoa feliz: “Que Nosso Senhor Jesus Cristo, o Deus todo poderoso te proteja você, a senhora e sua família!”. Ela sorri e então você a deixa com um sorriso no rosto! Porque você está numa missão de religião e de fé, não de atrito! Mas houve casas de pessoas que fechavam a porta, mas antes de você chegar, pode perceber que ali é evangélico, aí já passa direto! Tem pessoas que você está chamando, ela está lá e não te dá atenção, fazendo de conta que não está ouvindo! Você tem que largar e ir embora só que, você não pode ignorar essas coisas, você tem que ter sua fé e respeitar a fé do outro! Que não é todo mundo que pensa igual nesse mundo e tem pessoas que chegavam: “Eu sou evangélico!”⁶⁹

De acordo com esses depoimentos, é notável que em algumas ocasiões o dono da casa aceita apenas a bandeira. Nesse caso, pode-se considerar que esta pessoa, por ser católica, compreende a importância simbólica da bandeira como uma imagem de santo, entretanto, nem todo católico emprega a importância dos foliões como mediadores entre as divindades e os homens. Embora a Companhia não seja recebida da mesma maneira por toda a população, fato perfeitamente aceitável devido à diversidade religiosa, os foliões concordam que deve haver um respeito com a religião alheia. Então, não faz parte dos objetivos de uma Folia de Reis converter fiéis, mas apenas cumprir uma missão de paz, sem discutir a religiosidade dos participantes.

Todavia, a devoção aos Santos Reis só é possível devido a uma junção de fatores que determinam uma relação de trocas entre os homens e as divindades, a qual é intermediada pelos foliões. Essas trocas são estruturadas a partir de pedidos como para a cura de doenças, melhoras na lavoura, realizações profissionais, assim como, por dádivas, milagres e ex-votos. Esses assuntos serão analisados no tópico a seguir, com o intuito de estabelecer as bases para uma posterior análise dos símbolos e os rituais presentes nas festividades desse grupo.

⁶⁹ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

2.2.3 – As relações de trocas entre homens e divindades

Para dar continuidade às reflexões sobre as características do *catolicismo tradicional* presentes na Companhia de Reis Fernandes faz-se necessário recuperar a significação de alguns conceitos, tais como promessa, dádiva, milagre e ex-votos, que fazem parte da sistemática desse tipo de manifestação.

Segundo Carlos Rodrigues Brandão, a Folia de Reis constitui “um espaço camponês simbolicamente estabelecido durante um período de tempo igualmente ritualizado, para efeitos de circulação de dádivas – bens e serviços – entre um grupo precatório e moradores do território por onde ele circula” (BRANDÃO, 1981, p. 36). De acordo com o autor, essas práticas religiosas constituem uma relação de troca e um compromisso entre o devoto e o santo para o qual se fez a promessa (BRANDÃO, 1981, p. 16).

Brandão explica que as promessas podem ser temporárias ou perenes, esses promesseiros têm um papel importante durante o giro, pois, geralmente os pousos são em suas casas. Entretanto, ele aponta que os católicos, mesmo aqueles que não fazem promessas, não deixam de receber as Companhias, uns porque gostam da cantoria, outros temem os castigos que comumente circulam pelo imaginário do povo sertanejo (BRANDÃO, 1981, p. 36). Brandão aponta que muitos mestres e foliões entraram para a Folia porque se compromissaram com promessas provisórias ou perenes, já outros entram para acompanhar a família, como já foi analisado anteriormente (BRANDÃO, 1981, p. 44).

Sendo assim, os devotos fazem suas promessas e oferecem dádivas, em seguida, cabe aos foliões a função do agradecimento e de transmitir a benção àquela pessoa. Nesse momento os membros da Companhia são os intermediários entre Santos Reis e os homens, porém, os santos são os intermediários de Deus, que irá conceder as graças ao povo. Mantém-se, assim, a seguinte ordem hierárquica: “Deus se obriga, Santos Reis garantem e os foliões proclamam” (BRANDÃO, 1981, p. 40). A relação de trocas em que se baseia a Folia de Reis é uma representação simbólica que remete à história dos Magos do Oriente, segundo a qual os Três Reis visitaram o menino Jesus para adorá-lo e presenteá-lo, e em troca foram santificados. Assim, a regra da jornada dos foliões é dar, receber e retribuir, como fizeram seus santos de devoção (BRANDÃO, 1981, p. 41).

Dessa forma, as visitas da Companhia estabelecem uma sequência de ofertas e contraofertas de dádivas, pela qual os devotos oferecem dinheiro ou animais, enquanto os foliões proferem palavras de gratidão, depois recebem alimentos. Logo, cabe aos membros da

Folia proclamar bênçãos. Em seguida, recebem um local para o pouso e atualizam as dívidas do devoto com as divindades, que se encarregarão de atender aos pedidos. “Durante toda a jornada de Santos Reis os homens são obrigados a trocar e o espaço camponês por onde passam, na verdade, é o de um grande ritual/mercado de circulação de bens de pequeno valor material e de bens de um acreditado grande valor simbólico-religioso” (BRANDÃO, 1981, p. 44).

Durante as cantorias do grupo são estabelecidas diferenças entre tipos de dádivas oferecidas, como para pedidos materiais, melhoras na lavoura, proteção das criações, cura de doenças, etc (BRANDÃO, 1981, p. 44). Brandão explica que o doador será abençoado nesta vida e/ou na outra, e também terá seus bens aumentados e proteção, pois a crença popular é que o ato de dar obriga Deus a retribuir em nome dos Santos Reis, que são os mediadores sobrenaturais e, a partir dos rituais desenvolvidos pelos foliões, estes são apontados como os mediadores humanos. Seguindo essa lógica, o dinheiro trará mais dinheiro e o gado, o frango e o porco doados atrairão proteção aos rebanhos. Ou seja, nessa troca ritual, os foliões recebem bens materiais e retribuem com bens simbólico-religiosos (BRANDÃO, 1981, p. 45).

Posterior à pesquisa de Carlos Rodrigues Brandão é o trabalho de Alba Zaluar, no qual a autora dá continuidade aos estudos sobre catolicismo popular e seus festejos. Ela pontua que as promessas, frequentes nas expressões religiosas, têm como finalidade conseguir a proteção generalizada do santo, em particular para as plantações dos devotos (ZALUAR, 1983, p. 58). “A ajuda dos santos era invocada para todos os acontecimentos em que existissem elementos de incerteza e que escapassem ao controle humano” (ZALUAR, 1983, p. 88).

No intuito de obter benefícios, os devotos estabelecem uma relação de reciprocidade com os santos, a partir de uma noção de que há “uma série de prestações e contraprestações socialmente estipuladas” (ZALUAR, 1983, p. 88). Deste modo, a promessa simboliza o pedido feito, a dívida estabelecida e a efetivação do pagamento ao santo, geralmente representada pelos ex-votos que, de acordo com a autora, também são chamados de promessa.

Os ex-votos são uma forma de pagamento efetuado ao santo através de uma representação iconográfica do objeto de bênção, como por exemplo, fotografia da pessoa beneficiada pelo santo ou modelagem das partes do corpo, afetadas por alguma doença, que foram curadas. “O ex-voto é, portanto, também um símbolo do oferecimento pessoal e direto aos santos” (ZALUAR, 1983, p. 90). De acordo com Zaluar, o milagre refere-se a qualquer manifestação do poder do santo, como a cura de uma doença. Porém, esse mesmo termo descreve ações que não são benéficas, como os castigos (ZALUAR, 1983, p. 97).

A partir dessas informações é possível desenvolver uma análise sobre como essas questões se mostram presentes na Companhia de Reis Fernandes, vimos que esses elementos devocionais são de suma importância para a existência de uma Folia de Reis. Uma primeira característica a ser apontada é a própria criação desse grupo, que foi iniciado a partir de uma promessa do falecido senhor Celso Fernandes, que por sete anos deveria sair com a Companhia a fim de ter seu pedido realizado. Nesse momento, é possível perceber o início de uma relação de trocas, pois com a promessa feita, foi oferecida uma dádiva (montar um grupo de Folia de Reis para realizar uma festa ao final da jornada), assim, ficaria a cargo das divindades quitarem sua dívida. No entanto, após cumprir sua promessa, o grupo continuou existindo. A devoção aumentou e a promessa passou a ser uma promessa perene, algo que já fazia parte do cotidiano dessa família. Sendo assim, cumpridos os sete anos da promessa inicial, a Companhia de Reis passou a fazer seu giro e sua festa em nome de promesseiros que os procuravam, o que se torna evidente a partir da fala de Nadir Fernandes, filha de Celso Fernandes:

Olha, quando começou, meu pai sempre foi muito, muito apegado a Santos Reis, ele tinha muita fé em Santos Reis, muita mesmo! Então assim, começar, quando começou, eu não sei o porquê, mas depois a gente convivendo e então sabia, ele falava assim, é uma promessa que ele tinha, então ele tinha que cumprir esses sete anos, dessa promessa, então foi o que ele fez. Daí quando ele cumpriu os sete anos, aí as pessoas que tinham promessas, então o procuravam e ele saía para essas pessoas, cumprindo a promessa dessas pessoas, entendeu?⁷⁰

De acordo com o depoimento de Nadir Fernandes, foi possível observar que as promessas visavam objetivos diversos, como por exemplo, a proteção das criações. Nesse sentido, havia um envolvimento de fazendeiros mais abastados com essa prática religiosa do catolicismo tradicional. Segundo dona Nadir, “quem sempre teve muita fé em Santos Reis que recebia milagre, fazendeiro que recebeu muito milagre, às vezes o gado estava morrendo e fazia promessa, então acabava, eles aí cumpriam aquela promessa!”.⁷¹ Então, percebe-se que mesmo os fazendeiros de maiores posses, preocupados com os males que assolavam seus rebanhos, não procuravam auxílios dos padres, mas participavam dessa relação de reciprocidade com os Santos, intermediada pelos foliões.

Durante as entrevistas foi possível notar o reconhecimento por parte desses foliões a respeito da importância da função que eles desenvolvem nesse sistema de trocas. O senhor

⁷⁰ Entrevista com Nadir Fernandes. Data: 15 de outubro de 2013.

⁷¹ Entrevista com Nadir Fernandes. Data: 15 de outubro de 2013.

Nilson Fernandes reconhece que todo final de ano, durante o giro, eles trabalham em nome dos Santos Reis, assim as músicas que eles tocam são bênçãos em nome dos santos, exercendo então um papel de intermediários humanos nessa troca. É possível compreender que as pessoas esperam por eles, precisam deles e sendo pobre ou rico, eles levam alívio para esses devotos. A fala a seguir elucida bem a emoção e a fé das pessoas que recebem o grupo durante sua jornada:

Aconteceu tanta coisa rapaz, tanta coisa! Pessoas assim, eu lembro de pessoas que tinham muita fé, sabe! Que às vezes está até enfermo, ele chega, pega a bandeira, chora pra caramba! A gente cantando chora junto! Porque é uma emoção muito grande! Essa pessoa levanta e você vê que a alegria dessa pessoa é tanta que parece que sarou daquela enfermidade! Então isso aí tem muito, muito mesmo, a gente fica emocionado sabe, a gente chora junto com as pessoas! Porque a gente está ali, estamos cantando, mas é tudo canção que a gente traz lá de cima, de Deus! Só fala em nome de santos, só! É muito bonito isso aí, a gente fica sentido com aquilo, de ver uma pessoa com tanta fé pegar uma bandeira, ficar de joelho, chorando, mas chorando mesmo! Você vê senhores, até pessoas de, como que se diz, que levam uma vida até que farta, não é pobrezinho não, pessoas que a gente vê que é boa de situação, que é bem de vida, que segura a bandeira e chora, implorando aquele milagre para eles! E a gente canta para isso, para ajudar, para dar conforto para essas pessoas, é muito bonito isso daí!⁷²

Esse trecho da entrevista reforça que esse imaginário religioso é compartilhado tanto por pessoas menos favorecidas economicamente quanto pelos mais abastados, o que significa que essa devoção e crença em milagres extrapolam as barreiras sociais.

Após o estabelecimento das promessas, durante a visita dos representantes terrenos dos Reis Magos, na intenção de receberem favores divinos, os devotos oferecem diferentes formas de dádivas, umas com alguma relação com o pedido, outras não. As análises das promessas feitas aos santos por intermédio da Companhia de Reis Fernandes podem ser compreendidas a partir dos depoimentos orais e imagens.

É prática comum, durante as visitas, os devotos pedirem para cantar em nome de suas promessas. Em toda residência que a companhia toca, o fardado pergunta ao dono da casa se é promessa, em caso afirmativo, o embaixador encaminha seus versos para aquele pedido. Deste modo, é possível notar se houve variação ou não na quantidade de promessas.

A partir das entrevistas, depreende-se que as dádivas variam desde ofertas de almoços, jantares e dinheiro, como também animais como frango, leitoa e novilhos. Essas doações são entregues ao grupo, mas simbolicamente são oferendas aos Santos Reis, pois

⁷² Entrevista com Nilson Fernandes. Data: 14 de outubro de 2013.

tudo que é arrecadado vai para a festa da Chegada da Bandeira. Geralmente, as doações de novilhos, práticas mais comuns antigamente, como se pode observar na imagem 06, eram feitas por fazendeiros que doavam o novilho à escolha dos foliões, pois, segundo a crença, teriam uma proteção para o resto da boiada durante todo o ano. Nessa fotografia, encontram-se, da esquerda para a direita, Arnaldo Nardeli, que era fardado nessa época, Celso Fernandes, gerente da Companhia, e sua esposa Alice Fernandes. Naquele período, era comum o grupo receber gado como dádivas, porém, eles buscavam os animais apenas ao final da peregrinação. Os animais eram abatidos no matadouro da cidade, depois encaminhados para a residência do senhor Celso Fernandes, local onde eram preparados os alimentos para a festa. Ainda é possível observar a fartura de doações para o festejo de 1998.



IMAGEM 06 – As doações de novilhos. Foto de Nair Fernandes. 1998.

Apesar da diminuição desse tipo de doação com o passar dos anos, segundo os foliões, os devotos continuaram fazendo suas promessas que de forma alguma foram afetadas. Embora as doações de novilhos tenham diminuído, esse fato não afetou a fartura da festa, pois houve apenas uma variação na dádiva, ao invés de ganhar os animais, era recebido dinheiro. Na imagem 07, fotografia produzida recentemente já com finalidade de análise, observa-se que ainda há muita carne bovina durante as comemorações, mas que agora são compradas com o dinheiro proveniente das dádivas. Também vale destacar as mudanças no armazenamento das carnes, antes expostas ao ar livre e hoje em dia guardadas geralmente em freezer, assim, correndo menos risco de perda de alimento.



IMAGEM 07 – As carnes para a festa da Chegada da Bandeira. Foto de Pedro Victorasso. 15.01.2011

Simbolicamente, todos esses alimentos doados para a festa apontam que as divindades estão satisfeitas com a jornada da Companhia, assim, para eles e para os devotos nada faltará durante o ano. Na imagem 06, percebe-se a intenção de produzir a fotografia como uma exposição de um troféu, expondo que houve sucesso na empreitada do ano de 1998. Vale ressaltar que toda essa fartura de carnes destinadas à festa (imagens 06 e 07) tem como objetivo originar o que os gregos chamavam de *ágape*, ato de promover o amor fraterno. Assim, ao fim dos rituais sagrados, todos os participantes do festejo comemoram compartilhando uma refeição, um banquete em nome dos santos, juntos, em confraternização.

Seguindo a ordem do sistema de trocas, após as promessas e dádivas, cabe aos santos retribuírem esses favores. Sabe-se que a manifestação divina em forma de milagres é um dos fatores que contribuem para a continuidade dessa prática. Assim, ao perceberem os resultados positivos há um aumento da fé e devoção por parte das pessoas. Durante os depoimentos foram relatados muitos casos de promessas com o intuito de curas de doenças ou problemas de saúde que foram atendidos pelas divindades. Sendo assim, a partir desses acontecimentos, as pessoas passam a acreditar mais, pois aqueles que alcançam uma graça divulgam o ocorrido, o que desperta o interesse de outras que não eram devotas. Outro ponto que vale ser mencionado é que, a partir do contato dos foliões com essas curas, a fé destes se fortalece cada vez mais. Quando questionados sobre os milagres, os foliões quase sempre se emocionavam ao contar essas histórias que marcaram suas vidas deles. Destaco abaixo o fato narrado pelo folião Dorival Ribeiro, que ilustra muito bem a questão dos milagres:

Essa menina deficiente visual, ela não enxergava nada, nada, nada! O olho dela era virado para cima, ela não tinha controle no olho. Eu passei com esse embaixador, com essa mesma Companhia na casa da minha irmã que é avó dela, o filho dela morava no fundo, numa casinha nos fundos, aí eu cheguei e falei para minha irmã, ela chama Amanda, eu falei: “Traz a Amanda aqui! Traz a Amanda, segura a Amanda no colo!”. Eu estava na farda, aí ela pegou a Amanda no colo e eu peguei a bandeira na mão! Porque o fardado nunca pode pegar a bandeira na mão! Se ele pegar a bandeira na mão o embaixador tem que cantar para ele! Se você chegar numa residência e a pessoa falar: “Segura a bandeira que eu preciso ir ali!”. Não! Você tem que chamar o bandeireiro, você não pode por a mão na bandeira! Você tem que ser o guardião dela, não pode pôr a mão! Mas aí eu já sabia o que eu estava fazendo, eu peguei a bandeira, minha irmã a minha sobrinha, que é neta dela e eu peguei a bandeira! Cheguei ao embaixador e falei: “Está vendo aquela menina? Chama Amanda! O senhor vai cantar para ela! Aquela menina tem que ser curada pelos Três Reis Santos, ou melhor, o senhor vai entregar ela para os Três Reis Santos, a partir de hoje ela vai ser afilhada dos Três Reis Santos! Dá para o senhor fazer isso?”. Ele falou que dava! Que é esse meu amigo irmão, o Tião Zé! Aí eu me ajoelhei e abracei a bandeira de Santos Reis, eu não mantive a lágrima, eu nunca chorei tanto na minha vida! Ele cantando e eu chorando! Hoje meu amigo, se você pegar o objeto e der na mão dela, ela te fala a cor do objeto! Para quem não via nada e só via escuridão, você pega uma fita: “Que cor é essa fita?”. Ela te fala para você a cor da fita! Eu não vou dizer que ela está cem por cento, mas ela vai ficar, vai ficar cem por cento!⁷³

Nesse depoimento, percebe-se que o fardado demonstrou profundo conhecimento sobre as normas de uma Companhia de Reis, alterando o ritual de costume para efetivar uma promessa para cura de doença de familiar. Dorival Ribeiro afirma uma melhora na visão de sua sobrinha, confirmando que para ele há esperança de cura total por intervenção das divindades.

Então, se torna evidente que essas pessoas presenciam fatos que, no entender delas, demonstram a manifestação divina em favor dos devotos. Além dos milagres para os visitados pela Companhia, segundo os foliões, os Santos Reis também amparam seus representantes terrenos, aspecto observado no relato da foliã Aparecida Donizete, a qual em momentos de dificuldades diz que prontamente é atendida pelos santos: “É minha fé! Eu tenho muita fé em Santos Reis! Eu peço para ele e eu fico boa! Às vezes eu fico ruim, aí eu peço e fico boa!”⁷⁴

É preciso reforçar que esses depoimentos anteriores sobre o poder de cura atribuído aos santos fazem parte das crenças desses foliões. Porém, não se pode confirmar cientificamente a veracidade dos fatos ocorridos. Vale lembrar que, de acordo com Alessandro Portelli (1993), a subjetividade dos depoimentos em nada prejudica esse tipo de pesquisa, pois a narrativa, confirmada como real ou não, é uma possibilidade imaginada e

⁷³ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

⁷⁴ Entrevista com Aparecida Donizete. Data: 14 de outubro de 2013.

compartilhada pelo grupo em questão, cabendo ao pesquisador detectar o seu sentido. As fontes orais, assim como as fontes oficiais, são construídas e permeadas pela subjetividade de quem as produziu, assim, excluir a subjetividade dos depoimentos seria o mesmo que alterar os fatos narrados.

Todavia, como citado anteriormente, as manifestações podem aparecer de forma negativa, em situações como o não pagamento de uma promessa ou o fato de desmerecer o poder dos Santos Reis ou, ainda, por destratar os foliões. Deste modo, no trecho abaixo, referente à entrevista do senhor Dorival Ribeiro é possível concluir que grande parte da devoção a esses santos deve-se às suas realizações, sejam elas positivas, que fortalecem a esperança das pessoas, ou negativas, que sinalizam um respeito devido ao temor diante dos castigos divinos.

Eu vou falar uma coisa, se você tiver fé e fizer um pedido para Santos Reis, mas se tiver fé ou, para outros santos também, porque a gente tem que ter fé dentro da gente, mas, os Três Reis é o seguinte, se você pedir ele vai te socorrer, ele vai te atender! Só que eu te falo uma coisa para você, você dá um jeito de pagar aquilo que você prometeu para ele viu! Porque eu falo bem dele, mas também falo na bravura, ele é vingativo! Se você não pagar ele vai te cobrar! Você pode ter certeza disso! Eu falo isso com convicção, porque já vi casos parecidos e, já fiz promessa para ele, quantas promessas eu fiz para ele, quantas coisas ele me ajudava!⁷⁵

Assim como os milagres supostamente realizados, os foliões também relataram fatos que ocorrem durante suas jornadas que caracterizam, de acordo com suas crenças, os castigos. Como citado anteriormente, o grupo iniciou suas atividades após uma promessa, porém, a continuidade dessa Companhia de Reis muito se deve a um castigo. Vale ressaltar o evento narrado pelo embaixador, senhor Sebastião Togneri, no qual este folião descreve como foi que essa Folia começou a sair para pagar promessas de outras pessoas.

Nós chegamos numa fazenda ali nos Candoti, ainda meu sogro que era o embaixador! E a tardezinha, nós íamos chegando, o cara estava apartando o gado, e o fazendeiro gritou para o peão dele: “Manda esses vagabundos irem pra lá! Vai espantar o gado!”. Aí o empregado foi lá e avisou meu sogro, mas meu sogro escutou que chamou de vagabundo, aí meu sogro falou “Tudo bem, não tem nada não!”. Aí saímos dali e fomos para uma fazenda ali do lado, que a gente tinha marcado janta, aí esperamos para jantar, e rapaz, formou uma nuvem pequenininha, bem na fazenda daquele outro homem lá, e caiu uma faísca e matou oito bois! Aí jantamos ali no Buzato, pousamos lá, aí no outro dia o homem lá, a cavalo, falando: “Vocês podem ir a minha fazenda cantar lá? Assim que vocês saíam de lá, caiu uma faísca e

⁷⁵ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

matou meus bois!”. Aí meu sogro falou: “Nós vamos sim à fazenda do senhor, só que esse ano nós não vamos mais não, mas o ano que vem o senhor pode esperar que nós vamos!”. E a primeira vaca que nós ganhamos foi dele, no ano seguinte. Aí chegamos lá, cantamos, e ele deu uma vaca! E ele perguntou: “Quanto tempo tem para você cumprir a promessa?”. Aí meu sogro disse: “Ah! Esse é meu último ano!”. E ele falou: “Então você vai sair sete anos para mim!”. Rapaz! Que festa, ele matava vaca, fazia doce de tudo o que você pensar!⁷⁶

Após esse relato, confirma-se o argumento de que o fortalecimento dessa crença se dá tanto pela esperança quanto pelo medo. Percebe-se que muitos dos castigos divinos narrados pelos foliões estão envolvidos com eventos naturais, como queda de raios, estiagem ou pragas nas colheitas, fatos que, uma vez relacionados ao conjunto de crenças desses devotos contribuíram para aumentar a sua devoção.

Por último, e não menos importante para a relação de trocas existente na manifestação da Folia de Reis, é necessário compreender a função dos ex-votos que, como definido por Alba Zaluar, são representações iconográficas que remetem à graça alcançada. Na Companhia de Reis Fernandes, os ex-votos correspondem a duas funções: a primeira corresponde ao pedido feito aos santos, nessa situação, o devoto ao receber a visita da bandeira (imagem 08) prega nela algum símbolo referente à graça que se pretende alcançar. Já na segunda situação, o ex-voto é preso após o devoto ser beneficiado. Assim, no grupo analisado, não há uma regra sobre qual o momento correto para enfeitar a bandeira. Nesse sentido, é possível visualizar que a bandeira está repleta de símbolos, que a cobrem completamente.



IMAGEM 08 – Bandeira da Companhia de Reis Fernandes.

⁷⁶ Entrevista com Sebastião Togneri. Data: 08 de maio de 2014.

Foto de Pedro Victorasso - 05.01.2010

Na imagem 09 observa-se que abaixo dos enfeites pregados na bandeira, há uma pintura que representa a visita dos Três Reis Santos ao menino Jesus, efetivando esse objeto como uma personificação material das divindades.



IMAGEM 09 – Pintura na bandeira que reproduz a visita dos Três Reis Magos.

Foto de Pedro Victorasso – 14.01.2012

Esta imagem fica completamente coberta atualmente. Nesse sentido, se cada ex-voto representa uma promessa ou graça alcançada essa bandeira simboliza que a devoção nesse santo continua muito forte nesse município. Na fala do gerente da Companhia, Nilson Fernandes, é possível compreender que as promessas e os ex-votos são elementos complementares nas trocas rituais desse grupo.

Promessa, promessa tem sim! Promessa têm muitas! A gente vem, chega a casa, a pessoa já pede para colocar uma foto na bandeira, colocar uma fita! É promessa tem muito, a gente canta muito para isso, para promessa! Eu acho que isso aí é muito importante pra Companhia de Reis, que a gente vê que tem muitos devotos! Tem bastante devoto, mesmo dentro da cidade, tem bastante devoto! Isso é importante! Muito importante pra gente!⁷⁷

⁷⁷ Entrevista com Nilson Fernandes. Data: 14 de outubro de 2013

A análise do simbolismo da bandeira, como parte da cultura material desse grupo, será desenvolvida no próximo capítulo, porém, é importante produzir uma breve leitura sobre as representações iconográficas presentes nela, complementares ao assunto abordado até então.

Nesse sentido, durante o giro da Companhia de Reis Fernandes é prática comum as pessoas pendurarem na bandeira flores e fitas, algumas apenas para enfeitá-la outras com o caráter de ex-voto.



IMAGEM 10 – Fotografia pregada na bandeira. Foto de Pedro Victorasso. 14.01.12.

Mas, nas imagens 09 e 10, é possível visualizar fotografias pregadas com alfinetes e, quase sempre são fotos que demonstram que aquela pessoa está saudável e curada. Além disso, também é comum encontrar fotografias de animais domésticos, como cães e gatos. Essas fotografias reforçam que estas pessoas ou animais faziam parte das promessas feitas por devotos.

Outra prática muito comum é a de pregar cartões pessoais ou de empresas na bandeira, como é visível na imagem 11, onde há um cartão de empresa cujo dono, provavelmente devoto de Santos Reis, fez algum pedido para um melhor desempenho financeiro.



IMAGEM 11 – Cartão de empresa pregado na bandeira. Foto de Pedro Victorasso. 14.01.2012.

E, como citado pela autora Alba Zaluar, as pessoas também representam partes do corpo com os ex-votos, como se nota na imagem 12, a qual traz uma mecha de cabelo, prática comum para agradecer a cura de doenças. Esse tipo de simbolismo remete à entrega que essas pessoas fazem de seu corpo para as divindades, uma oferenda de agradecimento e confirmação de fé nos Santos Reis.



IMAGEM 12 – Mecha de cabelo presa na bandeira. Foto de Pedro Victorasso. 14.01.2012.

Assim, essa miscelânea formada pelos ex-votos simboliza a materialização das promessas e da fé dos devotos, características recorrentes do *catolicismo tradicional*. Dessa maneira, é possível concluir que fatores como as promessas, as dádivas, os milagres, os castigos e os ex-votos são diretamente responsáveis pela criação e permanência da Companhia de Reis Fernandes. Então, essa manifestação é composta de uma série de trocas

simbólicas que envolvem os devotos, os foliões e as divindades, destacando a independência em relação à Igreja Católica oficial para a realização dessa peregrinação.

Vale ressaltar que esse grupo, que começou com uma promessa de sete anos, já perdura cinquenta, pois os foliões fizeram dessa prática religiosa uma promessa perene, deixada a cargo dos familiares a continuidade dessa devoção iniciada pelo falecido patriarca da família.

Portanto, neste capítulo foram analisadas as práticas e representações da Companhia de Reis, inserida no denominado *catolicismo tradicional* ou *popular*, a partir da leitura dos elementos simbólicos, tanto de cunho sagrado, quanto profano. De acordo com Alba Zaluar, “a linguagem de qualquer sistema religioso, seja ele letrado ou não, é essencialmente simbólica e, portanto, tem significados implícitos ou inconscientes” (ZALUAR, 1983, p. 31-32). Sendo assim, ao longo dessas páginas foi desenvolvida uma interpretação de parte dos elementos simbólicos que constituem as crenças desses foliões na complexa manifestação que é a Folia de Reis.

CAPÍTULO 3 – AS PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DA COMPANHIA DE REIS FERNANDES

Esse terceiro e último capítulo explicará as apropriações produzidas pela Companhia de Reis Fernandes e suas singularidades, compreendendo que a Folia de Reis não pode ser pensada como uma prática homogênea. Nesse sentido, cabe demarcar a estrutura do grupo, a função e o significado de cada integrante, assim como, a partir da compreensão dos processos rituais que compõem o giro, produzir a análise dos símbolos e personagens que integram as práticas e representações dessa encenação típica do ciclo natalino. A compreensão dos códigos e costumes que compõem esta Folia de Reis foi possível devido aos depoimentos cedidos pelos foliões, bem como, às anotações produzidas durante o acompanhamento do giro.

Vale ressaltar que, durante as entrevistas, por diversas vezes foi perguntado aos foliões sobre a “festa”, em referência à Folia de Reis; no entanto, quando usado o termo “festa”, os integrantes remetem apenas à festa da Chegada da Bandeira, pois na visão deles, o que fazem durante o giro não é festivo, mas sim devoção, uma missão. Por diversas vezes eles disseram que durante o giro estão trabalhando para Santos Reis.

Outro aspecto interessante a ser apontado é o fato de que os integrantes da Companhia de Reis Fernandes tentam não usar o termo Folia de Reis, optando por denominar o grupo de Companhia de Reis, pois, alegam que folia remete a festa/bagunça, o que pode causar uma impressão ruim. Entretanto, eles se autodenominam foliões, definição referente à um membro da Companhia, mesmo essa palavra sendo derivada de folia.

Olha, então aí que eu falo para você, a Companhia, por exemplo, falam folia, eu prefiro falar Companhia, folia dá uma impressão que é um bando de gente fazendo uma folia, uma bagunça ali, então uma Companhia são vários componentes, eu entendo assim, várias pessoas formam uma Companhia, componentes!⁷⁸

Percebe-se que a Folia de Reis desenvolvida por esse grupo é composta por um vasto repertório de normas, rituais e simbologias que compõem um rico material de análise. De acordo com o historiador francês Roger Chartier, nesse tipo de trabalho é necessário identificar todos os símbolos e considerar como simbólicos todos os signos. Nesse sentido, se

⁷⁸ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

promoverá uma aproximação dos processos que constroem o mundo como representação, um mundo compartilhado por esses foliões de Olímpia (CHARTIER, 1990, p. 19-23).

3.1 – Os foliões e suas apropriações

Durante as entrevistas foi possível perceber que os integrantes desse grupo conferem importância ao estudo da Bíblia, fato relevante, pois essa manifestação é uma encenação de um episódio bíblico intitulado *Os Magos do Oriente*, encontrado no livro de São Mateus. As práticas e representações compartilhadas pela Companhia de Reis Fernandes e seus significados atribuídos no ritual partem desse episódio bíblico, assim como do imaginário criado pelo catolicismo.

Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, chegaram a Jerusalém uns magos vindos do Oriente. Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? – perguntavam. Vimos sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo. Ao ouvir tal notícia o rei Herodes perturbou-se e toda a Jerusalém com ele. E, reunindo todos os príncipes dos sacerdotes e escribas do povo, perguntou-lhes onde devia nascer o Messias. Eles responderam: “Em Belém da Judéia, pois assim foi escrito pelo profeta: E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as principais cidades de Judá; porque de ti saíra o Príncipe que apascentará o meu povo Israel”. Então Herodes mandou chamar secretamente os magos e pediu-lhes informações exatas sobre a data em que a estrela lhes havia aparecido. Enviando-os a Belém, disse-lhes: “Ide e informai-vos cuidadosamente acerca do menino, e, depois de encontrardes, vinde comunicar-me, para que também eu vá adorá-lo”. Após as palavras do rei puseram-se a caminho. E a estrela, que tinham visto no Oriente, ia adiante deles, até que, chegando ao lugar onde estava o menino, parou. Ao ver a estrela sentiram grande alegria, e entrando na casa viram o menino com Maria, sua mãe. Prostraram-se, adoraram-no e, abrindo os cofres, ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra. Avisados em sonho para não voltarem até Herodes, regressaram a sua terra por outro caminho (BÍBLIA, Mateus, 2: 1-12).

A partir dessa fonte escrita, foi possível notar que, de acordo com os depoimentos dos foliões, ao ser apropriada pelo grupo, essa história recebeu diversas adaptações e novos elementos, assim como novas interpretações, as quais geram uma leitura singular sobre o episódio que, conseqüentemente, é transmitida através dos rituais durante o giro.

Como aponta Roger Chartier, um mesmo produto cultural pode receber diversas interpretações que irão variar de acordo com o grupo ou indivíduo que dele se apropria. “Em toda sociedade, as formas de apropriação dos textos, dos códigos, dos modelos compartilhados são tão ou mais geradoras de distinção que as práticas próprias de cada grupo social” (CHARTIER, 1995, p. 181-184). Os depoimentos a seguir retratam o episódio bíblico

dos Magos do Oriente, o qual é compartilhado por esses foliões. Nesse sentido, Dorival Ribeiro explica, à sua maneira, essa passagem sagrada, com muitos detalhes.

É que quando os três Reis, eles eram astrólogos, estudantes de estrelas, eles eram cada um de um país, eles viajavam, mas eles sempre tinham aquele sonho que tinha nascido o rei, em Belém, rei dos judeus, mas cada um por um caminho! Até que eles saíram num lugar, lugar largo que se chama Campos Celestes e se encontraram os três, aí eles se comunicaram: “Olha eu tive um sonho que nasceu um rei dos judeus em Belém, que nasceu o rei dos judeus” mas até então não sabiam que era em Belém, não tinham o local exato! O outro: “Eu também tive esse sonho” O outro: “Eu também tive esse sonho”. “Olha então vamos procurar esse rei”. Mas aí na época tinha o rei Herodes, que era o rei mesmo da época que comandava. Eles foram perguntar para o rei que é o Herodes, mas eles foram ao lugar errado, por quê? Herodes não queria que nascesse outro rei para tomar o reinado dele, então ele não admitia isso, então ele influenciou os três Reis Magos para que fossem ao encontro desse menino recém-nascido e voltassem para avisá-lo que, ele também ia lá adorar o menino. Mas mentira! Ele estava na verdade usando os três Reis para poder ir e depois matar a criança! No entanto, na época ele mandou matar muitas crianças de dois a cinco anos, de zero a cinco anos! Porque ele queria pegar esse menino, esse menino tinha que ser morto para não ser o novo rei! Ele tinha que ser o rei, mas, ele não confiou tanto nisso daí não, o que ele fez? Ele pegou as duas pessoas de confiança dele, que se chamavam Capitão e Coronel, as duas pessoas de responsabilidade, de cargo dele, que cuidavam de tudo que ele tinha e pediu para que seguissem os três Reis, para que hora que encontrassem o menino, era para matar o menino, não era para deixar aquele menino vivo! Mas a coisa é tão significativa, uma coisa que veio de Deus, só Deus pode fazer e ninguém mais! Quando eles saíram dali, perdidos, apareceu a estrela da guia, que a bandeira hoje que estão os três Reis, que foi guiando os três Reis até onde estava o menino! Lá eles chegaram e foram preparados levando ouro, incenso e mirra, que também tem um significado, que posso explicar se você não souber! Aí então levou ouro né! Por que eles levaram o ouro? Porque ali na frente deles estava a realeza, o filho de Deus, o rei! Ele tinha que ser recebido com ouro, então o ouro foi oferecido em homenagem ao novo rei! Aí veio a mirra! O que é a mirra? É uma erva muito amarga, para muitos que não conhecem é a erva mais amarga que existe no mundo! Então aquela mirra dava o sinal de que Jesus iria passar por muitas dificuldades na vida, já era um sinal, que a vida dele ia ser amarga, dos 30 aos 33 anos! Muita gente não sabe quando é que Jesus começou a agir, ele agiu apenas por três anos, dos 30 aos 33, que foi aí o sofrimento dele que, foi muito! Então aí entra a mirra! Agora o incenso, o incenso eles usaram, levou aquele incenso! Você vê que hoje nas missas eles usam aquele incenso, aquele incenso é para elevar até Deus aquele fluído, até Deus! Porque ali estava o filho de Deus! Então o incenso representava isso, elevando o filho até Deus! É o que eles fazem hoje, a hóstia que é o corpo de Cristo está em cima da mesa e aí vem o incenso que está elevando aquilo até os céus, até o pai, até Deus! É o significado disso que eu estou te explicando! E quando lá chegaram eles se ajoelharam, fizeram a adoração e entregaram aqueles presentes e os dois soldados de Herodes se comoveram vendo aquelas luzes, aquilo tudo de mais lindo e belo! Eles se converteram e se ajoelharam também, aí quer dizer, eles ficaram do lado dos três Reis! Mas daí eles pensaram: “E agora como vamos voltar e falar para Herodes que a gente viu o menino e não

matou?”. Aí eles decidiram seguir os três Reis por outro caminho, no entanto, eles não voltaram pelo mesmo caminho, voltaram por outro! Aí que entra a história, eles falaram: “Olha só que nós temos que mandar fazer uma roupa para que nós não possamos ser identificados, porque se Herodes ficar sabendo que estamos do lado dos três Reis vai matar-nos também!”. Porque ele era poderoso! Aí fizeram aquela farda e aquela máscara e saíram acompanhando os três Reis na volta. E foi quando eles tiveram aquela ideia que já te falei durante a entrevista, de estar cantando para pedir donativo para fazer a festa da Páscoa, em comemoração ao nascimento do novo rei! Eles, como estavam naquela farda, eles começaram a dançar e as pessoas achavam engraçado, foi por isso que surgiu o nome de palhaço! “Olha lá aquele palhaço fazendo palhaçada!”. Mas na verdade não! Eles estavam fazendo segurança para os três Reis! Eles estavam fazendo, mas eram dois então fica bem claro isso, que não eram três guardiões não, e sim, dois guardiões!⁷⁹

Já, Rubens José de Carvalho apresenta tal evento de forma sucinta, adicionando ao relato novos elementos.

Eles estudavam astrologia, então Gaspar, Belchior e Baltazar encontraram o Campo das Oliveiras, um teve um sonho e chegou lá primeiro e descansou, era de camelo! Aí chegou o segundo, primeiro o Gaspar aí chegou Belchior, o africano, o mesmo sonho que eles tiveram! O terceiro Baltazar com a mesma linguagem e o mesmo sonho, aí seguiram os três! Começaram a brigar os dois e o preto na frente! Com essa briga um vai na frente, outro atrás e eu vou no meio, para não prejudicar ninguém!⁸⁰

Os depoimentos cedidos pelos foliões Dorival Ribeiro e Rubens José de Carvalho sintetizam a ideia compartilhada por todos os entrevistados. Em cada entrevista, um ou outro detalhe era adicionado a esse episódio narrado, porém, sem modificar a essência do conteúdo. Sendo assim, as representações são realidades de múltiplos sentidos e, embora se tente estabelecer um processo de universalidade, elas somente serão determinadas pelo grupo que as forja. Deste modo, a análise da sistemática que compõe a Folia de Reis será baseada na apropriação e compreensão compartilhada pelos foliões da Companhia de Reis Fernandes sobre essa manifestação.

Ao comparar a história escrita na Bíblia com a narrada pelos foliões, percebe-se que o texto, ao ser apropriado, recebeu novos detalhes que valem alguns apontamentos. No trecho bíblico não é dito a quantidade de Reis Magos, seus nomes, nacionalidade, etnia e nem qual era a profissão desses homens. Sobre os presentes, na Bíblia consta em nota que a Igreja vê no ouro o símbolo da realeza; no incenso, o da divindade e na mirra, o da Paixão de Cristo.

⁷⁹ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

⁸⁰ Entrevista com Rubens José de Carvalho. Data: 16 de outubro de 2013.

Perguntado sobre a riqueza dos detalhes da história, o folião Dorival Ribeiro explica “que esse entendimento foi dado pelo Espírito Santo”.⁸¹

Quando perguntado a Dorival Ribeiro sobre como havia se iniciado o caráter festivo das Folias de Reis, ele explicou que isso também faz parte da história dos Magos do Oriente. Segundo ele, após o evento de caráter sagrado descrito, os Reis Magos saíram comemorando e tocando os instrumentos da época, recolhendo donativos para comemorar o nascimento de Jesus. Portanto, o que a Companhia de Reis faz é uma representação do que, na leitura desse grupo, de fato aconteceu com os Santos Reis que saíram em peregrinação no dia 25 de dezembro e terminaram sua jornada no dia 6 de janeiro, quando encontraram o filho de Deus, para adorá-lo e depois festejar o seu nascimento. Tais santos são tidos como exemplos e vistos pelos membros do grupo como modelos de devoção e fé.

daí quando eles foram embora, eles saíram fazendo aquela festa, aquela alegria, tocando seus instrumentos da época, que era a harpa, a sintara [...]daí então eles começaram a tocar e pedir donativos nas casas, nos lugares que eles passavam, eles cantavam [...]quando foram embora então resolveram fazer esse tipo de cantoria e aproveitavam e pediam donativos para que? Para que eles fizessem uma festa em comemoração ao nascimento do menino Jesus, que hoje significa a páscoa para nós! Uma data festiva, uma data muito importante!⁸²

Essa compreensão é compartilhada pelos foliões, que passam adiante todos esses conhecimentos, transmitindo a história para os familiares de geração em geração. Nesse sentido, a construção de interpretações e significados próprios sobre um evento, no seio de um grupo, acaba por conferir uma identidade coletiva a esses agentes históricos.

Embora existam diferentes vertentes históricas, para se produzir uma memória coletiva, o historiador precisa estar atento às múltiplas esferas da existência. Assim, nessa pesquisa sobre a manifestação de uma companhia de Folia de Reis, justifica-se o entendimento de inúmeros fatores que influenciam no desenvolvimento do festejo, sendo inviável resumi-lo apenas à esfera cultural ou religiosa. Tornou-se consenso ao longo das crises paradigmáticas da História que nenhum acontecimento pertence exclusivamente a uma única esfera totalizadora da existência devido à multiplicidade de fatores que estão em jogo.

Partindo desse pressuposto, torna-se importante analisar a trajetória do grupo pesquisado e as vivências que o compõem, compreendendo-o não apenas como uma cultura ou uma religião, mas englobando aspectos subjetivos e singulares de seus personagens.

⁸¹ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

⁸² Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

A família Fernandes, constituída pelo patriarca Celso Fernandes, morou por muito tempo na zona rural do município de Olímpia e, assim como muitas outras famílias motivadas por questões econômicas, participaram do chamado êxodo rural. Quando mudou-se para a cidade, no início da década de 1960, fixou-se no bairro Jardim Paulista, onde residiu até o ano de seu falecimento, em 2000. Portanto, quando o senhor Celso iniciou as atividades da Companhia, em 1964, ele já residia na zona urbana, porém toda a peregrinação ocorria na zona rural.

Meu pai era retireiro e a gente morou sempre no sítio. Depois a gente veio para a cidade e já viemos direto aqui nessa vila mesmo e daí meu pai começou a sair com a Folia de Reis [...] meu pai sempre foi muito, muito apegado a Santos Reis, ele tinha muita fé em Santos Reis, muita mesmo!⁸³

A partir das entrevistas foi possível entender dois motivos que o levaram o grupo a realizar o giro na zona rural, primeiro há de se destacar que os devotos estavam em grande número nos sítios e fazendas, mas também, durante os dias que compreendiam a jornada era uma oportunidade desses homens voltarem às raízes e manter o contato com o campo.

Quando ele morava no sítio, pela roça dele ele fez promessa de sair, eu me lembro disso que ele falava, então depois quando mudou para a cidade aí foi onde nós fomos ficando tudo moça! Que nem eu casei, meu irmão casou, aí foi onde ele quis sair, foi promessa dele sim!⁸⁴

De acordo com os depoimentos, sabe-se que a Companhia de Reis de Celso Fernandes foi formada a partir de uma promessa desse devoto, segundo a qual ele deveria sair por sete anos com o grupo afim de pagar essa dívida com os Santos Reis. Contudo, dentre os entrevistados, apenas Neide Fernandes (filha de Celso), durante a entrevista com seu marido Sebastião Togneri, soube mencionar que seu pai havia feito uma promessa para sua roça. Então, logo que se mudou para a cidade, o senhor Celso Fernandes tratou de pagar suas dívidas com as divindades. Embora quase todos os membros do grupo ou familiares desconheçam a promessa inicial, o patriarca até hoje é tido como exemplo de dedicação à Folia de Reis, pois, após cumprir sua obrigação de sete anos, a Companhia continuou saindo com a intenção de pagar promessas de outros devotos.

A figura do senhor Celso Fernandes é muito importante para a existência desse grupo, pois ela é sempre mencionada durante as entrevistas como de um homem muito devoto e

⁸³ Entrevista com Nadir Fernandes. Data: 15 de outubro de 2013.

⁸⁴ Neide Fernandes (filha de Celso Fernandes) durante a entrevista com Sebastião Togneri. Data: 08 de maio de 2014.

exigente, características que o faz ser respeitado até hoje, mesmo por foliões que não fazem parte da família. No depoimento de Dorival Ribeiro transparece a importância desse caráter para consolidar essa Companhia como uma das mais importantes da cidade.

É uma Companhia tradicional, uma Companhia de muito respeito, de caráter assim, extremo! Que o fundador era muito exigente, uma pessoa de muita devoção e eu já percebi desde o começo que a Companhia era isso aí! Até que eu participei, carreguei bandeira nessa época na Companhia, cantei na tala como já tinha dito no início da entrevista, até que cheguei à farda! Saí vários anos com eles como fardado, o guardião da bandeira de Santos Reis, então é uma Companhia que para mim foi uma das primeiras que eu conheci!⁸⁵

Entre os entrevistados, nota-se que além do respeito à família Fernandes, alguns foliões que contavam com Folias de Reis entre seus parentes mais próximos, preferiam participar do grupo de Celso Fernandes, pois se sentiam acolhidos como membros da família. Essa relação familiar entre os foliões tem que ser apontada como um dos principais fatores de coesão dessa Companhia de Reis. Este assunto transparece no depoimento de Rubens José de Carvalho, um dos foliões mais antigos, sobre o senhor Celso e sua esposa, dona Alice, no qual diz: “A baixinha, a dona Alice, foi minha mãe, eu tinha minha família que cantava, mas eu gostava de cantar com eles, aquele foi um pai, sempre falo para o Nilsinho, é bonito isso aí, todo mundo fica satisfeito!”⁸⁶.

Conta Sebastião Togneri que, em 1964, Celso Fernandes reuniu os familiares e amigos com a intenção de montar uma Folia de Reis, que teve nesse primeiro ano como embaixador seu cunhado, João Mineiro, pois este tinha mais facilidade com os versos. Alguns dos foliões selecionados já sabiam cantar e tocar algum instrumento, outros como Sebastião Togneri, que está na Companhia desde o início, aprenderam a partir do contato com senhor Celso, seu sogro.⁸⁷

eu casei em 1963, 1964 ele inventou de soltar essa Companhia de Reis, aí eu peguei e falei: “Eu não sei!”. Eu não sabia cantar nada de nota, essas coisas, sabe! Ele falou: “Não, eu vou ensinar você! Nós vamos sair!”. Aí juntou eu, mais uns colegas dele que tinha na época e formamos a nossa Companhia de Reis! [...] Formou o seguinte, era ele e tinha um cunhado dele que se chamava João Mineiro, esse João Mineiro ele tocava uma viola e cantava também! Só que ele, o João Mineiro, na época tinha mais facilidade para

⁸⁵ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

⁸⁶ Entrevista com Rubens José de Carvalho. Data: 16 de outubro de 2013.

⁸⁷ Durante as entrevistas não houve nenhum relato sobre a existência de Folia de Reis na família Fernandes antes de 1964, entende-se que possivelmente Celso Fernandes tinha algum conhecimento sobre o assunto, porém, não o suficiente para ser embaixador logo no primeiro giro.

pegar os versos, então o que o meu sogro fez? Colocou-o de mestre e o meu sogro ficou de contramestre, hoje é embaixador, naquele tempo era mestre! Aí vieram uns morenos que moravam na São José, eram os Vadão, eram três filhos dele, inclusive um é tio da minha mulher, todos os três são falecidos já! Aí veio os três de lá, aí eu também já entrei para trás lá no contrato, tinha mais um moreninho que se chamava Benedito, que morava perto do meu sogro na caixa e esses morenos lá tinha um que tocava cavaquinho e outro violão! Aí pego, tinham os palhaços, arrumou uns palhaços lá da São José, na época tal de Bastião Vaca, falecido também, aí começamos a tocar, até quando ele faleceu!⁸⁸

Entre as Companhias de Reis de Olímpia é muito comum ouvir os termos: *folia baiana*, *folia paulista* e *folia mineira*. Tais denominações são usadas para definir os estilos de cada grupo, os quais contam com diferenças nos ritmos, instrumentos e número de cantores. De acordo com Nilson Fernandes, a Companhia de Reis Fernandes é uma *folia mineira*, cuja única diferença em relação à *folia paulista* são as músicas, pois, a toada, o número de vozes e os instrumentos utilizados são os mesmos. No entanto, as *folias baianas*, por sua vez se diferenciam bastante porque além dos ritmos serem diferentes, apenas dois foliões cantam e, também utilizam a flauta, instrumento que não é utilizado pelos *mineiros* nem pelos *paulistas*.

A “mineira” e a “paulista” são iguais, é o mesmo tanto de pessoas que cantam! É tudo igual! Só muda o hino, assim, o tipo de música né! Mas as palavras, a toada, tudo igual! Agora a “baiana” sim, é diferente porque só cantam dois e os instrumentos são bumbo, flauta e pandeiro. A “mineira” não, a “mineira” é viola, violão, cavaquinho, na época era violino, hoje não tem mais e bumbo! Agora a diferença da “mineira” para a “baiana” é a flauta e o tanto de pessoa que cantam, porque a “mineira” são de 9 a 10 pessoas para cantar, a “baiana” são só dois. O restante só toca, só instrumento!⁸⁹

Para compreender melhor as práticas culturais da Folia de Reis desenvolvida pela Companhia de Reis Fernandes, é necessário analisar a estrutura do grupo, que é formado por cantores e instrumentistas. Segundo os foliões, toda Companhia de Reis que canta à *mineira* é composta por embaixador (mestre), contramestre, ajudante, contrato, quarta voz, quinta voz, requinta, ajudante da requinta, caixeiro. Além dos responsáveis pelo canto e instrumentação, há outros componentes: dois palhaços, que o grupo denomina de fardados, fantasiados com roupas coloridas e máscara. São os protetores da bandeira, dançam e fazem rimas durante as visitas, e também há um bandeireiro, que conduz a bandeira sempre à frente do grupo, simbolizando a estrela que guiou os Três Reis Magos até o menino Jesus.

⁸⁸ Entrevista com Sebastião Togneri. Data: 08 de maio de 2014.

⁸⁹ Entrevista com Nilson Fernandes. Data: 14 de outubro de 2013.

A partir dessa composição é perceptível uma hierarquia, na qual cada membro do grupo desenvolve uma função durante o giro. No entanto, essas funções não são fixas, podendo um mesmo folião já ter desempenhado diferentes papéis no grupo, fato que fica evidente na fala de Rubens José de Carvalho, quando ele diz: “Eu canto de mestre, contramestre, se você quiser eu visto de fardado, onde colocar eu canto, eu já fiz todas as funções!⁹⁰”. Essa variação vai ocorrer de acordo com as necessidades da Companhia, durante o período de peregrinação.

Segundo os depoimentos, os instrumentos que necessariamente devem ser usados nas Companhias de Reis são: viola, violão, cavaquinho, pandeiro e bumbo. Contudo, durante o período compreendido pela pesquisa, foi possível notar que alguns instrumentos deixaram de ser utilizados e outros foram inseridos no grupo.

Durante as entrevistas foi frequente o comentário sobre a falta que faz o violino na Folia de Reis, instrumento que deixou de ser usado pela falta de foliões que o soubesse tocar. Devido à falta de precisão durante as explicações e também à falta de informações, como de fotografias, não é possível afirmar que o violino era utilizado antigamente, pois esse instrumento pode ter sido confundido com a rabeça (violino rústico) pelos depoentes. Outro instrumento que já foi usado, mas também sofre com a falta de especialistas é a sanfona, também lembrada por alguns entrevistados.

Instrumentista o que está faltando nas Companhias de Reis de hoje, como a nossa Companhia de Reis que é mineira é o violino, que não tem mais! Você não acha uma pessoa que toca violino mais e, o violino é um instrumento que deixa a Companhia de Reis muito bonita! Hoje não existe, não tem quem toca! E os que têm, não sei se não gostam, não sei, não entendo o porquê!⁹¹

Nas entrevistas se torna evidente que para uma *folia mineira* os instrumentos de corda são primordiais, mas, recentemente passaram a ser utilizados novos instrumentos de percussão, em conjunto com os sempre usados pandeiro e bumbo. O senhor Nilson aponta que, principalmente as mulheres, têm tocado o chuchê (um instrumento da família do chocalho) e um pandeiro em meia-lua.

Na nossa Companhia de Reis antes não tinha o chuchê, que hoje tem, aquele pandeiro que se chama meia-lua também não tinha, mas é só isso! Na nossa Companhia de Reis que é mineira, mineira usa mais instrumento de corda! Então tem o pandeiro que usa sempre, uso o bumbo, que sempre uso e, hoje

⁹⁰ Entrevista com Rubens José de Carvalho. Data: 16 de outubro de 2013.

⁹¹ Entrevista com Nilson Fernandes. Data: 14 de outubro de 2013.

o que usa é o chuchê e o pandeiro meia-lua que, quem toca mais são as mulheres que, tocam esses instrumentos! O único que aumentou foi isso aí!⁹²

Segundo relatos, quase todos os foliões mantiveram contato desde a infância com as funções que poderiam exercer dentro da Folia de Reis. Outros, como é o caso de Sebastião Togneri, aprenderam os ritmos e as cantorias a partir do contato com o fundador do grupo, senhor Celso Fernandes. De acordo com Sebastião, a Companhia de Reis tem em seu repertório uma grande quantidade de ritmos que variam de acordo com o ritual. Ele diz: “nós temos muitos ritmos, eu peguei, aprendi com meu sogro, se for pegar mesmo os ritmos que eu sei têm mais de doze ritmos de Companhia”.⁹³

Entre as funções necessárias para o funcionamento de uma Companhia de Reis ressalta-se o trabalho do gerente. O grupo motivo deste estudo foi gerenciado desde sua fundação por Celso Fernandes, porém, desde o falecimento do fundador esse cargo foi exercido por seu filho, Nilson Fernandes. Essa função pode ser comparada à de um cargo administrativo, embora esse folião também participe do grupo de cantores/instrumentistas. Segundo Roberto José de Carvalho, o gerente seria o chefe do grupo. Este deveria “estar sempre por dentro de tudo! Como se fosse o dono das ovelhas, o proprietário tem que estar sempre de olho! Não pode descuidar! Tem que ter aquele vínculo, a amizade!”⁹⁴.

Sendo assim, cabe ao gerente reunir os foliões todos os anos, estipular os trajetos, combinar com alguns devotos o local de refeições e pouso da bandeira. Ele é o dono dos instrumentos e também deve efetuar a manutenção deles. Em relato, senhor Nilson diz: “Está tudo aqui guardado em casa, são meus, um pouco herdei do meu pai!”⁹⁵.

Para uma melhor compreensão das demais funções exercidas dentro da Companhia de Reis Fernandes, será produzida uma análise de imagens que possibilitará traçar uma explicação sobre o papel de cada integrante e a hierarquia observada nessa manifestação. Vale ressaltar que, de acordo com o historiador Boris Kossoy, é necessária atenção com deslizes interpretativos decorrentes da rápida aceitação da evidência testemunhal das imagens fotográficas. No uso da fotografia na pesquisa histórica, desde o primeiro momento, deve haver um questionamento por parte do sujeito do conhecimento em relação ao objeto de investigação, seja para a reconstituição do processo que deu origem ao documento ou para a interpretação do fragmento visual da realidade nela contida (KOSSOY, 1989, p. 10).

⁹² Entrevista com Nilson Fernandes. Data: 14 de outubro de 2013.

⁹³ Entrevista com Sebastião Togneri. Data: 08 de maio de 2014.

⁹⁴ Entrevista com Roberto José de Carvalho. Data: 17 de outubro de 2013.

⁹⁵ Entrevista com Nilson Fernandes. Data: 14 de outubro de 2013.

A imagem 13, fotografada por Nadir Fernandes, filha de Celso Fernandes que foi embaixador por muitos anos da Companhia, faz parte de um álbum particular que remete às lembranças dos familiares. Nesta fotografia tirada durante uma visita da Companhia à zona rural do município, no ano de 1981, é possível observar que os instrumentistas se posicionam de acordo com a hierarquia mencionada anteriormente. Ou seja, dentre os músicos, o embaixador, que pode também ser chamado de mestre está sempre à frente dos demais (Celso Fernandes, primeiro à direita). De frente para ele, primeiro da esquerda para direita, se posiciona o contramestre (não reconhecido na fotografia), ao lado do mestre fica o ajudante do contramestre, enquanto ao lado do contramestre está o contrato (Sebastião Togneri), depois são posicionados os demais foliões.



IMAGEM 13 - Os instrumentistas. Foto de Nadir Fernandes. 1981.

Também pertencente a álbum familiar, a imagem 14, produzida por Neide Fernandes (filha de Celso Fernandes) durante a “Chegada da Bandeira” no ano de 2000, mostra novamente essa hierarquia, na qual o mestre/embaixador Celso Fernandes (primeiro à direita) está de frente com o contramestre, Sebastião Togneri, que após o falecimento do primeiro, assumiu a função de embaixador. Ainda nessa fotografia (imagem 14), pode-se notar o contrato ao lado do contramestre, Nilson Fernandes (primeiro à esquerda), filho do mestre, o qual é o responsável (gerente) pela folia desde a morte de Celso Fernandes.



IMAGEM 14 - Os instrumentistas – Chegada da Bandeira da Folia de Reis, em Olímpia/SP. Foto de Neide Fernandes. 2000.

A imagem 15, produzida durante nosso acompanhamento à “Chegada da Bandeira” de 2010, aponta uma diferença em relação às anteriores (imagens 13 e 14), pois após a morte de Celso Fernandes, seu genro, o contramestre Sebastião Togneri assume seu lugar, por ser o mais velho do grupo que acompanhava a Folia desde o início, em 1964. Ele também era o que mais entendia das toadas e letras da Folia de Reis. Nessa imagem, é possível analisar novamente a formação hierárquica dos foliões, na qual o primeiro à esquerda e à frente é o mestre (Sebastião Togneri), à direita está o contramestre Manoel Messias Meira, atrás do mestre encontra-se o ajudante Sebastião de Souza, enquanto atrás do contramestre está o contrato Nilson Fernandes.

Nas três imagens (13, 14, 15) analisadas podemos perceber que desde os primeiros anos, durante as cantorias da Folia de Reis, as pessoas do bairro sempre se aglomeram para ouvi-los, reforçando que este grupo desfruta de prestígio na comunidade em que está inserido.



IMAGEM 15 - Os instrumentistas - Chegada da Bandeira da Folia de Reis, em Olímpia/SP. Foto de Pedro Victorasso. 09/01/2010.

A substituição do sogro por Sebastião Togneri já era premeditada, dessa forma, o folião passou por um longo período de preparação, pois quando começou no grupo cantava mais para trás como ele mesmo diz; porém, a partir de pedidos de Celso Fernandes ele começou a cantar de contramestre, se preparando para uma futura substituição, para que houvesse continuidade na Companhia.

Eu sempre cantava para trás, nunca gostava de cantar perto dele, porque cantar de embaixador é uma responsabilidade muito grande, ali você não pode errar! Hora que você pega o instrumento para tocar você tem que pensar em Deus e nos Três Reis Santos! Eu não! Eu era folgado! Então eu gostava de cantar lá atrás e então tudo que ele cantava lá, eu respondia lá atrás sem compromisso. Ele sempre falava para mim: “Tião você precisa cantar naquela casa ali, porque o dia que eu morrer, como é que vai fazer?”. E foi o que aconteceu, ele faleceu né! Ele faleceu e ficou um ano sem soltar a Companhia de Reis, soltou só a bandeira, aí no outro ano a minha sogra falou: “Tião não tem outro para soltar, para tirar a bandeira daí, é você mesmo!”. Aí eu que tive que tirar, mas foi duro viu! Não por não saber, duro porque eu gostava muito dele sabe, e eu ficava ali no lugar dele e aquilo não foi fácil não! Aí continuamos!⁹⁶

O embaixador é tido como uma das funções de maior responsabilidade dentro da Companhia, pois quando o grupo está se apresentando durante o giro, cabe a ele elaborar os versos das músicas, além de ser ele quem puxa a cantoria. Algumas letras são as mesmas para cada situação, outras são improvisadas de acordo com a casa da visita, ou seja, há uma variação de acordo com a ocasião e o ritual. Segundo Sebastião Togneri, os versos dependem tanto do que é encontrado na casa, quanto da bandeira e da emoção do devoto, segundo ele: “os versos vêm quando eu olho na bandeira e a pessoa está com ela na mão, aí surge o verso automaticamente, vem à cabeça!⁹⁷”. Na imagem 15, o mestre é o mais velho, aquele que já conviveu muitos anos na companhia e também é sua obrigação sempre estudar a Bíblia, com o intuito de conhecer melhor sobre a vida de Jesus e dos santos.

Durante as cantorias, o contramestre deve sempre prestar atenção nos versos cantados pelo embaixador para repetir o verso final da estrofe. Após esse momento, todos os outros, na ordem já mencionada, entram com suas vozes repetindo apenas esse verso, cada um com um tom de voz, terminando sempre cada verso com a chamada tala, um grito agudo emitido

⁹⁶ Entrevista com Sebastião Togneri. Data: 08 de maio de 2014.

⁹⁷ Entrevista com Sebastião Togneri. Data: 08 de maio de 2014.

sempre no final de cada estrofe. O interessante é que quase não há ensaio, muito menos aula de canto, mas cada um sabe a hora de entrar e o tom que vai usar. Vale ressaltar que a hierarquia é respeitada durante o giro do ano, mas não é obrigatoriamente fixa, pois todos os anos ocorrem algumas variações, nas quais há troca de foliões e das funções dentro do grupo.

Cada um tem a sua função, por exemplo, eu canto o verso, aí o Bel responde o mesmo verso que eu cantei, ele responde, mas já com o Bim ajudando ele e o Nilson no contrato, o mesmo verso que eu soltei primeiro e o último lá atrás é a tala [...] Eles repetem e com altura diferente, por exemplo, eu canto numa altura, o Bel já responde um pouco mais alto, o ajudante do Bel que é o Bim já entrosa a voz, mais alto um pouquinho, o Nilson entra no contrato com ela mais alta! Aí vem a quarta voz né! Que é mais alta que a do Nilson ainda, que é a do Gessi, e assim vai!⁹⁸

Percebe-se que a música para a Folia de Reis funciona como uma oração coletiva, pela qual se propõe uma mediação entre o homem e as divindades. Todos os cantores são instrumentistas, mas não há uma obrigação quanto ao instrumento que cada folião deve tocar. Assim, o mestre em determinado período pode tocar a viola, como também o violão ou o cavaquinho. No entanto, é perceptível que existe um posicionamento nos instrumentos, segundo o qual os primeiros da hierarquia usam instrumentos de corda e os que ficam para trás usam instrumentos de percussão.

Na Companhia de Reis Fernandes, as mulheres participam dos rituais normalmente, como cantoras e instrumentistas, fato que diferencia esse grupo de experiências de outras regiões, como no caso analisado em Mossâmedes (Goiás) pelo antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, no qual as mulheres limitam-se apenas a cozinhar e a rezar. Na Companhia de Reis Fernandes, os membros do grupo explicam que nunca houve restrição à participação das mulheres, inclusive concordam que a voz da mulher deixa a canção mais bela.

Então, eu na Companhia Fernandes, quando eles saíram a pé que, eles não tinham condução não ia mulher, porque fica muito difícil! Você não encontra lugar para tomar banho, você tinha que entrar em um rio pelo menos só para tirar aquele suor, já mulher ficaria mais difícil, na época não tinha mulher no giro não! Hoje como vai de condução e o giro também é feito na cidade, então hoje as mulheres participam e é interessante isso, porque quando tem mulher os devotos que recebem a Companhia acham bonito, falam: “Olha uma Companhia com mulher cantando!”. Impõe mais respeito também, chama mais atenção e mulher você sabe que tem uma sinceridade muito grande, cantam com o coração, a mulher sempre tem uma

⁹⁸ Entrevista com Sebastião Togneri. Data: 08 de maio de 2014.

voz bonita para cantar, uma voz afinada! E é uma troca de fé entre o homem e a mulher!⁹⁹

Já no relato do folião Nilson Fernandes, é citada a participação de uma mulher, juntamente com o marido e filho vestidos de fardado, algo bem diferente, tanto em comparação às Companhias analisadas no capítulo 2, quanto nos grupos de Olímpia.

As mulheres na festa elas participavam ajudando, para cozinhar, para fazer enfeite, isso no dia da festa. No começo não saía mulher na nossa Companhia de Reis, por um motivo, a gente saía no dia de natal, dia 25 de dezembro e ficava até o dia 6 de janeiro fora, então não podia levar uma mulher! Porque ia pousar, dormir em barracão, em cima de encerado! Agora não! Como a gente só sai mais de sábado e domingo, volta e vai dormir em casa, então as mulheres começaram a participar, cantando, porque mulher canta pra caramba! Cantando, carregando a bandeira, já existiu mulher na minha Companhia de Reis vestindo farda! Era a família inteira, era o marido, a mulher e a filha que vestia a farda! Hoje elas participam sim, todas elas participam e gostam! Tem mulheres que fazem mais que um homem, são mais respeitadas, tem homem que fala palavrão, mulher já não fala! A mulher estando dentro da Folia de Reis você não escuta nenhuma palavra errada, importante é isso né?¹⁰⁰

Nota-se que a presença de uma mulher na Companhia impõe mais respeito, tanto de quem a recebe, como dentre os foliões. Ao longo da entrevista, o folião Nilson Fernandes aponta que no início, como o giro era apenas na zona rural, percorria-se onze dias sem voltar para casa, e as mulheres não participavam dos rituais devido às dificuldades durante os pousos, pois eles dormiam improvisadamente em barracões ou no paiol nos sítios e fazendas¹⁰¹. Nesse período, as mulheres da família ajudavam apenas a fazer os enfeites e a cozinhar para o dia da festa, porém, com as mudanças no giro, as mulheres passaram a participar também como foliãs.

Vale ressaltar a participação, de há muitos anos como foliã, de Aparecida Donizete Fernandes, esposa de Nilson Fernandes, conhecida como dona Zeti. Ela teve contato com Folias de Reis desde a infância, pois sua família tinha uma, no entanto, passou a acompanhar o grupo quando seu marido assumiu a gerência. Em suas próprias palavras, “depois que eu casei com o Nilson eu segui a Folia né!”¹⁰² Sabe-se que em Olímpia é comum ver a presença de mulheres nas Companhias de Reis, principalmente na função de bandeireira. Essas mulheres carregam a bandeira ou por promessa ou por fazerem parte da família de algum dos

⁹⁹ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

¹⁰⁰ Entrevista com Nilson Fernandes. Data: 14 de outubro de 2013.

¹⁰¹ Entrevista com Nilson Fernandes. Data: 14 de outubro de 2013.

¹⁰² Entrevista com Aparecida Donizete Fernandes. Data: 14 de outubro de 2013.

foliões, mas, geralmente não se vê uma mulher tocando e cantando. Assim como todo folião, ela aprendeu a tocar e cantar a partir do contato, da experiência, nesse caso, foi seu marido (Nilson Fernandes) quem a ensinou.

Todavia, é importante assinalar que tanto entre os homens quanto entre as mulheres que vivenciaram a Companhia de Reis Fernandes ao longo de sua existência, há um consenso de que nunca houve uma proibição ou distinção de gênero nesse grupo. Elas não participavam apenas pelo fato de a peregrinação ser um período de grandes dificuldades, as quais elas mesmas acreditavam não suportar, como fica evidente na fala a seguir de Nadir Fernandes.

Mas eu acho que proibir não, não tinha proibição! Acho que era porque, assim, era mais os homens mesmo, a parte dos homens! Porque também dormiam em qualquer lugar, então para mulher já ficava mais difícil, porque os homens chegavam, por exemplo, dormiam no paiol, dormiam numa tuia! [...] Aí então a partir da semana da festa, a gente já começava a ajudar em tudo, a enfeitar os instrumentos, a fazer as flores para eles colocaram no pescoço, na toalha. Quando chegava na quinta e na sexta a gente já ia lá, limpava tudo, deixava tudo em ordem. Na sexta de manhã a gente já começava a matar os frangos, limpar os frangos, então eu sempre participei disso! Ajudava nisso! A limpar os frangos, deixar tudo no jeito, tudo temperadinho, aí para o próximo dia, no sábado de manhã começava a fazer as comidas! Então era muita, era tacho de macarrão, era frango com batata, era leitoa assada, leitoa a passarinho, arroz, então tinha muita comida, era só comida!¹⁰³

Além da participação feminina entre os instrumentistas após algumas mudanças no giro, ainda hoje nota-se uma maior movimentação das mulheres nos dias que antecedem a festa, pois elas ainda são responsáveis por parte da comida e das decorações para a Chegada da Bandeira. Essa função desenvolvida pelas mulheres é muito bem descrita no depoimento acima de dona Nadir Fernandes, que vivencia essa Companhia de Reis desde a infância.

Retomando a discussão sobre os personagens que compõem um grupo de Folia de Reis, deve-se destacar também o bandeireiro, que conduz a bandeira à frente do grupo, simbolizando a estrela que guiou os Três Reis Magos até o menino Jesus. Essa função pode ser desempenhada tanto por homens, como por mulheres, há variação de acordo com o ano do giro. Na foto tirada por Nadir Fernandes durante a “Chegada da Bandeira”, em 1970, essa função é desempenhada por um homem, que pagava promessa na ocasião (imagem 16).

¹⁰³ Entrevista com Nadir Fernandes. Data: 15 de outubro de 2013.



IMAGEM 16 – O bandeireiro - Chegada da Bandeira da Folia de Reis, em Olímpia/SP. Foto de Nadir Fernandes. 1970.

De acordo com o ritual, os membros do grupo jamais podem ir à frente da bandeira, como é possível visualizar na imagem 16. Na imagem 17, produzida durante a festa de Chegada do ano de 2011, nota-se que a composição é a mesma: à frente a bandeira, seguida pelos palhaços e logo atrás pelos instrumentistas e cantores. No entanto, nessa fotografia, a bandeira aparece sendo carregada por uma mulher que faz parte da família do gerente da folia.



IMAGEM 17 - A bandeira - Chegada da Bandeira da Folia de Reis, em Olímpia/SP. Foto de Pedro Victorasso. 15/01/2011.

Outra figura importante para o funcionamento da Companhia é o festeiro; ele é um pagador de promessa, que durante o tempo estipulado por sua promessa, tem algumas funções a desempenhar. Vale destacar que no grupo abordado não existe um tempo específico para a promessa do festeiro, assim como, no caso de em determinado ano não aparecer algum

promesseiro interessado em ser o festeiro, um dos foliões assume o papel de festeiro do ano, mesmo sem promessa, pois essa representação tem que estar presente durante o giro do ano.

Uma das funções do festeiro é ajudar nos custos para manter o grupo e a festa da Chegada da Bandeira, porém, no caso de faltar um festeiro, e este for representado por um membro da Companhia, essa tarefa fica a cargo do gerente da Folia, como descreve o senhor Nilson Fernandes:

Nós pegamos um festeiro ultimamente, a promessa dele era de sete anos, e cantamos sete anos para ele! Então agora, como não tem promessa de alguém, a gente continua saindo porque é uma obrigação da gente, porque temos muita fé em Santos Reis! Então é determinado um do grupo para ser o festeiro, então ele fica como responsável por tudo aquilo. Só que quem vai comandar, quem vai comprar e fazer é o dono da Companhia de Reis, ele vai organizar tudo, porque o festeiro às vezes não tem condição para isso.¹⁰⁴

Também é dever do festeiro estar sempre acompanhando a Companhia, principalmente no dia da saída, ele tem que estar presente; assim como no dia da Chegada sua presença é fundamental, nessa data ele tem que receber a bandeira à frente do primeiro arco, pois a promessa é dele, então é como se os foliões estivessem a seu serviço.

Cabe a ele, ainda, resolver algum problema ou outro, como por exemplo, possíveis desentendimentos entre os foliões que devem ser levados ao conhecimento do festeiro, que promove uma reunião junto ao gerente para resolver a situação.

se tiver alguma coisa que pode acontecer, um folião que, por exemplo, tem um problema, uma desistência da Companhia, desentender, porque toda parte tem, às vezes uma conversinha mal falada e a pessoa fica insatisfeita ou, houve ali uma troca de palavras, isso tem que ir até o festeiro! Aí ele tem que vir e fazer uma reunião, sentar junto com o gerente e tentar colocar a Companhia, ajudar, porque ele, não é que ele manda na Companhia, mas a Companhia está trabalhando em função dele, para ele!¹⁰⁵

Segundo o gerente e folião Nilson Fernandes, alguns festeiros colocam mais doações para o dia da festa, em suas palavras: “a festa sempre aconteceu, sempre foi farta e aberta para todo mundo”¹⁰⁶. As funções do festeiro, no grupo abordado pela pesquisa, diferem do caso analisado por Carlos Rodrigues Brandão, na Folia de Reis de Mossâmedes, o festeiro é o dono da casa de entrega, onde o giro é finalizado. Já na Companhia de Reis Fernandes, a

¹⁰⁴ Entrevista com Nilson Fernandes. Data: 14 de outubro de 2013.

¹⁰⁵ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

¹⁰⁶ Entrevista com Nilson Fernandes. Data: 14 de outubro de 2013.

representação do festeiro é importante durante o giro todo, ela passa a ser uma garantia de que a festa para os Santos Reis será realizada com fartura independentemente das arrecadações.

Fazem parte do grupo ainda dois palhaços, que na Companhia estudada são chamados de fardados, cuja função é serem os guardiões da bandeira. Eles detêm uma forte carga simbólica, assim, sua participação no grupo será analisada de forma minuciosa. Os fardados são pessoas respeitadas e responsáveis pela proteção da bandeira, e sempre existiram na Companhia abordada¹⁰⁷. A participação desses personagens na Folia de Reis de Olímpia é bem diferente das abordagens de Zaíde Maciel de Castro e Aracy do Prado Couto, no livro “Folias de Reis”, e de Carlos Rodrigues Brandão, no livro “A folia de Reis de Mossâmedes”, nos quais os palhaços têm papel secundário e sofrem inúmeras restrições durante os rituais.

Além de ser o guardião da bandeira, o fardado tem outras funções estabelecidas durante o giro. Ele é o porta-voz do grupo quando se chega a uma casa, momento em que se pergunta ao dono se ele aceita a bandeira e a Companhia em sua residência. Cabe ao palhaço o dever de comunicar os devotos sobre a data e local em que irá se realizar a festa da Chegada da Bandeira.¹⁰⁸ Por último, e não menos importante, o fardado estabelece um elo de brincadeiras com as crianças e adultos durante as andanças no qual, ao dançar e simular lutas com as espadas, ele profere versos jocosos, divertindo as pessoas que assistem suas performances.

Apesar das danças terem como propósito divertir o público, pôde-se analisar uma função muito importante para a continuidade dessa manifestação. De acordo com o ex-fardado Arnaldo Nardelli, as danças chamam atenção das crianças, que acompanham a Folia mesmo sem saber seu significado religioso, porém, com o passar do tempo elas se interessavam em participar das Companhias. Portanto, entende-se que o fardado e suas danças detêm um caráter lúdico ao incentivar, por meio das coreografias, a interação com o público e despertar por vezes o interesse pela participação na Companhia de Reis, argumento que se justifica pela fala de Nardelli:

Fica ali dançando pelo batuque, pela viola, pela caixa, fica dançando e incentiva muito as crianças verem o palhaço dançando porque elas ficam todas ali! As crianças pequenas elas acompanham uma Folia de Reis, elas não entendem o que é uma Folia de Reis, mas elas querem ver o palhaço, elas querem ver o palhaço dançando, dançando *marmelada*, elas querem isso! As crianças querem isso, elas não entendem o que é a bandeira ainda, aí

¹⁰⁷ Em algumas regiões também são conhecidos como bastião.

¹⁰⁸ Entrevista com Nilson Fernandes. Data: 14 de outubro de 2013.

depois as crianças vão pegando o fardado ali, e vão crescendo, vão crescendo e vão pegando amor naquilo ali, é onde ela continua!¹⁰⁹

Assim, esse contato entre fardados e as crianças permite que se reflita, seguindo as formulações de Martine Joly, que por vivermos em sociedade, desde a infância estamos rodeados de signos. Assim, esse reforço visual aos poucos passa a fazer parte do mundo cultural desses indivíduos (JOLY, 1996, p. 42).

Segundo o folião Dorival Ribeiro, a Folia de Reis deve ter dois palhaços, “um chamado Capitão e outro Coronel”. Eles representam os soldados de Herodes que, de acordo com Dorival, tinham como missão matar o menino Jesus, porém, chegando ao local, eles se ajoelharam e se comoveram, convertendo-se em seguida. Na volta, eles acompanharam os Três Reis Magos por outro caminho; para tanto, os soldados colocaram outras roupas e máscara, para andarem disfarçados, pois, caso fosse descoberta a falha da missão, seriam punidos. Os soldados começaram a ser chamados de palhaço devido ao fato de fazerem brincadeiras e danças durante o caminho de volta, quando acompanhavam os Reis Magos. De acordo com o folião Dorival Ribeiro, é devido a esse fato que a Companhia de Reis tem como norma ter dois palhaços, mas, algumas exceções são permitidas, como no caso de promessa, nesse caso, o grupo aceita mais de dois fardados.

“Mas porque os palhaços, tem Companhia que tem três, dois, quatro?” Porque na Companhia de Reis é o seguinte, muita gente, às vezes, quando alguma criança ou filho para estarem cumprindo uma promessa, então a Companhia nunca pode negar aquilo, de repente você olha numa Companhia de Reis tem quatro, cinco palhaços, mas a norma mesmo são dois palhaços! Eles falam palhaço porque já traduz uma brincadeira hora que está na farda, mas ele é um guardião de bandeira, ele é uma pessoa respeitada! Portanto ele está ali na frente, ele é responsável pela bandeira, que é a estrela da guia da Companhia, ela que guia a Companhia, então eu, para mim no meu entendimento, de tudo que eu pensei como, você falou, como que eu faço os versos, como o espírito santo colocou esses versos na minha mente, ele me colocou também o entendimento disso tudo!¹¹⁰

A partir dos depoimentos foi possível perceber que o fardado é um posto de muita responsabilidade dentro do grupo, pois ele é o encarregado de proteger a bandeira, elemento mais importante para a realização da Companhia de Reis. Todas as normas descritas pelo entrevistado são ouvidas por ele desde sua infância, período em que começou a acompanhar as Falias de Reis em Olímpia. Essas regras são passadas de pai para filho e são adaptadas de

¹⁰⁹ Entrevista com Arnaldo Luís Nardelli. Data: 18 de outubro de 2013.

¹¹⁰ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

acordo com a apropriação da narrativa bíblica sobre o nascimento de Jesus, havendo assim variação de grupo para grupo.

O fardado possui uma vestimenta específica e diferenciada dos demais foliões, sendo seu traje constituído de calça e camisa coloridas e floridas, com babados e bordados na gola e extremidades, como na manga da camisa e barra da calça, geralmente o tecido é chitão. O colorido das roupas garante de forma visual que o público distinguirá a diferença nas funções desse personagem para os demais (vestidos com camisa e calça jeans). Há também a máscara e a espada de madeira, chamada pelos foliões de facão. Esse conjunto de itens de vestimenta, muitas vezes é chamado de “farda”, e representa de forma caricata a figura do soldado romano.

Geralmente a farda é confeccionada de acordo com o gosto do fardado, assim ele se responsabiliza por ter sua farda, como bem aponta Dorival Ribeiro, que diz: “quando eu comecei na Companhia de Reis eu optei por fazer as minhas próprias fardas, eu mesmo eu fazia! Fiz dois jogos de fardas, um para sair durante o giro, o outro para a Chegada”¹¹¹. Segundo ele, as normas indicam que, quando o fardado resolve parar de sair com a Companhia de Reis, essa farda deve ser entregue à primeira Folia que o visitar, “na verdade você deveria fazer entrega, chega numa Companhia de Reis e fala que está fazendo uma entrega dessa farda”¹¹².

No entanto, toda Companhia sempre terá um jogo de fardas para emprestar caso o folião que vá se vestir de fardado não tenha a sua própria farda. Segundo Dorival Ribeiro, ele também já vestiu farda que não foi feita por ele, só que nesse caso, o tamanho pode ser um problema, pois “é o gerente da Companhia que manda confeccionar as fardas, aí ele faz uma maior, uma média, às vezes tem os fardados mirins, aí faz a farda mirim”¹¹³.

O folião Roberto José de Carvalho também interpreta que a cultura material (espada e máscara), ligada aos fardados, também é uma representação da figura dos soldados de Herodes que, segundo ele, usavam as espadas como armas e a máscara com barba é usada porque na época desse rei, os seus protetores eram “barbudos”. Após a entrevista, esse folião comentou que além de ler a Bíblia, acompanha todo ano os filmes bíblicos que passam na televisão durante a época de Natal. Assim, podemos fazer uma relação com esse imaginário do soldado romano veiculado pelo cinema com a interpretação do uso da barba como obrigatório, segundo a crença de Roberto.

¹¹¹ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

¹¹² Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

¹¹³ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

Aquela espada, aqueles palhaços lá, os vigilantes, significam os soldados de Herodes, naquela época a arma era espada, aquele facão, aquele símbolo de madeira significa a espada [...] A máscara é um símbolo, o fardado você vê aqueles soldados de Herodes eram todos cabeludos e barbudos, eles não eram que nem hoje de barbinha feita!¹¹⁴

Sendo assim, a máscara, na maioria das vezes é caracterizada por um rosto com barba e um chapéu com as mesmas cores da calça e camisa, a máscara é feita de lã de carneiro e couro seco curtido, conforme o gosto da pessoa. O facão é feito de madeira e pintado com diversas cores, na ponta há uma cera que serve para esse personagem pegar o dinheiro no chão em algumas situações dos rituais. Assim como a farda, esses elementos são produzidos tanto pelos próprios fardados quanto pelo gerente da Companhia. O modo de fazer e os materiais utilizados são bem elucidados no depoimento a seguir:

A máscara a gente procura a gente mesmo sempre fazer! Porque aí você tem que fazer na medida certa, mas a Companhia ela fornece, ela sempre dá, tem duas, três ou quatro máscaras! Mas às vezes você vai usar aquela máscara ela aperta a cabeça, outras ficam folgadas né! Então o certo, a pessoa que tem vocação e quer seguir dentro dessa devoção ele tem a farda dele, a máscara dele e o facão dele, é mais gostoso! Porque é só dele né! Então ele sai de casa, é que nem a pessoa quando vai trabalhar, se ele for carpir ele leva a enxada dele, então é por ai, é mais ou menos assim! [...] A máscara é com pelo, com lã de carneiro com o próprio couro bem seco, curtido, porque ele tem o cheiro forte! Você tem que ter um bom tempo já para você fazer, tem vários tipos, uns fazem tipo com arco de bambu, eu costume fazer, até hoje tem aquelas antenas que, tem aqueles ferrinhos redondos. Então você amassa aquelas pontinhas para fazer uma máscara, ela fica levinha porque é alumínio, inclusive a minha máscara é feita! Eu tenho a minha máscara e meu facão guardadinhos, aí aquela eu falei para minha esposa o dia que eu partir, que chegar uma Companhia de Reis coloca ali e fala com o mestre para que faça a *entrega* e entrega para ele levar embora! Mas enquanto eu estiver vivo não, aquilo é uma recordação que eu tenho guardado ali comigo! Tem umas que são afuniladas, feita afunilada, no caso da minha né! Outras eles fazem assim, tipo de um chapéu para pôr na cabeça, depois levanta os arcos separados. Tem vários tipos de máscaras, conforme o gosto da pessoa!¹¹⁵

Pode-se notar que as fardas e máscaras dos anos 1970 (imagem 18) e 2000 (imagem 19 e 20) são diferentes. Isso ocorre tanto pelo desgaste, quanto pela troca de foliões. Alguns palhaços usam a máscara que o gerente da Folia lhes oferece, outros preferem confeccionar ao seu gosto, como já fora citado. Especificamente quando presentes em dois ou mais, simulam lutas entre si de maneira descontraída, sempre pulando ou rolando pelas ruas animando o

¹¹⁴ Entrevista com Roberto José de Carvalho. Data: 17 de outubro de 2013.

¹¹⁵ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

público presente, como é possível visualizar nas imagens 18, 19 e 20, comentadas posteriormente.

Na imagem 18, produzida por Nadir Fernandes, em 1970, durante o caminho para a festa da “Chegada da Bandeira”, é possível visualizar que o ritual conta com a presença de quatro palhaços, três adultos e uma criança. Nesse caso, houve uma quebra da normalidade devido ao pagamento de promessas. Entretanto, essa presença de mais de dois palhaços ocorre apenas na festa de encerramento, assim, durante o giro tudo ocorre dentro das normas.



IMAGEM 18 – Acrobacias do palhaço a caminho da festa de chegada de Reis. Foto de Nadir Fernandes. 1970.

Já na imagem 19, produzida por Neide Fernandes durante as festividades do ano 2000, a Folia de Reis encontra-se na normalidade e tem em sua composição apenas os dois palhaços da Companhia.



IMAGEM 19 – Simulação de luta com os facões. Foto de Neide Fernandes. 2000.

Dentre os costumes da Folia de Reis, os fardados também desenvolvem o papel de comunicação com a dona ou o dono da casa durante as toadas, acerca de pedidos sobre: promessas, ofertas à folia, problemas familiares, doença, entre outros. As respostas dadas pelo dono da casa, eles encaminham ao embaixador que deve adequar as músicas e o ritual a essa ocasião. Faz parte das obrigações destes personagens recitar louvações, versos cômicos e comemorativos. Na imagem 20, também produzida por Neide Fernandes em 2000, há o registro da diversão que cabe a esses personagens, que envolve brincadeiras e danças interativas com as pessoas promovendo o elo entre o povo e a Folia.



IMAGEM 20 – Cambalhotas dos palhaços. Foto de Neide Fernandes. 2000.

De acordo com os costumes, é permitido prender o palhaço durante uma visita, seja em um quarto ou outro cômodo, contudo, este deve ter astúcia para não ser preso. Existem algumas maneiras de efetuar o aprisionamento desse personagem, uma delas é descrita pelo folião Dorival Ribeiro, que alerta que o palhaço, ao chegar à porta de entrada, deve ser cauteloso, deve parar, ultrapassar os limites da porta apenas com a cabeça, olhar acima do portal e perceber se há a presença ou não de uma flor com uma linha. Se ele entrar sem fazer essa verificação e o dono da casa desamarrar a flor, o palhaço será preso do lado de dentro da casa e a Companhia não poderá adentrar. Caso isso aconteça, o mestre deverá cantar até libertá-lo; assim, a presença da Folia de Reis na casa se estende por um tempo prolongado. Para que o palhaço não seja preso, ao avistar a flor, ele e a companhia deverão recuar e assim questionar o porquê da presença da flor no portal.

No depoimento, Dorival Ribeiro explica que existem outras muitas maneiras de prender o palhaço, como por exemplo, pegar seu facão ou fazê-lo sair de perto da bandeira, pois esta é a primeira função desse personagem, proteger a bandeira, ao deixar o posto de guardião, o fardado pode ser preso. Quando preso, o palhaço deve fazer tudo o que o dono da casa pedir, como lavar uma louça ou até mesmo latir e miar, isto seria um castigo por não estar atento às normas.

Se ele pegar seu facão e falar para você: “Me deixa ver seu facão e você entregar o facão para ele já era! Você está preso! Você vai ter que fazer tudo que ele pedir! Se ele te der uma enxada e falar para você carpir o quintal dele, você vai carpir o quintal dele! Não tem conversa! Outra coisa, se você estiver na sala e ele te chamar lá na cozinha e você for ele te prende lá! Você não pode ir lá, você não pode sair de perto da estrela da guia, da bandeira!”¹¹⁶

Quando o dono da casa prende o fardado em algum cômodo, ele deve estar ciente dos direitos que este personagem tem, pois ao ficar trancado ele pode fazer o que quiser, como desmontar a cama ou jogar todas as roupas pela janela. De acordo com Dorival Ribeiro, “o prejuízo dele vai ser grande! Ele sabe disso que, ele corre esse risco também!”¹¹⁷. Esse tipo de episódio é muito bem descrito pelo antigo folião Arnaldo Nardelli, que diz:

eu fiquei trancado, aí não tinha como eu sair, eu deitei na cama dele, eu comecei a abrir a gaveta do guarda roupa dele e comecei jogar as roupas da mulher dele por cima da casa e ele foi obrigado a abrir a porta para mim! Aí

¹¹⁶ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

¹¹⁷ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

meu sogro cantava para gente, para poder liberar a gente o mestre sempre cantava para isso!¹¹⁸

Ainda sobre os rituais em torno do palhaço, o senhor Dorival Ribeiro destaca que o devoto que geralmente fazia esse tipo de coisa, deveria conhecer e entender muito bem o que estava fazendo, caso contrário, ele poderia fazer a pessoa ficar ajoelhada por um bom tempo, como no trecho abaixo narrado por esse folião. Segundo os relatos dos foliões, essas práticas representariam diversas intenções, alguns apontam que isso castigava os foliões, que tinham que cantar por muito mais tempo, outros já apontam como apenas uma brincadeira da época. Contudo, os depoentes afirmam que esse tipo de prática não ocorre há muitos anos.

Então é umas coisas para quem entende, agora não adianta a pessoa querer fazer um negócio desse e não ter entendimento, porque pessoas tentaram fazer isso comigo por ver outros fazerem e não souberam fazer! O que é que eu fiz? Coloquei a pessoa de joelho no chão, aí coloquei ele de joelho no chão, eu me ajoelhei também, mas eu botei ele de joelho e pedi para o mestre cantar e ele querendo, pedia: “Vamos levantar!”. Eu falava que não! Que não era a hora ainda, entendeu? Então é uma coisa de mistério mesmo!¹¹⁹

Durante as entrevistas, os foliões citaram algumas restrições aos fardados, porém são histórias de tempos longínquos, pois no grupo abordado nunca foram vistas tais limitações a esse personagem. No depoimento de Sebastião Togneri é confirmada a tese de que esses costumes nunca fizeram parte da Companhia de Reis Fernandes, segundo ele, antigamente os palhaços não tiravam a máscara nem para comer ou comiam em cômodos separados.

Olha, hoje na hora de almoço e na hora do jantar tira a máscara. Antigamente não era assim não! Antigamente, meu sogro falava, também não é da nossa época, ele era lá do sertão, antigamente o palhaço não tirava a máscara nem para comer, os foliões estavam comendo aí ele ia lá ao quarto para comer lá! Ninguém via o palhaço, a cara do palhaço!¹²⁰

Hoje em dia, o fardado deve andar na rua com a máscara, no entanto, ao chegar na residência e visualizar uma imagem do menino Jesus, deve tirar sua máscara em sinal de respeito, assim como deve retirá-la também durante as refeições. Esse tipo de situação pode ser visualizado na imagem 21, produzida durante o giro do ano de 2010. Nessa ocasião, esse

¹¹⁸ Entrevista com Arnaldo Luís Nardelli. Data: 18 de outubro de 2013.

¹¹⁹ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

¹²⁰ Entrevista com Sebastião Togneri. Data: 08 de maio de 2014.

personagem não fez brincadeiras, apenas intermediou o diálogo entre o embaixador e a dona da casa, pois estava respeitando a representação de Jesus Cristo¹²¹.



IMAGEM 21 – Situação na qual o palhaço retira a máscara em respeito ao presépio. Foto de Pedro H. Victorasso. 05 de janeiro de 2010

Faz parte do ritual do palhaço fazer danças que demonstrem extrema habilidade, como por exemplo, a “marmelada”, na qual o fardado está sempre pulando para cima e para o lado de acordo com a batida da caixa, porém, cada folião vai ter seu estilo próprio de dança. O dinheiro recebido pelo fardado o pertence, mas, de acordo com o senhor Dorival Ribeiro, enquanto ele fazia essa função nunca segurou nenhum dinheiro, sempre doava para a festa, pois estava a serviço dos Santos Reis. Durante as danças, o fardado também pode receber como prêmio uma bebida que, no caso desse folião, sempre que presenteado com bebidas, as guardava como lembrança de quando estava servindo os santos.¹²² A “marmelada” acontece geralmente durante os intervalos da Companhia, entre a apresentação e uma refeição, quando o dono da residência oferece o dinheiro para assistir a performance do palhaço. Segundo Dorival Ribeiro,

¹²¹ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

¹²² Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

tem inclusive uma dança chamada *marmelada*, que a pessoa às vezes dá um dinheiro para o fardado, para o palhaço, e fala: Eu quero que você dance a *marmelada*! O que é uma *marmelada*? [...] Aí na hora da *marmelada* eu também gostava, eu fazia uma *marmelada* muito bonita, muito gostosa! Eu tinha uma saúde perfeita, hoje não, porque a gente nem farda veste mais, porque a gente tem problema de saúde já! Aí dificulta um pouco, não dá mais! Mas tem gente ainda que veste, mas a dança, cada um dança conforme gosta, só que tem que saber também o gingado da dança, porque a dança ela mostra muito gestos!¹²³

Em entrevista, o folião Dorival Ribeiro aponta que hoje em dia as pessoas não exigem como antes que o fardado dance e pule, mas, ele ressalta que se houver a dança, esta não pode ser composta por movimentos flexíveis para frente e para trás, pois isto simbolizaria algo ruim. Para ele, além de dançar, um bom fardado deve saber recitar uma bela louvação de presépio ou louvação de mesa nas devidas ocasiões.¹²⁴

Tem pessoas que, por exemplo, eu via na farda fazendo assim, dança de gesto, mas no gesto que não é apropriado para aquela ocasião, para aquele tipo! A dança sempre é uma dança pulando para cima e pulando para os lados, nunca fazendo movimentos flexíveis para trás e para frente, que dá um movimento estranho, movimento que é significativo, então a dança ela é essencial, ela tem que ter na farda, o fardado tem que fazer ela!¹²⁵

No decorrer deste texto, foram levantadas questões referentes às funções desenvolvidas pelos personagens da Folia de Reis, tanto antes como atualmente nota-se que as funções permaneceram as mesmas desde a fundação do grupo. No entanto, os rituais foram se alterando com o passar dos anos. De acordo com os relatos, nenhuma função nova foi criada, porém, quando o giro acontecia de forma ininterrupta na zona rural, existia o “macuco”. Esse folião não tocava instrumentos ou cantava, ele era responsável por carregar as prendas que a Companhia recebia durante o giro, pois nesse período os foliões andavam a pé.

Na época quando andava a pé tinha o que a gente chamava de macuco, era uma pessoa que a gente chamava de macuco! Ele que transportava tudo àquilo que ganhava que, era frango, às vezes leitoa, arroz, tudo que ganhava então o macuco que era responsável por aquilo! Ele que ia determinar o lugar para deixar, para depois ele ir pegar e trazer tudo pra cidade, ou então carregava nas costas! Que era tudo a pé, então hoje não existe mais o macuco! O macuco parou na Companhia de Reis por um motivo, que não anda mais a pé, só anda de carro, condução. Então tudo que arrecada vai pondo dentro!¹²⁶

¹²³ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

¹²⁴ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

¹²⁵ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

¹²⁶ Entrevista com Nilson Fernandes. Data: 14 de outubro de 2013.

Outra função desse integrante era o agendamento de almoços e jantares. Enquanto a Companhia de Reis se apresentava em uma casa na zona rural, o macuco saía na frente, andava pelas estradas de terra e combinava os pousos com os devotos, assim, ele retornava ao encontro do grupo e comunicava o trajeto combinado. Esse personagem deixou de existir a partir do momento em que, com a aquisição de automóveis, o giro passou a contar com carros que faziam o transporte dessas doações e também, com a transição do festejo para a cidade, os jantares passaram a ser combinados por telefone.

Sendo assim, ao longo dessas páginas foi possível notar que, mesmo sendo de caráter religioso, não há e nunca houve entre os responsáveis pelo desenvolvimento da Companhia de Reis, a presença de um sacerdote, pois os próprios membros do grupo são intermediários na comunhão com os Santos Reis ou representantes dos santos na vida terrena. Todavia, segundo a antropóloga Alba Zaluar, “a linguagem de qualquer sistema religioso, seja ele letrado ou não, é essencialmente simbólica e, portanto, tem significados implícitos ou inconscientes” (ZALUAR, 1983, p. 31-32). Nesse sentido, foi possível compreender quais são os personagens responsáveis pelo acontecimento da Folia de Reis, porém, resta ainda compreender todo um aparato simbólico que é representado por essa manifestação.

Portanto, para a continuidade deste capítulo, é necessário analisar a peregrinação da Companhia de Reis Fernandes assim como os seus elementos simbólicos. Nesse sentido, foram estabelecidas comparações entre os períodos cujo giro se desenvolveu na zona rural e posteriormente na zona urbana, para então se compreender as transformações nos rituais desse grupo.

3. 2 – A peregrinação e seus rituais - A cultura material e imaterial da Companhia de Reis Fernandes

A Folia de Reis é uma prática cultural complexa, com características do sagrado e do profano que, durante seus rituais carrega elevada carga simbólica. De acordo com Carlos Rodrigues Brandão, a “Folia de Reis é um exemplo privilegiado da complexidade de símbolos e de práticas do catolicismo popular” (BRANDÃO, 1981, p. 49). Nesse sentido, é necessário analisar os rituais e os símbolos que a compõem, a começar pela bandeira, elemento fundamental para a existência de uma Companhia de Reis, pois ela é a representação material das divindades.



IMAGEM 22 – A bandeira da Companhia de Reis Fernandes. Foto de Nadir Fernandes. 1970.

A bandeira faz parte da cultura material do grupo. Os rituais em torno dela podem ser vinculados à busca por qualidade de vida e purificação, estabelecendo assim uma ligação direta com o sagrado. Esse tipo de interpretação pode ser desenvolvido a partir da fala do embaixador Sebastião Togneri, que relata a prática comum de pendurar fotografias e fitas na bandeira (ex-votos), as quais, com o passar do tempo podem se desprender sozinhas. Nesse caso, é considerado que aquela promessa foi cumprida. Assim, esses elementos são jogados em água corrente, estabelecendo um contato direto com a natureza, ou seja, realizando um processo de purificação.

Aí é isso aí, a pessoa que faz a promessa coloca lá, se nós estamos andando no giro e alguma fita cair, nós não podemos colocar ela de volta na bandeira, porque ela é considerada que já foi cumprida aquela promessa dela, da pessoa que colocou! Então no caso daquela fita, o primeiro rio que nós passarmos, a gente joga ela rio abaixo, fotografia também, entendeu como que é?¹²⁷

Segundo os foliões, essa bandeira deve necessariamente ser pintada a mão, “porque para fazer a bandeira, a pessoa não faz um santo e coloca, tem que ser desenhado no tecido, não pode ser posto, tem que ser desenhado! Então é muito difícil a pessoa que faz isso hoje!”¹²⁸. Ao analisar a imagem 22, que foi produzida durante o giro de 1970, ou seja, nos

¹²⁷ Entrevista com Sebastião Togneri. Data: 08 de maio de 2014.

¹²⁸ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

primeiros anos da Companhia, cujas pessoas são desconhecidas, nota-se que o pano de fundo é branco, o que pode ser visto como uma representação de pureza, de paz. Porém, devemos reforçar a mistura de cores que atribui uma beleza ímpar a esta bandeira. Essa explosão cromática chama atenção das pessoas que a recebem durante as visitas, as inúmeras fitas coloridas e enfeites ressaltam o poder que esta representação espiritual tem para seus devotos, pois muitos destes enfeites são de promessas cumpridas.

De acordo com Martine Joly, esse tipo de análise também deve valer-se da interpretação das cores, da iluminação e das formas, assim, a percepção do historiador frente a essas fontes deve ser a percepção cultural, porém, talvez pareça mais “natural” que qualquer outra (JOLY, 1996, p. 100-101). Nesse sentido, devido ao contato com essa manifestação e seus costumes passa-se ao que Boris Kossoy (1989) chama de “filtro cultural”, pois com o conhecimento prévio sobre o assunto e outras experiências culturais constrói-se uma familiarização com o assunto, o que acaba por auxiliar sua interpretação de maneira mais verticalizada.

Na Companhia de Reis Fernandes, a bandeira é a mesma desde 1964 e, antes de sair para o giro, foi benzida em uma igreja. Nela há uma pintura dos Três Reis Magos como pedem as normas, mas também, hoje em dia nota-se que ela está completamente coberta de ex-votos, como se pode ver na imagem 23, o que faz com que ela seja considerada como uma bandeira que já concedeu muitos milagres. De acordo com a imagem e com o depoimento do embaixador Sebastião Togneri, compreende-se que essa bandeira é canhota, segundo o depoente, ela “não é que nem as outras, se você pegar normal você vai pegar errado, aí o santo vai ficar de frente para você e de costa para o pessoal!”¹²⁹



¹²⁹ Entrevista com Arnaldo Luís Nardelli. Data: 18 de outubro de 2013.

IMAGEM 23 – A bandeira da Companhia de Reis Fernandes. Foto de Pedro Victorasso. 2010.

Os foliões consideram a bandeira a guia do grupo, assim, durante as entrevistas, por diversas vezes essas pessoas se referiam à bandeira como “estrela da guia”. Sendo assim, essa é uma representação material dos Santos Reis, mas também, uma representação da estrela que guiou os três magos até o encontro de Jesus Cristo. Portanto, a bandeira é sempre levada à frente da Folia de Reis, uma das normas é que sem a guia eles não vão a lugar nenhum. Sobre esse simbolismo, Dorival Ribeiro explica que, a bandeira “chama-se estrela da guia. Por que estrela da guia? Porque os três Reis do Oriente estão estampados nela, que na época os próprios três Reis também tiveram uma estrela da guia, que guiou eles até onde o menino Jesus tinha nascido.”¹³⁰

Exposto isso, vale ressaltar que a Companhia de Reis Fernandes iniciou suas atividades devotas aos Santos Reis no ano de 1964, período no qual o município já possuía no perímetro urbano uma população superior à rural.¹³¹ Contudo, mesmo assim, o grupo fazia sua jornada durante o ciclo natalino apenas na zona rural. Esse tipo de situação acontecia devido ao fato da maior parte dos devotos dos Santos Reis, mesmo após a erradicação do café, ainda permanecerem nas colônias que estavam aos poucos se esvaziando.

Durante as entrevistas foi unânime a resposta, quando perguntado aos foliões sobre perseguições por parte das autoridades em Olímpia. Todos relatam que nunca tiveram problemas, apenas o folião Roberto José de Carvalho aponta que antigamente as Companhias de Reis não podiam cantar na cidade, pois precisavam de autorização, problema resolvido, de acordo com ele, pelo folclorista José Sant’anna: “Mas antigamente não podia cantar na cidade, precisava de autorização! Depois graças ao professor Sant’anna que organizou tudo, hoje não tem erro não! Antigamente não podia cantar na cidade, no meu tempo de menino, hoje pode!”¹³² De qualquer maneira, a partir dos depoimentos compreende-se que mesmo no período de proibição, esse grupo não sofreria perseguições por efetuar seu trajeto apenas na zona rural.

¹³⁰ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

¹³¹ De acordo com o memorialista olimpiense José Marangoni, no fim do ano de 1950 houve uma erradicação das lavouras cafeeiras no estado de São Paulo gerando grandes prejuízos para a economia do município de Olímpia, que estava em pleno desenvolvimento devido à produção agrícola. Em virtude da crise, houve aumento do desemprego e as colônias (vilarejos formados na zona rural) começaram a esvaziar, pois os trabalhadores, à procura de emprego, se mudaram para a zona urbana do município. Baseado nas estatísticas publicadas na época, o autor aponta que antes da erradicação do café, a população urbana era de aproximadamente 7.000 habitantes e a da zona rural 44.000, entretanto, o esvaziamento da zona rural ocorreu de maneira gradual.

¹³² Entrevista com Roberto José de Carvalho. Data: 17 de outubro de 2013.

Embora o giro ocorresse no perímetro campestre, a festa da Chegada da Bandeira quase sempre foi realizada na cidade, sendo assim, a filha de Celso Fernandes, dona Nadir Fernandes relata que para o transporte da carne dos animais recebidos como doação era necessária uma autorização expedida pela Prefeitura Municipal, caso contrário, essa carne poderia ser interdita. Porém, quanto a isso também não há nenhum relato sobre problemas.

Porque quando meu pai saía, então para ele, que ai buscava, tinha que matar as novilhas na fazenda, só que aí tinha que pegar esse papel, da prefeitura, para poder buscar, porque de repente, se vinha vindo com essa carne, no carro ou no caminhão, porque meu marido sempre teve condução, caminhão essas coisas, então ia matar lá no sítio, depois trazia. Então tinha que ter essa autorização da prefeitura, porque se o fiscal parasse, de repente pegasse um fiscal, então poderia ser interdita aquela carne porque estava sem autorização, mas sempre tinha lá do matadouro, que tinha antigamente o matadouro aqui em Olímpia. Então sempre tinha essa autorização, meu pai sempre levava junto!¹³³

Durante essa época, os foliões eram quase todos aposentados ou autônomos, o que facilitava deixar o emprego do dia de Natal e retornar apenas após o dia 6 de janeiro, dia dos Santos Reis. Esses homens saíam a pé, levando consigo apenas uma mochila com roupas e produtos de higiene pessoal. Também carregavam a bandeira, seus instrumentos e as prendas recebidas durante o giro. Apenas no caso de ganho de novilho eles voltavam, depois de encerrarem o giro, para buscar a doação.

Esse processo perdurou até o ano de 1999, pois nesse período o campo estava praticamente vazio, sobretudo devido ao plantio da cana-de-açúcar e à substituição de mão-de-obra humana por máquinas. A partir desse ano a peregrinação passou a ocorrer com maior intensidade no perímetro urbano, visitando apenas algumas casas nos sítios de antigos devotos que faziam questão de marcar com antecedência.

Porque nos sítios todo mundo foi plantando cana, foi acabando com o café, acabando com a lavoura, então o povo não tinha o que fazer no sítio e teve que vir para a cidade para poder sobreviver! Se eles ficassem no sítio não tinha o que fazer, então tinha que vender, foi saindo, o cara que tocava café foi arrancando foi obrigado a sair, então foi quando a cidade foi crescendo, crescendo e o sítio foi ficando sem ninguém.¹³⁴

Muitos foliões enfrentaram essa crise e tiveram que deixar sua roça para procurar emprego na cidade. Essa situação econômica é sentida pelos integrantes da Companhia, pois

¹³³ Entrevista com Nadir Fernandes. Data: 15 de outubro de 2013.

¹³⁴ Entrevista com Arnaldo Luís Nardelli. Data: 18 de outubro de 2013.

enquanto trabalhavam na zona rural faziam suas economias para saírem durante o giro. Hoje, devido às configurações do mercado de trabalho, eles não são mais autônomos e dependem de seus patrões para saírem com a Folia de Reis e, os autônomos ou aposentados também sentem as dificuldades impostas pela economia atual, o que impossibilita que eles parem de trabalhar por tantos dias.

Antigamente o povo trabalhava mais por conta, todo mundo tocava sua roça, serviço por dia, muito serviço por ano, mas quando chegava a época de Reis, porque naquela época nossa moeda valia, eu quando casei, quase cinquenta anos atrás, se eu pegasse uma semana de serviço minha eu comia quase dois meses, o dinheiro tinha valor! Hoje é diferente! Hoje pega um monte de dinheiro para você comprar pouquinha coisa!¹³⁵

Sendo assim, hoje em dia os foliões trabalham normalmente durante o giro e, após o expediente saem algumas noites durante a semana. O giro passou a se concentrar mais nos finais de semanas, mudança que os obrigou a iniciar as atividades antes do dia 25 de dezembro, rompendo as antigas normas do ritual, pois caso contrário, a festa da Chegada da Bandeira seria prejudicada pela redução de doações.

E fica muito difícil, igual o nosso embaixador, então ele tem o compromisso dele, ele trabalha para as Lojas Amarelinhas, então, às vezes, ele viaja para cidades fora, a gente tem que esperar ele chegar, às vezes a gente combina de sair às 17h00, a gente acaba saindo às 18h00! Vai encurtando o tempo, ficou com mais dificuldades para sair sim nesse termo!¹³⁶

O relato acima retrata bem essas dificuldades atuais enfrentadas pelos foliões durante o giro. Assim, antigamente eles sofriam pelos percalços durante o percurso na zona rural, já hoje em dia, esses senhores sofrem pelo cansaço, pois, pouco descansam durante os dias do giro. Mesmo alguns que notavelmente têm problemas de saúde fazem questão de continuar essa missão que, ainda que com algumas mudanças mantém um sentido de penitência.

O êxodo rural foi sentido pelos foliões, todos eles, sem exceções, apontam que a mudança do giro para a cidade se deveu ao esvaziamento das colônias rurais. Todos destacam também a influência econômica nessa transição, pois antes os fazendeiros precisavam de muitos colonos para trabalhar nas roças de café e de laranja, assim, com a substituição dessas culturas pela cana-de-açúcar e a consequente mecanização do campo, esses devotos também saíram da zona rural para tentar a sorte na cidade.

¹³⁵ Entrevista com Roberto José de Carvalho. Data: 17 de outubro de 2013.

¹³⁶ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

Os entrevistados apontam que antigamente os devotos estavam em sua maioria nas casas de fazendas, como hoje não há quase mais ninguém, eles praticamente não vão à zona rural. No entanto, os foliões deixam claro que mesmo o giro acontecendo quase que integralmente na cidade, se houver um ou dois devotos que solicitem sua visita, eles se deslocarão até lá, pois essa é a missão deles. O depoimento a seguir ilustra o que foi apontado neste parágrafo.

Porque na zona rural de primeiro, você chegava à colônia, você para cantar naquela colônia, você levava o dia inteiro agora você anda aí quatro, cinco fazendas, você acha um morando na fazenda! Não adianta, tem de ir onde está o povo! Cantar para poder arrecadar, porque se você para em um canto não dá a festa!¹³⁷

A mudança de espaço da festa gerou algumas variações nos rituais, como será elucidado ao longo do texto, porém é necessário destacar que o falecimento do fundador do grupo, senhor Celso Fernandes, também foi um catalizador dessas transformações. Após sua morte, o antigo gerente, seu filho Nilson Fernandes assumiu a gerência da Companhia e seu genro Sebastião Togneri passou a assumir a função de embaixador, dando, assim, continuidade às atividades da Folia de Reis.

A encenação da jornada dos Três Reis Magos é parte integrante do ritual, sendo assim, os foliões reúnem-se todos anos com a intenção de representar essas divindades, visitando casas em fazendas e na cidade com o intuito de anunciar o nascimento de Jesus, com música e celebração. A jornada é também chamada de giro, devido ao trajeto, segundo o qual os foliões dão início e finalizam a viagem no mesmo local (a casa do gerente), fazendo menção a um movimento circular. Nesse percurso, o grupo recebe doações de alimentos e dinheiro, que são utilizados na festa da Chegada da Bandeira que acontece, desde a fundação do grupo, sempre no primeiro sábado depois do dia 6 de janeiro.

Enquanto a Companhia de Reis Fernandes saía para a peregrinação na zona rural e o embaixador era o senhor Celso Fernandes, o grupo tinha como costume fazer o trajeto saindo da direção leste para chegar ao oeste, entre os dias 25 de dezembro e 6 de janeiro, para que assim completassem o giro e voltassem para suas casas. Os foliões cantavam no dia de Natal, rezavam o terço, cantavam e faziam uma coreografia que eles chamam de meia-lua, em seguida saíam para as fazendas. Nesse período eles andavam a pé, sem hora para almoçar ou dormir, pois dependiam do “macuco” para agendar seus pousos.

¹³⁷ Entrevista com Sebastião Togneri. Data: 08 de maio de 2014.

De acordo com Dorival Ribeiro, havia dificuldades durante o giro antigamente, mas o sofrimento deles era com prazer, pois eles tinham como exemplo Jesus Cristo, que sofreu para um bem maior. Dorival explica que “você sai numa Companhia de Reis, nós passávamos em atoleiro, vaca corria atrás, mas aquilo tudo era gostoso, porque nós estávamos servindo aos três Reis Santos! Porque é o que os três Reis fez pelo menino Jesus, o nosso criador!”¹³⁸ Nesse sentido, as barreiras encontradas também eram uma maneira de simbolizar o caminho percorrido pelos Santos Reis.

Segundo o embaixador Sebastião Togneri, seu sogro era bem rígido com as práticas e rituais e tudo deveria ser segundo as normas. No depoimento de Sebastião, se torna evidente o caráter de penitência que permeava essa Folia de Reis, mas, apesar das dificuldades, para ele era recompensador:

E o meu sogro tinha isso, nesses onze dias ele não deixava tomar pinga, nem voltar em casa, era direto, só voltava dia 06! Ele não deixava nós tomarmos banho, não deixava nós fazermos a barba, lavar roupa não tinha jeito, então nós voltávamos daquele jeito! Era difícil! Mas era gostoso! Nós sofríamos muito! Mas era bom!¹³⁹

Durante esse período também nota-se que havia uma maior integração entre foliões e devotos, pois os membros da Companhia dormiam nas fazendas e após suas apresentações sagradas havia um jantar, seguido de modas de viola e catiras, prática que se perdeu nos dias de hoje, pois os foliões voltam todas as noites para suas residências. Segundo o folião Roberto José de Carvalho, no dia seguinte, ao acordarem seguiam adiante com a peregrinação.

Só que não tinha horário previsto para chegar, geralmente era 20h30, 21h00, aquele tempo ninguém usava esse horário de verão do povo da roça, nós cantávamos, às vezes ficava até tarde depois da janta, o povo batia catira, moda de viola e depois ficava até as tantas! No outro dia acordava de manhã, cada um saía para um canto ali, escovava os dentes, lavava o rosto, penteava o cabelo, jogava a toalha, porque todos os foliões têm que ter a toalha, geralmente, essas últimas Companhias não têm dado, enxugava o rosto e cantava a música de despedida!¹⁴⁰

As principais situações de rituais desenvolvidas durante o giro da Companhia de Reis em análise são: saída da bandeira, giro de visita, pouso de almoço, pouso de jantar, retirada da bandeira, “canto para o falecido”, homenagem a folião falecido e pôr fim a “Chegada da Bandeira”, com direito à festa aberta a toda comunidade. Com menor frequência, pode

¹³⁸ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

¹³⁹ Entrevista com Sebastião Togneri. Data: 08 de maio de 2014.

¹⁴⁰ Entrevista com Roberto José de Carvalho. Data: 17 de outubro de 2013.

acontecer o encontro de duas Companhias durante o giro. Esse tipo de encontro gera também algumas práticas rituais. Para uma melhor compreensão, cada uma dessas situações será elucidada de acordo com os depoimentos, fotografias e anotações produzidas durante o acompanhamento dos giros dessa companhia entre os anos de 2010 e 2014, muitas vezes em comparação com a peregrinação realizada antigamente na zona rural.

Ao presenciar uma cantoria da Folia de Reis percebe-se a combinação quase perfeita das vozes e dos instrumentos, porém, há de se destacar que o grupo ensaia poucas vezes antes de sair para o giro, apenas para entrosar as vozes e conversar sobre a peregrinação do ano. Para Sebastião Togneri, “do jeito que está agora a Companhia, a gente faz um ensaio na véspera da saída sabe?”¹⁴¹ Isso se dá, pois a maioria dos foliões tocam e cantam juntos há anos, assim, dispensam muitos ensaios devido ao certo entrosamento que já possuem.

De acordo com depoimentos, antes de saírem, a bandeira que ficou durante o ano todo no altar na casa do gerente da folia é retirada para iniciar um novo giro. Esse ritual não é muito complexo, mas faz-se necessária a presença do festeiro.

No tempo em que o giro acontecia integralmente na zona rural, era comum a reza do terço para a saída da Companhia e também na Chegada da Bandeira. Quando o grupo partia para a peregrinação no dia de Natal, ao meio-dia era rezado o terço, logo após os foliões saíam rumo às estradas de terra do município. Porém, a reza do terço não se limita apenas a essas datas, pois no caso de, durante alguma visita um devoto por promessa solicitar a reza de um terço, esta é prontamente realizada.¹⁴²

No giro de visita, a Folia de Reis passa de casa em casa arrecadando ofertas e prendas, que vão de simples quantias até doações de bois, carneiros e porcos. Todos os donativos são revertidos para a festa, que ocorre sempre no primeiro sábado após o dia 6 de janeiro (dia de Santos Reis). O grupo passa de porta em porta e, em algumas casas as pessoas aceitam apenas a bandeira. Em outras casas, de devotos ou não, é permitida a entrada da Companhia para que ela possa se apresentar. Ao entrar na casa, de acordo com o que for visualizado (presépio, imagens de santos, árvore de natal) são criados os versos, de maneira improvisada, mas sempre na mesma toada. Se a casa tiver um presépio, o mestre canta louvando todos os personagens que o compõe, em algumas situações essa apresentação pode ser longa. Durante a canção é pedida alguma esmola e após o agradecimento, o palhaço pede que a dona da casa leve a estrela da guia (a bandeira) até a porta. Também é possível notar que, durante o giro os

¹⁴¹ Entrevista com Sebastião Togneri. Data: 08 de maio de 2014.

¹⁴² Entrevista com Sebastião Togneri. Data: 08 de maio de 2014.

foliões se abstêm de seus vícios, mas após cumprir suas obrigações sagradas, eles podem voltar a beber e fumar.

É muito comum ouvir relatos sobre problemas com bebidas nas Companhias de Reis, contudo, no grupo abordado pela pesquisa desde sua fundação foram instituídas regras rígidas em relação a bebidas. Como apontado anteriormente, Celso Fernandes era um homem muito exigente, assim, enquanto ele foi embaixador durante o giro era proibido qualquer bebida alcoólica. Todavia, após seu falecimento, algumas regras foram flexibilizadas, então, as bebidas são aceitas após as apresentações e com a condição de serem controladas pelo embaixador, que divide uma pequena porção para cada um. O embaixador Sebastião Togneri diz: “Aí então eu pego uma xícara só para todo mundo, não tem esse negócio de uma xícara para cada um não, pego uma xícara e dou um pouco para cada, acabou lá eu falo para você guardar.”¹⁴³

Embora tenha ocorrido essa mudança em relação ao álcool, ainda é fato que nesse grupo não se aceita que um folião se apresente ou fique embriagado durante o giro. O folião Roberto José de Carvalho, de forma irreverente, responde sobre as bebidas durante a peregrinação da seguinte maneira: “Não pode embriagar! Mas tomar pouco pode! Se o álcool alegra o coração do homem e na bíblia sagrada está escrito ué!”¹⁴⁴

Em algumas situações, os devotos oferecem refeições ao grupo como uma promessa ou agradecimento por graça alcançada. Nesse caso, a folia é avisada com antecedência. Quando é o caso de almoço, a folia faz a refeição e continua o giro, mas no caso da janta, a companhia deixa para encerrar o dia no pouso combinado. Durante a apresentação nessas residências é cantada a seguinte toada:

Pedido de pouso e jantar

Transcrita por: Pedro Henrique Victorasso

Os Três Reis vem viajando oi ai
Ai vem na casa ele chegou oi ai ai ai
Na casa ele chegou âââ

Ele vem lhe visitar oi ai
Ai ao senhora e o senhor oi ai ai ai
Senhora e senhor âââ

Abençoa vossa casa oi ai
Ai que nunca falte o pão oi ai ai ai
Que nunca falte o pão âââ

¹⁴³ Entrevista com Sebastião Togneri. Data: 08 de maio de 2014.

¹⁴⁴ Entrevista com Roberto José de Carvalho. Data: 17 de outubro de 2013.

Eu mandei pedir uma janta oi ai
 Ai ei pra doze foliões oi ai aiai
 Pra doze folião âââ

A bandeira lhe pede poso oi ai
 Ai ai os três reis vai descansar
 Três reis vai descansar âââ

Eu lhe entrego ela agora oi ai
 Ai ai amanhã venho buscar
 Amanhã venho buscar âââ

Com licença do senhor oi ai
 Ai meu fardado descansar oi ai aiai
 Fardado descansar âââ

Com licença da senhora oi ai
 Ai ai viola vai parar oi ai aiai
 Viola vai parar âââ

Pai e filho espírito santo oi ai
 Ai ai de deus amem

Palhaço: Viva Deus primeiramente!!!
 Viva os Três Reis do Oriente!!!
 Viva a patroa com a bandeira na mão!!!
 Viva essa bonita união!!!
 Viva eu e os folião!!!

Nesse momento, a folia encerra as cantorias e o dono da casa guarda a bandeira, a máscara do palhaço e o facão, que permanecerão na casa até o próximo dia. Antes do jantar, geralmente o palhaço faz uma louvação na mesa de refeição, louvando tudo que nela estiver, como também, quem preparou a comida. Sobre a louvação de presépio, ou de mesa de almoço ou jantar, ou alguma homenagem, o folião Dorival Ribeiro diz que “até ele fica surpreso com as suas falas, porque isso vem do espírito santo”. Segundo ele “isso aparece na cabeça sem que ele tenha a menor ideia de que vai acontecer e ou fazer”¹⁴⁵. Hoje em dia, após o jantar, os foliões retornam para suas casas, diferentemente da prática corrente no passado em que esse momento era dedicado às modas de viola e a dançar catira.

Percebemos que as bases das rimas tanto nas canções quanto nas louvações se mantêm as mesmas, porém há uma variação de acordo com os pedidos da família e dos elementos visualizados por esse cantor ou orador. Durante o canto de “Pedido de pouso e jantar”, o embaixador dialoga a partir da música com a dona da casa. Ele se apresenta como um representante dos Três Reis Magos, que estão ali no caminho de sua viagem, cujo destino

¹⁴⁵ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

final é o encontro com Jesus. Nesse sentido, toda a oração em forma de música direciona os pedidos e agradecimentos aos santos, que ficarão encarregados de levar essas preces até Deus.

A retirada da bandeira da residência de pouso de jantar acontece no dia seguinte, para que a folia prossiga com sua jornada. Para essa situação, a folia possui um ritual específico, no qual o grupo se posiciona em frente ao local e o palhaço pede licença à dona da casa para entrar. A folia inicia sua toada com o mestre cantando versos referentes à Santíssima Trindade. Em seguida, agradece a dona da casa por ter aceitado que a bandeira permanecesse em seu lar e ainda em versos, pede para que se traga a bandeira ao local. Com a chegada da bandeira, o palhaço se ajoelha e a beija, em reverência. O mestre prossegue desejando graças no caso de algum pedido ou promessa por parte da dona da casa, e por fim, agradece-lhe os alimentos oferecidos aos foliões. O palhaço pergunta se a folia pode cantar a música de despedida para que os mesmos prossigam no seu giro. Durante essa apresentação, o mestre canta os seguintes versos:

Retirada da bandeiro no pouso de janta

Transcrita por: Ronaldo Matos¹⁴⁶

Pai e Filho e Espirito Santo oi ai (2x)
 Tem obrigação divina ai ai ??
 Obrigação divina ai oh (tala)??
 Senhora dona da casa (2x)
 Filha da Virgem Maria ai ai
 Fia da Virgem Maria ai oh (tala)??
 Quela é a nossa guia ai ai
 Ela é a nossa guia ai oh (tala)
 Deus lhe pague o favor oi ai (2x)
 O dobro ocê receba ai ai
 Dobro ocê receba ai oh (tala)
 Oh que mão abençoada ai ai (2x)
 Que pegou nossa bandeira ai ai
 Pegou nossa bandeira ai oh (tala)
 O Cristo te abençoe oi ai (2x)
 Dê saúde a vida inteira ai ai
 Saúde a vida inteira ai oh (tala)
 Vá pegar nossa bandeira oi ai oh (2x)
 Não precisa imaginar ai ai
 Precisa imaginar ai oh (tala)
 A promessa que vois feiz ai ai (2x)
 Aos treis reis nois vai levar ai ai
 Treis reis nois vai levar ai oh (tala)

¹⁴⁶ Ronaldo Aparecido Matos é graduado em música pela UEL e mestrando em Etnomusicologia pela Unesp-São Paulo, desenvolve a pesquisa intitulada “A Companhia de Reis Fernandes e seus cantos: Sentidos, diversidades e variações (Olimpia/SP 2014-1016)”, trabalho no qual a Companhia de Reis abordada é a mesma de nossa pesquisa. O contato com esse profissional foi essencial para troca de informações e um melhor conhecimento sobre questões relacionadas à música nas Folias de Reis.

Deus lhe pague o abrigo ai ai ai
 A toalha que forrou ai ai ai ai (2x)
 A toalha que forrou ai ai oh (tala)
 Deus lhe pague o copo d'água ai ai ai ai
 Deus lhe pague suas colher ai ai ai ai
 Deus lhe pague suas colher ai ai oh (tala)
 Deus lhe pague o pó no bule ai ai ai ai
 Suas xicra e seu café ai ai ai ai
 Suas xicra e seu café ai ai oh (tala)
 Deus lhe pague o alimento ai ai ai ai
 E a cada pão que feiz ai ai ai ai

Versos declamados pelo palhaço

Viva a Deus primeiramente!
 Viva os Treis Reis do Oriente!
 Viva o Menino Deus!
 Viva Nossa Senhora Aparecida
 Viva todo Santo de salão!
 Viva a Arvore de Natal!
 Viva a patroa com a bandeira na mão!
 Viva eu e todos fulião!

No “canto de retirada da bandeira”, os foliões vão buscar o elemento mais importante para a continuidade de seu ritual e, em versos, o embaixador faz menção a santos católicos, possivelmente pelo fato da família visitada possuir imagens no interior da casa. Em seguida, após agradecer os alimentos e a doação recebida, os foliões cantam reforçando o pedido daquela pessoa aos santos e garantem que àquela família tudo será dado em dobro pelas divindades.

Em alguns casos, a dona da casa pode pedir o “canto para falecido” em homenagem a algum parente. Vale ressaltar que, no caso de o dono da casa solicitar alguma canção específica, é preciso que se pague uma nova oferta. No caso do “canto para falecido”, especificamente, o dinheiro é deixado no chão e o palhaço pega com a ponta do facão. Na execução desse canto, a dona da casa se ajoelha juntamente com o palhaço e permanece até que, ao final dos versos, o mestre da folia dê a permissão para que eles possam se levantar. Quando há mais de um palhaço, eles cruzam o facão durante o ritual, pode-se perceber que esse movimento tem como intenção representar a cruz, símbolo sagrado para os cristãos. Nota-se que durante a execução não há presença dos instrumentos de percussão (meia-lua, pandeiro e bumbo), devido ao caráter póstumo da toada. Quando este canto é solicitado, a folia por respeito ao falecido, não pode mais tocar. Nesse caso, não há a música de despedida. O dinheiro recebido pelo canto, assim como toda a arrecadação, é destinado à festa de Chegada da Bandeira.

Canto para o falecido

Transcrito por: Ronaldo Matos

Ai Deus Ah como é doido oi ai
 Pra canta pro falecido oi ai
 Pra canta pro falecido ai oh (tala)
 Tantos ano aqui viveu oi ai
 Nessa hora separado oi ai
 Nessa hora separado ai oh (tala)
 Tudo o que Deus faiz é bão oi ai
 Vois precisa conformar ai ai
 Vois precisa conformar ai oh (tala)
 A senhora vai dormir ai ai
 Não precisa imaginar oi ai
 Não precisa imaginar ai oh (tala)
 As almas dos seus finado oi ai
 Com o Senhor aos céus estará ai ai
 Com o Senhor aos céus estará ai oh (tala)
 Faça o sinal da cruz oi ai
 Pois já pode alevantar oi ai
 Pois já pode alevantar ai oh (tala)
 Vai olha aqui meu guardião oi ai
 Escute o que eu vou falar ai ai
 Escute o que eu vou falar ai oh (tala)
 Já fizeste obrigação oi ai
 Pois já pode alevantar oi ai
 Pois já pode alevantar ai oh (tala)

Assim como em todos os outros cantos, esse tem como intenção levar essas preces até as divindades, para que elas garantam uma boa pós-morte a esses parentes falecidos.

Outra situação que pode acontecer durante o giro é o encontro de duas folias na mesma rua, ao acaso. Esse tipo de fato é muito comum na cidade de Olímpia, devido ao número elevado de Folias de Reis. Segundo o senhor Dorival Ribeiro, “quando isso acontecia antigamente eram três horas de música sem parar, porque na época todo mundo era entendido”¹⁴⁷. Assim, quando uma companhia cantava um verso, a outra tinha que cantar respondendo, deste modo, se levava muito tempo para encerrar a cantoria. De acordo com o folião Nilson Fernandes, gerente da folia, antes os fardados chegavam até a brigar de verdade e em alguns casos um grupo levava a bandeira do outro¹⁴⁸. Portanto, o mestre tinha que entender bastante sobre os rituais, pois nesse caso evitava qualquer problema. No entanto, hoje em dia é muito mais cordial, “quando há o encontro as folias realizam uma troca de

¹⁴⁷ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

¹⁴⁸ Entrevista com Nilson Fernandes. Data: 14 de outubro de 2013.

ofertas, beijam a bandeira um do outro em sinal de respeito, cantam um verso ou outro, os foliões se cumprimentam e está tudo certo para seguirem com o giro”.¹⁴⁹

Esses rituais relatados ocorrem com frequência até o dia 6 de janeiro. Nessa data, o grupo faz o último dia de giro, que é esperado ansiosamente por muitas residências, pois é dia dos Santos Reis. Quando se aproximam as 21h00 é iniciado um terço em homenagem aos santos, geralmente na casa de algum devoto mais antigo. Após o terço, os foliões se deslocam para a última casa de pouso para jantar. Sendo assim, ao fim dos rituais, a bandeira seguirá protegida pelo dono da casa até o próximo sábado, dia que marca a chegada da bandeira e fim do giro. Caso algum folião ou colaborador da folia (churrasqueiro ou cozinheira) falecer durante o ano, antes dos rituais da “Chegada da Bandeira”, são prestadas homenagens ao folião falecido. Na chegada do dia 15 de janeiro de 2011 houve uma homenagem a um folião falecido que havia sido fardado por muitos anos e, mesmo após deixar de ser fardado, ajudava todo ano como churrasqueiro. Vale citar o desenrolar desse ritual, assim como visualizá-lo na imagem 24.



IMAGEM 24 – Homenagem ao folião falecido antes do início da chegada da bandeira. Foto de Pedro Henrique Victorasso. 15 de janeiro de 2011

Antes dos tradicionais arcos de bambu havia uma foto do folião, uma farda de palhaço, um avental, uma tábua, um espeto e uma faca de churrasco (imagem 24). Os músicos pararam de tocar seus instrumentos e os fardados pediram licença, se ajoelharam, tiraram a máscara e cruzaram os facões (assim como durante o canto para o falecido). Inicia-se a toada, com uma

¹⁴⁹ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

música saudando o folião para sua família. Os palhaços permanecem ajoelhados, quando vai se aproximando o fim da cantoria, eles descruzam os facões, pegam as máscaras e se levantam. A família do falecido fica à frente dos arcos e recebe uma homenagem, no caso, uma louvação feita pelo palhaço Dorival Ribeiro que depois inicia uma oração de “Pai Nosso” em conjunto com todos os presentes. Após essa situação, as peças que estavam no chão são levantadas e mostradas para as pessoas e, em seguida, entregues à família. Ao final desse ato solene é iniciada uma salva de palmas. Depois, o fardado pede licença ao festeiro para assim poder iniciar os rituais referentes à Chegada.

O último ritual que compõe a jornada da companhia é a festa da “Chegada da Bandeira”. No primeiro sábado após o dia 6 de janeiro, durante o período da manhã que antecede o festejo, a mobilização entre os foliões é geral para os preparativos da chegada. Nota-se a presença dos foliões e seus familiares, assim como dos vizinhos do bairro. Os homens assam toda a carne recebida como doação e guardam em grandes isopores. As mulheres preparam outras comidas, como a farofa e a mandioca. Elas decoram os instrumentos, confeccionam a coroa do festeiro e retocam as fardas, mas, também são responsáveis pela decoração do salão, preparando os três arcos e pendurando as bandeirinhas coloridas.

No período da tarde, os foliões executam a retirada da bandeira do pouso, da mesma maneira que fora citado anteriormente. Após retirar a bandeira do pouso, a folia se desloca para a casa do gerente, onde executam um rápido ensaio. Assim, começam a tocar, todos vestidos com camisas iguais, com uma flor na lapela, lenços nos ombros e instrumentos todos decorados com fitas coloridas e flores. Depois do ensaio, antes de sair da casa, o grupo faz uma coreografia simples chamada caracol e sai em direção ao local da festa, que desde o falecimento de Celso Fernandes tem acontecido no salão de festas da Igreja da comunidade, antes disso, ela acontecia na casa da família do gerente.

Vale ressaltar que, desde o início da Companhia de Reis Fernandes, a festa da Chegada da Bandeira sempre foi realizada na cidade, com exceção de algum festeiro que fazia questão de levar essa festa para a sua fazenda. Porém, segundo relatos dos foliões quase todas as festas foram realizadas no bairro Jardim Paulista.

Durante o trajeto, a companhia é acompanhada por várias pessoas do bairro, os foliões seguem andando e tocando seus instrumentos, sem cantar; já os palhaços dançam e soltam gritos, brincando com as crianças e simulando lutas. A imagem 25, fotografada por Nadir Fernandes, em 1970, evidencia um verdadeiro desfile durante o trajeto até o local da festa. Nessa época, a caminhada mantinha a seguinte formação: à frente duas crianças segurando

uma faixa com o nome do grupo, em seguida vinha a bandeireira segurando a bandeira do grupo, logo atrás estavam os palhaços seguidos por três homens que representavam os Magos do Oriente e, por último, vinham os cantores e instrumentistas, respeitando a hierarquia já mencionada.



IMAGEM 25 – “Chegada da Bandeira”. Foto de Nadir Fernandes. 1970.

Do ano de 2000, a imagem 26, fotografia tirada por Neide Fernandes durante a mesma festividade, aponta para uma variação nesse ritual, pois os representantes dos três Reis Magos não acompanhavam mais o grupo durante o desfile, mas esperavam no primeiro arco de bambu. Percebemos que essa Companhia sempre foi preocupada com a estética do festejo, visto que em ambos os períodos nota-se uma preocupação com a decoração e vestimenta de personagens bíblicos que, embora não acompanhem o grupo durante o giro, fazem parte da história encenada.



IMAGEM 26 – Representações dos três Reis Magos na chegada da bandeira. Foto de Neide Fernandes. 2000.

A partir de 2010 foi possível acompanhar esse ritual. Nesse sentido, a descrição a seguir é referente a anotações produzidas durante o acompanhamento da “Chegada da Bandeira”, de 09 de janeiro de 2010. Nessa ocasião, com a chegada da Companhia ao local da festa, houve muita comemoração e rojões. O grupo encontrou à frente dos arcos o festeiro, que usava uma coroa e, atrás dos arcos ficavam três homens vestidos de Magos do Oriente.



IMAGEM 27 – Os três arcos de bambu. Foto de Pedro H. Victorasso. 09 de janeiro de 2010.

Vale ressaltar que os arcos de bambu (imagem 27), que sempre são vistos na “Chegada da Bandeira” da Companhia de Reis Fernandes, também são dotados de significações. Como é possível notar na fotografia tirada antes do início das festividades, no dia 09 de janeiro de 2010, esses arcos são colocados à frente do portão do salão e são decorados com bandeirinhas coloridas. Segundo o relato do folião Dorival Ribeiro¹⁵⁰, estes arcos são muito importantes por serem considerados representações dos pontos cruciais da viagem dos Reis Magos. Explica ele que o primeiro arco remete a quando os três Reis se encontraram, no local que ele chama de Campo Celeste. Diz ele que o primeiro arco significa a primeira estação, onde se encontraram pela primeira vez e pegaram o caminho juntos. O

¹⁵⁰ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

segundo arco remete à segunda estação, quando chegaram ao encontro de Herodes. Ali foram alimentados e receberam o pedido para que encontrassem o menino e o avisassem sobre o local para que ele também pudesse adorá-lo. O terceiro e último arco representa Simeão (personagem bíblico), que só pediu a morte quando pegou o menino Jesus nos braços, dizendo que após reconhecer o novo rei e salvador do mundo poderia morrer em paz, foi nesse momento que os três Reis chegaram e fizeram a adoração e entrega dos presentes. “Simeão estava presente e recebeu os Magos”.¹⁵¹ Essa interpretação elaborada por Dorival Ribeiro reforça o que já fora mencionado anteriormente que, muitas das significações empregadas nos símbolos e rituais desse grupo são retirados de episódios bíblicos. Nesse caso específico, pode-se apontar que o personagem bíblico Simeão não está presente no texto escrito por São Mateus sobre os Magos do Oriente, mas, esse personagem aparece no livro de outro apóstolo, São Lucas, em outro texto sobre o nascimento de Jesus. Vale ressaltar que essas versões não são complementares e que os magos aparecem apenas no texto do já mencionado autor, porém, na apropriação feita por essa Companhia há uma fusão dessas narrativas sobre o nascimento de Cristo.

Prosseguindo, assim que o grupo chegou aos arcos, eles fizeram uma coreografia simples, na qual em duas filas separadas, os foliões fazem um caracol e se encontram novamente ao chegarem em frente aos arcos. Nesse momento, os palhaços chamam pelo festeiro e pedem licença para iniciar a chegada, após ter a licença concedida, inicia-se o ritual.

Os foliões iniciam uma toada, enquanto a bandeira é passada para as mãos do festeiro. A folia canta versos sobre o nascimento de Jesus, em seguida, o fardado inicia a saudação ao primeiro arco. Após terminar, o palhaço toma a frente e conversa com o festeiro em nome da Companhia pedindo para prosseguir para o próximo arco (imagem 28). Mas, antes de seguir para o próximo arco, os palhaços precisam conferir se o caminho está seguro. Nesse momento eles usam seus facões para cortar o barbante com bandeirinhas que fechava a passagem e batem nos arcos (antes do início da festa, o festeiro esconde notas de dinheiro e balas nos arcos) (imagem 29). Depois de encontrar as notas de dinheiro e balas escondidas nos arcos, o palhaço saúda a todos com vivas e a folia segue andando na mesma formação. Na chegada ao segundo arco, se inicia uma nova toada, a situação se repete nos dois próximos arcos, porém com versos e louvações diferentes.

¹⁵¹ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.



IMAGEM 28 – Diálogo do palhaço com o festeiro durante a chegada da bandeira. Foto de Pedro H. Victorasso. 09 de janeiro de 2010.



IMAGEM 29 – Momento em que os palhaços procuram balas e notas de dinheiro escondidas no arco. Foto de Foto de Pedro H. Victorasso. 09 de janeiro de 2010.

Ao passar pelos três arcos, os foliões chegam a um altar (com imagens de santos, de pessoas falecidas e flores), que tem ao lado um presépio vivo, com pessoas representando a família sagrada (imagem 30), assim como as pessoas vestidas de Reis Magos. Os palhaços tiram suas máscaras e ajoelham-se diante do menino Jesus. Nesse momento, os foliões começam uma nova toada, fazendo uma louvação. Durante todo o ritual, o festeiro segura a bandeira nas mãos e assim que a folia encerra a toada, a bandeira é colocada no altar. Logo

após, é rezado um terço a pedido do festeiro, no qual nem todos no salão participam, mas todos respeitam em silêncio.



IMAGEM 30 – Presépio vivo durante a chegada da bandeira. Foto de Pedro H. Victorasso. 09 de janeiro de 2010.

A reza do terço durante a Chegada da Bandeira é uma prática que foi mantida ao longo dos anos da Companhia de Reis Fernandes, porém, de acordo com o depoimento de dona Nadir Fernandes, senhor Celso Fernandes realizava o terço após a festa, momento em que o público em sua maioria já havia deixado o local. Assim, foi necessário mudar a estrutura do festejo, que passou a ter a reza antes da distribuição de alimentos, com o intuito de abranger a participação de todos os devotos. Nesse sentido, se torna evidente que esse grupo efetua suas obrigações sagradas e apenas depois de cumpri-las é iniciada a comemoração final.

Com a Chegada que meu irmão faz a gente já reza o terço, porque antigamente, meu pai deixava para rezar o terço a noite, assim que eles faziam uma despedida dos foliões, então tinha o terço! Mas aí geralmente era só nós, da família e os que cantavam, porque o pessoal comia e depois ia embora, ninguém esperava para rezar o terço de noite, era muito difícil alguém ficar ali até a noite para rezar o terço! Então foi aí que meu pai resolveu mudar, então, para o pessoal acompanhar o terço de Santos Reis, que a gente rezava para Santos Reis, então aí fazia a Chegada e após a Chegada já reza o terço.¹⁵²

Depois de concluídas as atividades religiosas, inicia-se a parte profana do festejo que, segundo o gerente da Companhia, geralmente recebe cerca de 800 a 1000 pessoas, cálculo

¹⁵² Entrevista com Nadir Fernandes. Data: 15 de outubro de 2013.

baseado na quantidade de alimentos distribuída na ocasião.¹⁵³ No festejo de 2010, a comida começou a ser servida juntamente com o refrigerante. Esse momento, como mencionado no capítulo anterior, passa a ser um momento de confraternização, quando os foliões comemoram com o povo a jornada cumprida, compartilhando tudo que foi ofertado aos santos. Na ocasião, os foliões aproveitaram seus instrumentos e tocaram músicas sertanejas. Notou-se que muitas pessoas presentes na festa não receberam a folia em suas casas, fato que não incomoda os foliões, que fazem questão de destacar, como o folião Dorival Ribeiro, que o festejo “é para todos os filhos de Deus”¹⁵⁴.

O ritual de despedida é efetuado após a distribuição de churrasco e refrigerante, quando no salão encontra-se um número reduzido de pessoas. Nesse momento, o embaixador inicia uma nova cantoria agradecendo todas as pessoas que trabalharam para a efetivação da Chegada da Bandeira. Sendo assim, o festeiro se posiciona com a bandeira, enquanto os foliões se organizam conforme sua hierarquia, para enfim, iniciarem a toada que não difere de outras apresentações. Entretanto, o conteúdo dos versos é criado para agradecer cada participante, o que requer criatividade do embaixador. Após agradecer a todos os presentes, o mestre começa os agradecimentos aos foliões, que conforme são agradecidos param de cantar e tocar seus instrumentos um a um. O ritual é finalizado com as famosas vivas dos fardados, na sequência, o gerente da Companhia recolhe a bandeira que será utilizada novamente apenas no próximo giro. No ano seguinte, todas essas situações e rituais serão repetidos de acordo com os costumes.

Durante a análise dos símbolos e rituais presentes na Companhia de Reis Fernandes, pôde-se concluir que houve mudanças provocadas por fatores econômicos, pois os foliões já não podiam tirar tantos dias de folga para a jornada. Antes, muitos eram autônomos e tinham suas roças, agora na cidade a maioria deles tem que acatar as ordens de seu empregador. Assim, pode-se notar uma primeira mudança no ritual, segundo a qual, os foliões deixam de seguir rigidamente as datas do giro, passando a sair dias antes do Natal, em automóveis, voltando todos os dias para suas casas, mas mantendo o giro até o dia 6.

As mudanças na transposição do giro afetaram a Companhia de Reis Fernandes também no quesito doações, pois, como apontam os foliões, na zona rural elas eram muito mais fartas, já na cidade, as pessoas não têm tantas condições assim, principalmente os mais pobres. Os foliões esclarecem que as promessas para os Santos Reis continuaram, mesmo na cidade, o que reduziu foi a fartura, pois antigamente todos tinham suas criações nos sítios,

¹⁵³ Entrevista com Nilson Fernandes. Data: 14 de outubro de 2013.

¹⁵⁴ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

independente da classe social. Essa redução nas doações acabou impactando na hora da realização da festa, gerando uma dificuldade maior, apesar de os relatos indicarem que a festa em si continua muito farta.

Agora voltando aos donativos que ganha, não, antigamente as coisas eram mais fartas, as coisas, as prendas eram melhores, você ganhava mais prendas! Inclusive você passava naquelas fazendas, elas doavam muitos novilhos, bezerros, as doações eram mais fortes, as doações ajudavam mais! Hoje, porque nas propriedades rurais hoje tem poucas pessoas, então você depende de cantar muito na cidade! Então na cidade hoje você vê que a gente está passando por uma fase de vida, principalmente para a classe pobre, a classe média e a rica tudo bem, mas a classe pobre hoje coitado, se você passar na casa dele, ele vai te dar uma oferta, mas ele vai dar uma oferta para você dentro do orçamento dele!¹⁵⁵

Nota-se também que nas cidades há um aumento significativo de outras religiões, principalmente de evangélicos, que não acreditam em santos. Assim, a Folia de Reis, uma prática enraizada no catolicismo, encontra novas barreiras para sua execução, pois algumas casas não a recebem mais, e segundo o folião Nilson Fernandes, “quando a folia chega hoje em dia, não se faz mais festa como antigamente”¹⁵⁶.

Outro aspecto relevante percebido no decorrer da pesquisa corresponde às mudanças sociais, pois segundo os foliões, houve uma mudança brusca no modo como os devotos os recebiam durante as visitas da Companhia. Os integrantes do grupo apontam que na época em que o giro ocorria na zona rural, as pessoas recebiam a Folia de Reis com muita festa, com flores e alegria, já hoje em dia, as pessoas não têm o mesmo entusiasmo e devoção. Para o gerente da Companhia Nilson Fernandes, “Hoje você canta na cidade, não! Você chega, bate numa casa, te recebem, tem pessoas que mesmo sendo católicos te recebem de má vontade! Não é aquela alegria de antigamente! Hoje não! Hoje é tudo diferente! Mudou muito! Mudou barbaridade!”¹⁵⁷ Nesse sentido, pode-se comparar esse episódio à falta de reconhecimento por um trabalho bem feito, pois antigamente as pessoas conferiam muito prestígio a esse grupo, reconhecendo seu papel de intermédio entre os homens e as divindades.

Antigamente o povo do sítio, ele é muito mais, sei lá se ele tinha mais fé ou não, mas era muito mais chegado, era aquela colônia de quinze, vinte casas, você ia à primeira casa aí todo vinha e acompanhava a Companhia de Reis. Agora na cidade não! Você passa numa casa é aquilo ali, vai à outra casa normal! E o povo parece que de primeiro era mais, sei lá, acreditava mais

¹⁵⁵ Entrevista com Dorival Ribeiro. Data: 16 de outubro de 2013.

¹⁵⁶ Entrevista com Nilson Fernandes. Data: 14 de outubro de 2013.

¹⁵⁷ Entrevista com Nilson Fernandes. Data: 14 de outubro de 2013.

parece! O povo de hoje, essa molecada de hoje é mais, parece que não tem muita fé, é mais balada do que as coisas assim!¹⁵⁸

As transformações sociais demandaram também mudanças de hábitos e costumes vivenciados pelos membros da Companhia e suas famílias, que geralmente são as grandes responsáveis pela manutenção dessa manifestação. Com o passar dos anos, as pessoas mais velhas que moravam na zona rural e eram devotas dos Santos Reis faleceram. Essa queda no número de devotos, aliada às mudanças já citadas, tem dificultado a continuidade da Folia.

No bairro em que a Companhia de Reis Fernandes desenvolve suas atividades há mais de 50 anos, o reconhecimento ainda é muito forte e, muito desse reconhecimento se deve à seriedade e devoção do fundador do grupo Celso Fernandes, que enquanto morou na cidade, residiu nesse bairro. Senhor Nilson, filho do fundador e atual gerente, afirma que ainda hoje as pessoas perguntam sobre a “Folia do Senhor Celso”, assim como alguns relatam que sentem a presença dele quando o grupo está tocando. Um relato recorrente sobre o fundador da Companhia é a respeito de sua última Chegada da Bandeira, durante a qual o folião mal conseguia segurar a viola e mesmo assim não deixou de cumprir suas obrigações.

Em vista disso, os entrevistados que fazem parte da família Fernandes têm uma visão negativa sobre a continuidade do grupo no futuro, pois não está sendo realizada uma renovação, como sempre aconteceu. Esse fato se deve, sim, às mudanças comportamentais, entretanto, o fator principal para essa nova geração não demonstrar interesse em participar da Companhia é falta da influência direta do patriarca da família. Segundo depoimentos, enquanto viveu, Celso Fernandes não precisava impor aos familiares que alguém participasse da Folia de Reis, era seu exemplo de amor à essa manifestação que despertava interesse nos mais novos. De acordo com Nadir Fernandes, a falta de contato com seu pai tem dispersado o interesse dos netos e bisnetos que pouco conviveram com ele.

Agora até os próprios da família, agora não querem participar! Então a gente sempre fala, é uma coisa que meu pai deixou então às vezes a gente sente muito nisso! Porque eu acho que vai mudando, por exemplo, os netos do meu pai, cada um tem sua vida, seu ritmo de vida e os bisnetos já não dão bola para isso! Já não tem aquela influência que a gente teve quando criança, junto com meu pai.¹⁵⁹

Portanto, podemos concluir que a Companhia de Reis analisada passou por um processo de transformações em suas práticas e representações, cujos principais motivos se

¹⁵⁸ Entrevista com Arnaldo Luís Nardelli. Data: 18 de outubro de 2013.

¹⁵⁹ Entrevista com Nadir Fernandes. Data: 15 de outubro de 2013.

devem à mudança do ambiente do festejo, assim como posteriormente ao falecimento do fundador do grupo, Celso Fernandes, figura importante para a manutenção dessa Companhia. Nesse período abordado, foi possível perceber que os rituais e símbolos dessa manifestação passaram por mudanças que influenciaram os foliões criando um movimento de desconstrução de alguns elementos, por um lado, e construindo novas práticas e representações que foram incorporadas ao festejo, por outro. Sabe-se que essas mudanças foram estimuladas por diversos fatores da esfera macro e micro da sociedade, cujo grupo vivenciou e foi envolvido de forma significativa.

Contudo, nesse dinamismo das transformações culturais que levaram a perdas e inovações nos diversos costumes ligados à Folia de Reis, aos olhos do pesquisador foi possível compreender todas as esferas da humanidade atuando nesse processo. Dessa forma, esse festejo tradicional na cidade de Olímpia possibilitou uma análise complexa de um grupo de pessoas comuns que compartilham uma identidade e uma importância social para o local em que está inserido. Entretanto, é importante ressaltar que, para os foliões que participam dessas práticas, o significado da Companhia da qual eles fazem parte é puramente religioso, uma manifestação de fé e devoção nos Santos Reis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos no decorrer deste trabalho investigar a trajetória, as variações e permanências nas práticas e representações da Companhia de Reis Fernandes do município de Olímpia durante o período de transição do giro da zona rural para a zona urbana, dentre os anos de 1964 a 2014.

Embora nesse município atualmente existam doze companhias de Folias de Reis, o grupo escolhido para investigação, iniciado em 1964, pelo folião Celso Fernandes, é o mais antigo em atividade ininterrupta. Entendemos que a pesquisa deveria focar apenas um grupo, pois essas manifestações devem ser entendidas em suas singularidades, e de acordo com as apropriações que dão sentido ao mundo desses foliões.

Nessa perspectiva, pôde-se compreender que esse festejo não deve ser abordado apenas como uma prática cultural, pois, no decorrer da pesquisa foi possível desenvolver uma análise que, além das questões culturais, enxerga nessa complexa manifestação uma relação com outros setores da vida humana, como a política, a economia, a religião e o seu aspecto social. Esses fatores que atravessam essa Companhia de Reis e seus integrantes estão diretamente relacionados à continuidade do grupo ao longo desses anos, diferente de muitos outros grupos que acabaram desaparecendo. Porém, essas relações efeturaram alterações na Companhia de Reis Fernandes e tem impactado de forma negativa a perspectiva de futuro dessa Folia de Reis.

Durante a investigação foi possível concluir que essa prática cultural está inserida num local que desde a década de 1960 tem se preocupado com a preservação de grupos folclóricos e, a partir de muitas iniciativas em prol do Folclore, há de se destacar a criação de instituições que desde então tem incentivado financeiramente, com verbas públicas e privadas, esses grupos locais para que participem de um evento anual, o Festival do Folclore de Olímpia.

Ao longo da pesquisa, foi possível compreender que para os foliões da Companhia estudada, se apresentar no Festival não tem o mesmo significado do giro realizado durante o ciclo natalino. Porém, há de se apontar benefícios relacionados a esse tipo de ação. Os integrantes desse grupo são pessoas simples, o que participem com contribuições financeiras para manutenção do grupo, que necessita frequentemente de troca nas vestimentas e reformas nos instrumentos. Essa verba possibilita que todo o dinheiro arrecadado ao final do giro seja revertido apenas em prol da festa da Chegada da Bandeira, ápice desse festejo. Os foliões

também enxergam nesse tipo de apresentação uma oportunidade de exibirem suas práticas devocionais ao público interessado, levando adiante seus costumes.

Sendo assim, o movimento folclórico na cidade de Olímpia é repleto de interesses econômicos e políticos que influem positivamente na manutenção desse grupo, se destacando como um dos fatores que possibilitam que essa Companhia exista há mais de 50 anos, nesse caso o recorte espacial age diretamente sobre o objeto de estudo.

No entanto, esse grupo não considera o que eles fazem como uma prática folclórica, pois na visão desses personagens o que eles fazem é exclusivamente religioso. Assim, pode-se observar que essa manifestação está inserida no denominado catolicismo tradicional brasileiro, o qual tem como principais características ter suas raízes vinculadas ao espaço rural do município. Esse tipo de catolicismo independe de um membro oficial da Igreja para seu desenvolvimento, assim, os rituais passam a ser ministrados pelos foliões, que são os representantes diretos dos Santos Reis na vida terrena.

Outra característica comum a essa religiosidade é o aspecto familiar, pois esse tipo de devoção é passado de pai para filho, de geração para geração. Embora dentro do grupo abordado nem todos os foliões façam parte da família Fernandes, a sua continuidade se dá graças às lembranças que familiares, ou não, têm de Celso Fernandes, patriarca da família e fundador do grupo. A imagem que senhor Celso deixou para os continuadores da Companhia é de muita devoção à Folia de Reis. Desde a sua morte, a família tem sido a principal responsável pelo desenvolvimento do grupo.

Também é possível notar o aspecto social nessa manifestação, tendo em vista que esses foliões há muitos anos compartilham vivências, sendo que muitos deles fortaleceram laços de amizade. Mesmo durante o período que não compreende o giro, esses homens mantêm o contato a partir de reuniões com churrasco e música sertaneja, transparecendo que a Folia de Reis também é um espaço de sociabilidade.

Todos esses aspectos apontados são considerados elementos de coesão e continuidade para esse grupo. Porém, sabemos que desde 1964 esses homens viveram muitas transformações econômicas e sociais que influenciaram diretamente as variações nos rituais e símbolos da Companhia de Reis Fernandes.

O giro foi deslocado da zona rural para o espaço urbano e, nesse contexto, os foliões tiveram que adaptar suas novas realidades e seus novos empregos aos antigos rituais. Assim, nota-se que esses fatores econômicos estimularam mudanças, pois antes esses homens andavam por 11 dias ininterruptos pelos sítios e fazendas. Agora, os devotos se encontram na cidade, eles não andam mais a pé e não podem ficar tantos dias sem trabalhar. A jornada que

acontecida de 25 de dezembro a 6 de janeiro passou a começar com antecedência, devido ao pouco tempo de giro que lhes restava.

Mesmo com a mudança espacial, de acordo com os foliões, os devotos continuam fazendo promessas para Santos Reis. Mas, é notável que houve uma queda na fartura das doações, assim como, uma grande diferença em como são recebidos pelos devotos, pois, na zona rural, apontou-se que a Companhia era recebida com muita festa e prestígio. Hoje em dia, os foliões sentem-se menos prestigiados diante das casas visitadas.

Os foliões acreditam que muitas famílias não os recebem com festa porque as pessoas não têm tanta fé como antigamente. Eles também apontam que tem aumentado muito o número de casas que não os recebem por serem de evangélicos. Entretanto, é reforçado que não há nenhum problema quanto a isso, pois nunca foram desrespeitados.

Ao longo da análise da trajetória desse grupo, assim como de seus rituais e símbolos, foi possível detectar que a mudança espacial do festejo alterou algumas atividades que reforçavam ainda mais a sociabilidade entre esses homens. Os dias de jornada na zona rural eram finalizados com muita música sertaneja e catiras. Hoje, presos ao trabalho na cidade, esses homens aproveitam suas folgas e voltam para suas casas desgastados para, no dia seguinte, voltar ao trabalho.

O processo de urbanização das últimas décadas também alterou os hábitos e costumes das novas gerações, fato que gerou preocupação para a família Fernandes, que não vê perspectiva de futuro da Companhia de Reis nos jovens, que são os grandes responsáveis pela manutenção dessa manifestação de devoção. Esse medo se fortalece devido à avançada faixa etária dos atuais integrantes do grupo, sendo assim, quando eles deixarem de cantar na Folia de Reis, ela estará fadada ao fim. Antes, esse festejo tinha um forte fator de coesão, representada, sobretudo, pela imagem de devoção e amor à Folia de Reis de Celso Fernandes; hoje, a falta de contato com o patriarca da família pode ser apontada como um dos fatores principais pelo desinteresse desses jovens. Embora o filho de Celso, Nilson Fernandes, tenha mantido o grupo unido em nome de seu pai e de sua fé, não tem sido o suficiente para engajar a nova geração, que segundo os foliões, tem outras preocupações.

Por fim, ressaltamos que esse grupo atual, composto em sua maioria de senhores, desempenha um papel muito importante para a comunidade local. Eles entendem que são intermediários entre os devotos e as divindades, e embora tenham enfrentado algumas variações e dificuldades, todo ano esse grupo tem continuado sua jornada, sua missão, como eles costumam chamar. No bairro Jardim Paulista, o “grupo do senhor Celso”, como é chamado pelos populares, todo ano é esperado na época de Natal para os devotos reforçarem

suas preces. Na cidade, esse grupo conta com o prestígio dos organizadores do Festival do Folclore de Olímpia, que todos os anos renovam seus convites para participação no evento.

Embora entre os membros mais antigos da família Fernandes ronde um medo dessa devoção acabar, devemos nos atentar que esse tipo de manifestação cultural/religiosa é dinâmico. Desde o início, as práticas e representações desse grupo vêm se alterando lentamente e, ao longo dos mais de 50 anos de história, esse grupo tem se adaptado às mudanças que vivenciam, como uma forma de continuar existindo, principalmente devido à sua importância para a comunidade em que está inserido. Assim, enquanto a Companhia de Reis Fernandes fizer sentido para esses foliões que a tem vivenciado, as transformações e adaptações serão bem-vindas a essa tradição, que só deixará de existir apenas no momento que não fizer mais nenhum sentido para as pessoas envolvidas.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. *Cultura popular: um conceito e várias histórias*. In: ABREU, M.; SOIHET, R. (Orgs.) *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 83-102.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. Patrimônio e Memória*. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.7, n.1, p. 134-150, jun. 2011.

ALMEIDA, Renato. *Vivência e projeção do folclore*. Rio de Janeiro: Agir, 1971.

_____. *Inteligência do folclore*. Rio de Janeiro: Cia. Ed. Americana, 1974.

AZZI, Riolando. *O Catolicismo Popular no Brasil: Aspectos históricos*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

BARROS, José D'Assunção. Escolas Históricas – discussão de um conceito a partir de dois exemplos principais: a “Escola Histórica Alemã” e a “escola dos Annales”. *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 17, n. 24, p. 7-36, dezembro, 2010. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2010v17n24p7/18486> acesso em: 09 de junho de 2013.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara. Nota sobre a fotografia*. 8ª reimpressão. Tradução de Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. *Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade*. In: Obras Escolhidas Vol. I: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A folia de Reis de Mossamedes*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

_____. *Os deuses do povo: Um estudo sobre religião popular*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARNEIRO, Edison. *Dinâmica do folclore*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

CASTRO, Zaíde Maciel de. COUTO, Aracy do Prado. *Folias de Reis*. Rio de Janeiro: Funarte, 1961.

CAVALCANTI, Maria Laura. *Cultura e saber do povo*. Revista Tempo Brasileiro. Patrimônio Imaterial. Out-Dez. n.º 147. p. 69-78. Rio de Janeiro, 2001.

CHARTIER, Roger. “*Cultura popular*”: revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.8, nº16, 1995, p.179-192.

_____. *O Mundo Como Representação*. Tradução de Andréa Daher e Zenir Campos Reis. Revista das Revistas, Estudos Avançados (nome da revista), São Paulo, v.5, n.11, p. 173-191 jan./abr. 1991.

_____. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CORREIA, Iara Toscano; MACHADO, Maria Clara Tomaz. *As Folias de Reis no Sertão das Gerais: Expressões da religiosidade popular em Januária – MG*. In: DIAS, Renato da Silva; ARAÚJO, Jeaneth Xavier de (Orgs). *Representação do sertão: poder, cultura e identidade*. São Paulo: Humanitas, 2013, p. 241-265.

DARNTON, Robert. História e Antropologia. In: DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 289-303.

FERNANDES, Florestan. *O folclore em questão*, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História Oral, comemorações e ética*. Projeto História. Ética e história oral, São Paulo, nº 15, p.157-164, abr. 1997.

GOLOVATY, Ricardo Vidal. *Cultura popular: saberes e práticas de intelectuais, imprensa e devotos de Santos Reis – 1945-2002*. 2005. 180 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

GONÇALVES, Maria Célia da Silva. *Folias de Reis: o eco da memória na (re) construção da performance e identidade dos foliões em João Pinheiro, estado de Minas Gerais*. In: IV ENECULT. Salvador, 2008.

HOBBSAWM, Eric; RAGER, Terence (orgs). *A invenção das tradições*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

HORTA, Ana Paula Santos. *Os Reis da Canastra: os sentidos da devoção nas folias*. 2011. 160f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas/SP: Papyrus, 1996.

KIMO, Igor Jorge. *Estratégias de Manutenção em um Terno de Folia de Reis no Norte de Minas Gerais*. In: ANPPOM – Décimo Quinto Congresso. Rio de Janeiro, 2005.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *Realidades e Ficções na trama fotográfica*. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

LOPES, André Camargo. *Adeus às violas: As Companhias de Reis da região dos Cinco Conjuntos no município de Londrina/PR – estudos históricos acerca do catolicismo tradicional popular brasileiro e a formação dos mestres-rituais a partir da mobilidade social da região*. 2009. 391f. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Cultura popular e desenvolvimento em Minas Gerais: Caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985)*. 1998. 291f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

MARANGONI, José M.J. *Olímpia– cidade menina-moça 1966-2003*. Olímpia: Centrograf, 2003. V3.

MENDES, Luciana Aparecida de Souza. *As Folias de Reis em Três Lagoas: a circularidade cultural na religiosidade popular*. 2007. 142f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2007.

NOGUEIRA, Wanderleia Silva. “*A Festa de Folia de Reis de Quirinópolis – Lugar de Memória (1918-2010)*”. 2011. 114f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.

NOVAIS, F.A.; SILVA, R.F. da. *Nova história em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ORTIZ, Renato. *Românticos e Folcloristas*. São Paulo: Editora Olho d’água, 1992.

OUROFINO, João Venâncio Machado de. *São Braz de Minas: A migração, as transformações locais e o imaginário religioso*. 2009. 169f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

PINTO, Jorge Luiz Dias. *Os espaços da Folia de Reis em Maringá – PR: O grupo Unidos com Fé*. 2010. 129f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.200-212.

_____. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989. p. 3-15.

PELEGRINI, Sandra C. A. *Tradições e histórias locais: As esperanças nas bandeiras do divino em São Luiz do Paraitinga (SÃO PAULO/BRASIL)*. Patrimônio e Memória: UNESP – FCLAs – CEDAP, v.7, n.1, p. 231-256, jun. 2011.

PEREIRA, L. M. L. *História Oral, identidade e sociedade: desafios e perspectivas*. In: *VI Encontro Nacional de História Oral*, 2002, São Paulo. Tempo e Narrativa. São Paulo: CNPq/USP, 2002.

PORTELLI, Alessandro. *A Filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996, p.59-72.

_____. *Sonhos Ucrônicos. Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores*. Projeto História, São Paulo, (10), dez. 1993. p. 41-58.

REIS, Daniel. *Entre arquivos e memórias; a respeito de uma narrativa audiovisual sobre a CDFB*. In: *Em busca da tradição nacional (1947-1964)*. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Brasil, 2008, p. 7-24.

Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Materia=185>. Acesso em: 11 nov. 2013.

RIBEIRO, Juliana. *O movimento folclórico e o acervo sonoro-visual da Biblioteca Amadeu Amaral*. In: *Em busca da tradição nacional (1947-1964)*. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Brasil, 2008, p. 25-29.

Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Materia=185>. Acesso em: 11 nov. 2013.

SAMUEL, R. Teatros de Memória. Projeto História. São Paulo, nº. 14, p. 41-81, 1997.

SAMUEL, R. Escopofilia. Projeto História. São Paulo, nº. 21, p. 25-37, 2000.

SILVA, Mônica Martins da. *As festas populares e a “invenção” das tradições: uma reflexão sobre as cavalhadas e a procissão do fogaréu em Goiás (1940-1980)*. Patrimônio e Memória. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.7, n.1, p. 212-230, jun. 2011.

THOMPSON, E. P. Rough Music. In: THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 353-397.

TREMURA, Welson Alves. *With an open heart: Folia de Reis, A Brazilian Spiritual Journey Through Song*. 2004. 322f. Tese (Doutorado em Música) - The Florida State University. 2004.

VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)*. Rio de Janeiro: Funarte: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

ZALUAR, Alba. *Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

FONTES

BÍBLIA SAGRADA, Evangelho Segundo São Mateus. Editora Santuário Aparecida, São Paulo. 1984. 5ª edição. Capítulo 2, vers. 1-12.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1993.

O Boletim do Interior - Festival de Folclore de Olímpia: 20 anos de amor à cultura brasileira. Setembro de 1984.

ANUÁRIOS DO FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA

Anuário do 7º Festival do Folclore de Olímpia-SP. Ano II – nº2 – 09 de agosto de 1971.

Anuário do 8º Festival do Folclore de Olímpia-SP. Ano III – nº3 – 20 de agosto de 1972.

Anuário do 9º Festival do Folclore de Olímpia-SP. Ano IV – nº4 – 13 de agosto de 1973.

Anuário do 11º Festival do Folclore de Olímpia-SP. Ano V – nº5/6 – 15 de agosto de 1975.

Anuário do 12º Festival do Folclore de Olímpia-SP. Ano VI – nº7 – 15 de agosto de 1976.

Anuário do 13º Festival do Folclore de Olímpia-SP. Ano VII – nº8 – agosto de 1977.

Anuário do 14º Festival do Folclore de Olímpia-SP. Ano VII – nº9 – 19 de agosto de 1979.

Anuário do 20º Festival do Folclore de Olímpia-SP. Ano XI – nº14 – 22 de agosto de 1984.

Anuário do 24º Festival do Folclore de Olímpia-SP. Ano XV – nº18 – 22 de agosto de 1988.

Anuário do 25º Festival do Folclore de Olímpia-SP. Ano XVI – nº19 – 22 de agosto de 1989.

Anuário do 26º Festival do Folclore de Olímpia-SP. Ano XVII – nº20 – 22 de agosto de 1990.

Anuário do 27º Festival do Folclore de Olímpia-SP. Ano XVIII – nº21 – 22 de agosto de 1991.

Anuário do 29º Festival do Folclore de Olímpia-SP. Ano XX – nº23 – 22 de agosto de 1993.

Anuário do 39º Festival do Folclore de Olímpia-SP. Ano XXX – nº33 – 22 de agosto de 2003.

Anuário do 40º Festival do Folclore de Olímpia-SP. Ano XXXI – nº34 – 22 de agosto de 2004.

Anuário do 41º Festival do Folclore de Olímpia-SP. Ano XXXII – nº35 – 22 de agosto de 2005.

Anuário do 43º Festival do Folclore de Olímpia-SP. Ano XXXIV – nº37 – 22 de agosto de 2007.

SITES

<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>. Acesso em 05/02/2013.

<http://xvcongressobrasileirodefolclore.wordpress.com/inicio/>. Acesso em 11/11/2013.

<http://www2.cultura.gov.br/culturaviva/premio-culturas-populares-2012-2/>. Acesso em 11/11/2013.

<http://www.ronaldocaiado.com.br/historia/>. Acesso em 12/03/2015

DOCUMENTÁRIO

Em busca da tradição nacional (1947-1964). Realização Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Roteiro: Daniel Reis e Juliana Ribeiro. Brasil, 2008. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Materia=185>. Acesso em: 11 nov. 2013.

ENTREVISTAS

Entrevista 1

Entrevista gravada em 14 de outubro de 2013.

Entrevistado: Nilson Fernandes (contrato)

Local da entrevista: residência do Sr. Nilson Fernandes.

Tempo de entrevista: aproximadamente 47 min.

Entrevista 2

Entrevista gravada em 14 de outubro de 2013.

Entrevistado: Aparecida Donizete de Souza Fernandes (tala)

Local da entrevista: residência do Sra. Aparecida Donizete de Souza Fernandes.

Tempo de entrevista: aproximadamente 15 min.

Entrevista 3

Entrevista gravada em 15 de outubro de 2013.

Entrevistado: Nadir Maria Fernandes.

Local da entrevista: residência do Sra. Nadir Maria Fernandes.

Tempo de entrevista: aproximadamente 1 h 03 min.

Entrevista 4

Entrevista gravada em 15 de outubro de 2013.

Entrevistado: Nelson Fernandes.

Local da entrevista: residência do Sr. Nelson Fernandes.

Tempo de entrevista: aproximadamente 39 min.

Entrevista 5

Entrevista gravada em 16 de outubro de 2013.

Entrevistado: Rubens José de Carvalho (4ª voz).

Local da entrevista: residência do Sr. Rubens José de Carvalho.

Tempo de entrevista: aproximadamente 50 min.

Entrevista 6

Entrevista gravada em 16 de outubro de 2013.

Entrevistado: Dorival Ribeiro (palhaço).

Local da entrevista: residência do Sr. Dorival Ribeiro.

Tempo de entrevista: aproximadamente 1h 51 min.

Entrevista 7

Entrevista gravada em 17 de outubro de 2013.

Entrevistado: Roberto José de Carvalho (contra-mestre).

Local da entrevista: residência do Sr. Roberto José de Carvalho.

Tempo de entrevista: aproximadamente 1h 01 min.

Entrevista 8

Entrevista gravada em 18 de outubro de 2013.

Entrevistado: Arnaldo Luís Nardelli (palhaço).

Local da entrevista: residência do Sr. Arnaldo Luís Nardelli.

Tempo de entrevista: aproximadamente 34 min.

Entrevista 9

Entrevista gravada em 08 de maio de 2014.

Entrevistado: Sebastião Hostário Togneri (embaixador).

Local da entrevista: residência do Sr. Sebastião Hostário Togneri.

Tempo de entrevista: aproximadamente 1h 03 min.